

VICTOR BARROSO ROSADO

**EMERGÊNCIA DE NOVAS CENTRALIDADES INTRAURBANAS
ALIADAS AO CICLO DE VIDA DA POPULAÇÃO**

Dissertação apresentada à
Universidade Federal de Viçosa,
como parte das exigências do
Programa de Pós-Graduação em
Arquitetura e Urbanismo, para
obtenção do título de *Magister
Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS - BRASIL
2019

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

R788e
2019 Rosado, Victor Barroso, 1993-
Emergência de novas centralidades intraurbanas aliadas ao
ciclo de vida da população / Victor Barroso Rosado. – Viçosa,
MG, 2019.
x, 90 f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui anexos.

Orientador: Tiago Augusto da Cunha.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 85-88.

1. Viçosa (MG) - População. 2. Descentralização.
3. Dinâmica populacional. 4. Ciclo vital humano. I. Universidade
Federal de Viçosa. Departamento de Arquitetura e Urbanismo.
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo.
II. Título.

CDD 22. ed. 711.4098151

VICTOR BARROSO ROSADO

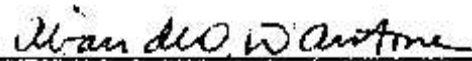
**EMERGÊNCIA DE NOVAS CENTRALIDADES INTRAURBANAS
ALIADAS AO CICLO DE VIDA DA POPULAÇÃO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 26 de fevereiro de 2019.



Andressa Carmo Pena Martinez



Alvaro de Oliveira D'Antona



Tiago Augusto da Cunha
(Orientador)

Dedico este pequeno esforço a
meus pais, Rosalva e Mauro,
minha irmã Gisele e
minha companheira Lud.

AGRADECIMENTOS

Nesta caminhada muitas pessoas foram importantes para fazê-la possível e por amenizá-la em alguns momentos, por isso, tenho de fazer um agradecimento formal, ainda que minha gratidão seja demonstrada todos os dias.

Agradeço primeiramente ao professor Tiago Cunha, que confiou em meu trabalho aceitando orientar alguém com uma formação diferente, não medindo esforços para que diálogos e pontos de interface fossem criados entre nós. Ser orientado por alguém tão dedicado à ciência foi um privilégio, que me ofereceu aprendizados que levarei para toda vida. Uma das atividades mais prazerosas durante esses dois anos, foram nossas reuniões, sendo assim, sou grato ao grupo Territórios e Desigualdades, e as membras Cecília, Mariana, Samara e Samarane. Nossas discussões, desesperos e risadas foram parte importantíssimas para o alívio da tarefa solitária que é a pesquisa.

Ao Programa de Pós-graduação sou grato pela recepção deste geógrafo perdido. Agradeço a todos os professores pelos ensinamentos e inquietações, e aos funcionários, Coutinho e Sr. Carlinhos, pela disponibilidade em solucionar os problemas que apareceram nesse período. Agradeço, ainda, aos colegas que dividiram algumas das angústias do pesquisar, em especial a Juliana, pelos debates políticos, e a Ana Clara pelos chopos ingeridos.

Aos meus pais, Rosalva e Mauro, agradeço pelo auxílio desde o início da minha formação, onde não mediram esforços para que minha única preocupação fosse estudar, reconheço o sacrifício de vocês, e espero que a conclusão desse trabalho seja uma forma de retribuir. Estendo meu agradecimento à minha irmã Gisele que sempre esteve solícita durante o mestrado e toda vida.

Á Lud, exemplo de mulher e pesquisadora, agradeço pelo amor dedicado a mim e ao incentivo desde o início do processo, sem você não teria nem iniciado o trabalho. Obrigado por sempre acreditar em mim, mesmo que eu não acredite. Aproveito para agradecer à sua família, em especial aos meus sogros, Branca e Sr. Laurice, e ao Léo, pela receptividade durante as férias e feriados. Ao meu cunhado Márcio pelas conversas, desde as banais até as mais profundas discussões políticas. Sou grato ao meu sobrinho Diogo, e ao meu amigão Bernardo, que com a inocência e pureza infantil, alegraram meus dias junto a eles, fazendo com que nada mais importasse.

Agradeço a todos os amigos que contribuíram de alguma forma com essa construção. A Hugo agradeço pelo companheirismo desde a infância, e pela presença em toda a pesquisa. Sou grato ainda ao Xisto pelos fins de semana assistindo jogos do Cruzeiro, e aos demais membros do grupo “Amigos do Galvão Sayajin”, sendo eles Biel, Edilson, Galvão, Nael, Robson e Saymon, foram amigos que fiz durante a graduação, estiveram presentes no mestrado, e espero estarem presentes por toda vida. Agradeço a Ítala, também pesquisadora dos estudos urbanos, e que dividiu comigo experiências, dificuldades e ideias. Ao meu primo/irmão Felipe, pelo interesse em meu trabalho, e pelo reconhecimento da importância daquilo que pesquisei. Agradeço ainda à dupla antifascista Rato e Poeiras, por servirem de amparo em momentos de desespero, mostrando que os discursos de ódio nunca vencerão o humanismo e a democracia.

Aos alunos da Geografia da UFV, e ao professor Fernando Conde pela ajuda nos trabalhos de campo.

Agradeço à professora Isabel Chrysostomo pela receptividade durante o estágio em docência.

À Capes pelo financiamento da pesquisa.

Por fim, agradeço ao povo brasileiro, que custeou meus estudos desde à alfabetização até o momento atual, espero que meu trabalho seja útil para cada mãe e pai de família que contribuíram com minha formação. Sigo acreditando em uma educação pública de qualidade, e espero que, como professor, possa devolver um pouco do que foi investido em mim durante esses 20 anos.

A todos o meu muito obrigado!

Transmita o que você aprendeu.

Mestre Yoda

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS, QUADROS, FIGURAS E GRÁFICOS	vii
RESUMO	ix
ABSTRACT	x
1. INTRODUÇÃO.....	1
2. DELIMITAÇÃO DE CONCEITOS E TEMAS	4
2.1. A urbanização de cidades médias: um olhar sobre processos, formas e produtos	4
2.2. Centralidades intraurbanas como um dos aspectos iminentes do processo de urbanização	10
2.3. Dinâmica populacional e consumo: o ciclo de vida como método de análise	17
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	27
3.1. Posição da pesquisa no espaço-tempo.....	27
3.2. Espacialização dos dados coletados	35
3.3. Análise da dinâmica populacional sob o viés do conceito de Ciclo de Vida.....	39
3.4. Trabalhos de campo: empiria como forma de atualizar dados antigos	43
4. RESULTADOS OBTIDOS.....	48
4.1. Caracterização dos agrupamentos setoriais: compartimentação para se entender a totalidade	48
4.2. Modificações na população viçosense em acompanhamento à tendência brasileira.....	53
4.2.1. Modificações da distribuição espacial da população como produto e processo	63
4.2.2 Mudanças na distribuição espacial de renda.....	71
4.3. Modificações nos espaços de consumo como indutor e produto das alterações populacionais	73
5. CONCLUSÕES DO TRABALHO E APONTAMENTOS PARA O FUTURO DE VIÇOSA	82
REFERÊNCIAS.....	85

LISTA DE TABELAS, QUADROS, FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 1: Localização de Viçosa e Municípios sob influência de Viçosa segundo a REGIC (2008)	28
Figura 2: Localização do primeiro centro de Viçosa e da sede da ESAV	29
Figura 3: Instalações Da Indústria De Melaço S.A. (INDUMEL)	31
Figura 4: Distrito Industrial da Barrinha	31
Figura 5: Vista do centro da cidade a partir do campus da UFV	32
Figura 6: Localização dos novos equipamentos do vetor norte de Viçosa.....	34
Figura 7: Bairros por área de ponderação Viçosa - MG (2018)	37
Figura 8: Setores censitários por área de ponderação Viçosa - MG (2000 - 2010)	38
Figura 9: Pontos de coleta do primeiro trabalho de campo	44
Figura 10: Pontos de coleta do segundo trabalho de campo.....	47
Figura 11: Agrupamento setorial CENTRO - Viçosa - MG (2018)	49
11.1 - “Shopping” Chequer (Centro)	49
11.2 - Campus da UFV (Centro)	49
11.3 – Praça Silviano Brandão (Centro).....	49
11.4 - Avenida Olívia de Castro (Ramos)	49
Figura 12: Agrupamento setorial SUL - Viçosa - MG (2018).....	50
12.1 – Condomínio Acamari	50
12.2 – Conjunto Habitacional da Coelhas	50
12.3 – Praça Santana (Fátima).....	50
12.4 – Rua da Conceição (Estrelas).....	50
Figura 13: Agrupamento setorial CENTRO NORTE - Viçosa - MG (2018).....	51
13.1 – Avenida Castello Branco (Santo Antônio).....	51
13.2 – Rua dos Passos (Vale do Sol).....	51
13.3 – Rua Joaquim Lopes de Faria (Santo Antônio)	51
13.4 – Av. Jacob Lopes de Castro (Arduino Bolívar)	51
Figura 14: Agrupamento setorial NORTE - Viçosa - MG (2018)	52
14.1 – Univiçosa (Silvestre)	52
14.2 – Av. Marechal Castello Branco (João Brás)	52
14.3 – Cond. Recanto da Serra (Violeira)	52
14.4 – Bairro Liberdade.....	52
Figura 15: Indicador de Ciclo de Vida (ICV) por Setor Censitário – Viçosa – MG (2000 - 2010).....	59
Figura 16: Prédios antigos majoritariamente ocupados por estudantes – Rua dos Estudantes	61
Figura 17: Novos empreendimentos – Rua dos Estudantes.....	62
Figura 18: População residente por Setor Censitário – Viçosa – MG (2000 - 2010)	64

Figura 19: Fluxo migratório intraurbano de pessoas consultadas – Viçosa - MG (1980-2018).....	67
Figura 20: Fluxo semanal de pessoas adultas consultadas, por idade, por motivos familiares - Viçosa - MG (2018).....	69
Figura 21: Renda média do responsável pelo domicílio por setor censitário (2000 e 2010).....	72
Figura 22: Número estimado de estabelecimentos comerciais segundo o Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos (CNEFE) - Viçosa - MG (2018)....	74
Figura 23: Fluxo semanal de pessoas adultas consultadas, por idade, por motivo de consumo - Viçosa - MG (2018)	80
Tabela 1: Pontos de corte do Índice de Ciclo de Vida Viçosa – MG (2000 e 2010)	42
Tabela 2: Taxa de crescimento das populações brasileira e viçosense (2000 e 2010)	54
Tabela 3: Índice de ciclo de vida e idade do responsável pelo domicilio por área de ponderação Viçosa – MG (2000 e 2010)	57
Tabela 4: Taxa de crescimento das populações brasileira e viçosense (2000 e 2010) ...	65
Tabela 5: Relação entre ponto do estabelecimento comercial e a residência do proprietário Viçosa – MG (2018).....	78
Gráfico 1: Arranjos domiciliares – Viçosa – MG (2000 e 2010)	54
Gráficos 2 e 3: Indicador de Ciclo de Vida (ICV) – Viçosa - MG (2000 - 2010)	56
Gráfico 4: Arranjos domiciliares segundo ciclo vital Viçosa – MG (2000 e 2010)	58
Gráfico 5: Distribuição populacional por agrupamento setorial.....	65
Gráfico 6: Destino do fluxo de pessoas consultadas na pesquisa por agrupamento setorial - Viçosa - MG (1980-2018).....	66
Gráfico 7: Principal motivo para a localização dos estabelecimentos comerciais consultados - Viçosa - MG (2018)	77

RESUMO

ROSADO, Victor Barroso, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, fevereiro de 2019. **Emergência de novas centralidades intraurbanas aliadas ao ciclo de vida da população.** Orientador: Tiago Augusto da Cunha.

A temática das cidades médias vem ganhando grande destaque no campo dos estudos urbanos nos últimos anos; tal interesse se deve igualmente ao aumento populacional verificado nessa classe de cidade. A presente objetivou investigar, na cidade de Viçosa, localizada na Zona da Mata mineira, o surgimento de novas centralidades, possivelmente fruto de alterações ocorridas na escala da cidade. Em realidade, pretendeu-se esmiuçar a emergência de novas centralidades intraurbanas à luz de alterações do perfil demográfico de determinadas zonas de Viçosa. A primeira aproximação foi a de que há algum tipo de associação entre ambos domínios. De maneira a aquilatar a correlação entre os fenômenos a pesquisa se valeu, sobretudo, das alterações da noção de Ciclo de Vida. Assim como afirma Sposito (1991), centralidades podem ser descritas segundo sua variedade funcional, destacando-se aí o setor de comércio e serviços. Por outro lado, Bussab e Wagner (1994) constroem um indicador de Ciclo Vital, a partir das variáveis idade, posição familiar e número de filhos. Supomos que a concentração espacial de indivíduos em determinados estágios do ciclo vital pode influenciar o dinamismo econômico da cidade, alterando-a física e funcionalmente. Dessa maneira, ao menos objetivando captar o estágio do ciclo vital da população e da região estudadas, foram utilizados especialmente os Censos Demográficos 2000 e 2010. Através das análises desenvolvidas a hipótese de que existe relação entre formação de novas centralidades e dinâmica demográfica se confirmou, no entanto, Viçosa ainda não foi capaz de romper com sua estrutura monocêntrica. Além da questão fenomenológica estudada, o trabalho objetivou contribuir com o arcabouço teórico das cidades médias, principalmente no que tange a escala intraurbana, tema ainda pouco debatido. Ademais, o trabalho fornece um diagnóstico, ainda que inicial, sobre o desenvolvimento urbano e demográfico da cidade de Viçosa de acordo com o recorte temporal definido, podendo ser utilizado em futuras intervenções de planejamento e gestão urbanas.

ABSTRACT

ROSADO, Victor Barroso, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, February, 2019. **Emergence of new intra-urban centralities combined with the population's life cycle.** Advisor: Tiago Augusto da Cunha.

The thematic of median-sized cities has been gaining great prominence in the field of urban studies in recent years; this interest is also due to the population increase, which appears in this city class. The present research had as objective to investigate the emergence of new centralities in the city of Viçosa, located in Zona da Mata, Minas Gerais, which may be the result of changes in the intra-urban scale. In reality, the aim is to analyze the emergence of new intra-urban centralities in the light of changes in the demographic profile of certain intra-urban zones. The first approximation was that there is some kind of association between the two domains. In order to assess the correlation between the phenomena, the research was based, above all, on the changes in the notion of Life Cycle. As Sposito (1991) affirms, centralities can be described according to their functional variety, highlighting the commerce and services sector. On the other hand, Bussab and Wagner (1994) construct a Vital Cycle indicator from the variables age, family position and number of children. We assume that the spatial concentration of individuals in certain stages of the life cycle can influence the economic and functional dynamism of the city, altering it physically and functionally. Thus, with the aim of capturing the stage of the life cycle of the population and region studied, the Demographic Censuses of 2000 and 2010 are especially used. Through the analyzes developed, the hypothesis that there is a relationship between the formation of new centralities and demographic dynamics was confirmed, however, Viçosa has not yet been able to break with its monocentric structure. Besides the phenomenological question studied, the study aimed to contribute to the theoretical framework of median-sized cities, especially regarding the intra-urban scale, a theme that still is little debated. In addition, the final work will provide a diagnosis on the urban and demographic development of the city of Viçosa according to the defined temporal clipping, and can be used in future urban planning and management interventions.

1. INTRODUÇÃO

O processo de urbanização no Brasil vem passando por uma série de modificações nas últimas décadas. Se antes tinha-se uma rede urbana bem hierarquizada, com a concentração populacional e econômica monopolizada pelos grandes centros, hoje está observa-se um movimento de reestruturação nas relações interurbanas. No bojo de tais modificações, nota-se o crescimento em importância das Cidades Médias, tipologias de cidade que abrigam em si uma série de estruturas que antes eram próprias das metrópoles nacionais, atraindo um importante contingente populacional e ganhando notoriedade nas ciências urbanas.

A reestruturação urbana ocorre ainda dentro das próprias cidades, principalmente nas cidades médias que vem mudando sua forma de organização em decorrência da chegada das novas estruturas sobretudo, de consumo comuns ao momento atual. Além de sua modificação física, podem ser observadas também alterações no campo das dinâmicas demográficas. Tendo isso em vista, o objetivo inicial dessa pesquisa é investigar esses dois tipos de alterações ocorridas em cidades médias, averiguando a existência de relação entre elas.

Adotou-se como objeto de estudo deste trabalho a cidade de Viçosa. O município está localizado na Zona da Mata mineira e tem, segundo o Censo Demográfico de 2010, 77.8623 habitantes (IBGE, 2010). À primeira vista Viçosa apresenta uma organização comum a muitas cidades do interior do Brasil de estrutura monocêntrica, baixo contingente populacional e amenidades próprias desse tipo de centro urbano. No entanto, a cidade apresenta uma característica particular que a difere de organizações semelhantes a ela, sendo essa a localização da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

A cidade de Viçosa está localizada dentro do limiar das cidades médias, dado seu aporte populacional e sua complexidade estrutural, definição feita com base nos estudos de Batella (2013). Segundo o autor, as cidades médias são assim classificadas por estarem em uma área de transição entre as pequenas e grandes cidades, sendo dotada de elementos de ambas.

A UFV é uma das instituições de ensino mais prestigiadas do Brasil, tendo um grande número de pessoas ligadas a ela que se fixam no município e produzem impacto na cidade como um todo. A localização da UFV, junto ao centro tradicional, produz reverberações, sobretudo, na oferta de serviços e moradia. Aliado a outros fatores, nota-se atualmente um processo de saturação da área central, estimulando um processo de reestruturação em toda a malha urbana.

Esta reestruturação da malha urbana da cidade de Viçosa data, principalmente, do início desse século, quando por um lado a própria UFV expande sua oferta de cursos, atraindo mais estudantes e professores, e por outro, ocorre a chegada de novos empreendimentos à cidade, alguns dos mais importantes também ligados ao ensino superior. Data desse período a chegada de mais duas novas instituições de ensino superior – Escola de Estudos Superiores de Viçosa (ESUV) e a União de Ensino Superior de Viçosa (UNIVIÇOSA) – que se fixaram ao norte da cidade, área historicamente receptora do processo de expansão urbana. Em virtude dessas modificações principais, além de algumas outras que serão tratadas no decorrer do trabalho, delimitou-se como recorte temporal da pesquisa o período entre os anos de 2000 e 2017, dado o fato de seu estudo possibilitar a compreensão do momento atual.

Esse tipo de modificação, pelo qual Viçosa vem passando, pode ocorrer de diversas maneiras e produzir formas dos mais diferentes tipos. Uma das formas que podem formar e consolidar-se durante o processo de reestruturação urbana são as novas centralidades. Sposito (1991), define centralidade como pontos na malha urbana capazes de atrair fluxos de diferentes tipos, tais como populacional ou ligado ao consumo. O foco da análise da investigação proposta é a centralidade, sobretudo, sob o ponto de vista do consumo na/da cidade.

Considerando a possível relação entre dinâmica demográfica e formação de novas centralidades, o problema que norteia a investigação é: *As novas dinâmicas demográficas presentes em Viçosa foram capazes de produzir novas centralidades?* A partir desse questionamento tem-se como objetivo geral da pesquisa estudar as modificações na dinâmica demográficas e seu impacto na organização da cidade de Viçosa.,

A principal questão presente anteriormente à análise da dinâmica demográfica foi a da escolha metodológica. Após a pesquisa de várias propostas, optou-se por adotar a metodologia criada por Bussab e Wagner (1994), que trabalham com o conceito do Ciclo de Vida, onde através de um índice matemático gerado à partir da idade dos membros de um grupo familiar, define o estágio daquele agrupamento. Adotou-se essa metodologia por compreender que a idade dos membros influi no modo como aquele grupo consome. Além disso, a adoção desse método promoveu uma facilidade ao construir relações com outros índices matemáticos também utilizados na investigação.

Metodologicamente, a pesquisa se dividiu em quatro etapas. A primeira se debruçou sobre a revisão bibliográfica, tendo se estendido até o último momento, com objetivo de fazer uma delimitação de alguns conceitos que são relativamente novos e que por isso possuem diversas definições. Outro ponto desenvolvido nessa fase foi a definição de uma metodologia adequada à pesquisa para a análise da dinâmica populacional, uma vez que, dado o grande número de dados, demandava-se um meio de sistematizá-los. A segunda etapa baseou-se na coleta de dados, alguns deles advindos dos Censos de 2000 e 2010 e outros adquiridos através de trabalhos de campo. Com todos os dados coletados partiu-se para a construção das análises dos dados e a construção de relação entre eles, principalmente a ligação entre os dados populacionais e aqueles sobre consumo. Por fim, os resultados obtidos das análises foram interpretados construindo a conclusão do trabalho.

2. DELIMITAÇÃO DE CONCEITOS E TEMAS

Este capítulo é destinado à abordagem dos conceitos e obras que serviram de base para as discussões levantadas na pesquisa como um todo. Muitos dos conceitos aqui utilizados estão, ainda, em um estágio inicial do ponto de vista de volume de trabalhos e consenso entre pares no que se refere a sua delimitação e definição.

Essa seção foi construída partindo do mais geral dos conceitos abordados, a urbanização enquanto processo, e o conceito de cidade. Posteriormente, será apresentado o conceito de cidade média, por compreender que o objeto de estudo, a cidade de Viçosa, está inserido nessa discussão.

Nas seções subseqüente, serão tratados os conceitos mais específicos da pesquisa, quais sejam: centralidades intraurbanas e ciclo de vida, objetivando investigar a possível relação existente entre ambos e como estabelece-se a relação mútua de causa-consequência. O conceito de ciclo de vida é, ainda, pouco estudado sob a ótica do consumo especialmente no que se refere às especializações desse consumo, e suas repercussões no espaço geográfico. Portanto, nesse tópico haverá uma delimitação da noção de acordo com os objetivos da pesquisa, pelo fato de também carecer de consenso entre os estudiosos.

2.1 A urbanização de cidades médias: um olhar sobre processos, formas e produtos

Desde o início esse trabalho tratou Viçosa como uma cidade média, por motivos que serão tratados à frente, daí a necessidade em primeiro circunscrever o que classificamos como cidade média. Esse espaço tem o objetivo de tratar do processo de urbanização brasileiro, com foco principal nas cidades médias e assimabordando, por consequência, a urbanização de Viçosa. Ressalva importante é a de que haverá um espaço, dentro da seção metodológica, que tratará especificamente do desenvolvimento de Viçosa, contendo aqui apenas algumas questões elucidativas do motivo de a considerarmos como cidade média.

O trabalho, antes de tudo, trata do fenômeno da urbanização e, como todo processo estudado por diferentes áreas do conhecimento, a urbanização também apresenta abordagens múltiplas, variando de acordo com o objeto de estudo de cada ciência. Dada a natureza da pesquisa, e formação do autor – geografia - o processo de urbanização, será tratado de maneira interdisciplinar, visto que as três abordagens citadas, são dimensões importantes nesse estudo.

Segundo Sposito (2004), a urbanização pode ser caracterizada como um movimento de desenvolvimento e formação das cidades. Esse processo ocorre tanto na esfera quantitativa, ao aumentar as os objetos contidos dentro da cidade, por exemplo, quanto na espacial, ao ocupar maiores áreas do espaço. Ideia análoga é defendida por Beaujeu-Garnier (1980), que trata a urbanização como desenvolvimento das cidades de maneira simultânea, tanto em número, quanto em tamanho. Tratando de tudo que está ligado à progressão direta do fenômeno urbano, transformando as cidades em si, ou seus arredores, e frequentemente uma em relação a outra.

Se a cidade é o produto do processo de urbanização, deve-se então atentar-se a essa estrutura tão particular do espaço geográfico. Cidade é reflexo do processo produtivo em ocorrência (SPOSITO, 2004, p. 35), dessa forma, o processo de urbanização obedece ao sistema produtivo vigente. Soja (1993) destaca ainda que o processo de reestruturação e produção de cidades não é algo mecânico ou automático, sendo seus resultados e possibilidades dinâmicos e não pré-determinados. Ao passo que Villaça (2001) alerta para a importância de se considerar outras variáveis além do campo econômico, tais como todas as transformações socioeconômicas e espaciais, que influem no processo de urbanização.

Lévy (1994) amplia a noção de que a cidade é um produto do sistema vigente ao afirmar que é uma estrutura particularmente societal por configurar a sociedade em todas suas dimensões: econômica, social, política e produtiva. Ainda tratando da estrutura das cidades, Sposito (2004) chama atenção para a necessidade de enxergarmos a cidade enquanto uma realidade material mas não estática, a qual torna-se palco de múltiplos processos que a modificam. Em suma, “**Cidade** é, ao

mesmo tempo, um conceito e uma realidade.” (SPOSITO, 2004, p.35, grifo da autora).

A organização do espaço de uma cidade é expressa pela noção de estrutura urbana que, segundo Sposito (2005, p. 311), faz referência “à forma como se encontram dispostos e se articulam os usos do solo, num dado momento do contínuo processo de estruturação dos espaços da cidade”. Desse modo, para entender as modificações ocorridas no espaço interno das cidades faz-se necessário compreender o processo responsável pela criação das formas que resultam em sua estrutura urbana.

Whitacker e Miyazaki (2012) afirmam que a forma urbana não pode ser analisada *per se*, isso porque elas são formas de processos que extrapolam sua escala espacial. Daí o fato de o estudo das formas urbanas possibilitar que processos possam ser compreendidos através da observação e apreensão. Ademais, é importante ressaltar que o caminho inverso também possível, o qual a morfologia urbana pode ser precursora de novas atividades dentro do espaço urbano. Para esses autores, o estudo da morfologia urbana, que se restringe apenas às formas, não passará de uma descrição, muito embora essa noção seja de suma importância para os estudos em Geografia de um modo geral. Desde já parece importante ressaltar que este trabalho não aborda exclusivamente a morfologia urbana; metaforicamente não se trata de um estudo metalinguístico, onde a própria forma urbana explica a forma urbana. Ao contrário, partimos do prisma lefebvriano, qual seja: a cidade é socialmente construída. Dessa maneira, objetivando dominar as manifestações da forma urbana é necessário compreender as dinâmicas, fenômenos e processos sociais que aí se dão. Essa é uma das razões, portanto, de se adotar o conceito de Ciclo de Vida – compreender como o espaço urbano foi modificado, tendo como objeto de análise principal a produção de novas centralidades.

O estágio atual das cidades, incluindo Viçosa, objeto desta pesquisa, é produto de uma lógica global definida por Santos (2004) como o meio técnico-científico-informacional. Esse conceito aborda as modificações econômicas e sociais possibilitadas pelo desenvolvimento da tecnologia, sobretudo, no campo de comunicação e transportes surgidas a partir do fim da Segunda Guerra Mundial e intensificada nas últimas décadas. O desenvolvimento dessas tecnologias

possibilitou que áreas bastante distantes entre si se conectassem criando uma rede global de fluxos dos mais diferentes tipos e tendo como sistema condutor o capitalismo surgido, também, no pós-Segunda Guerra.

As implicações da consolidação do meio técnico-científico-informacional na escala urbana estão relacionadas, sobretudo, à expansão urbana, uma vez que a evolução da comunicação e do transporte possibilitou que áreas maiores fossem ocupadas, gerando um processo de desconstrução das estruturas urbanas. Embora o momento atual possibilite uma grande desconcentração das cidades, alguns pontos, ainda hoje, possuem altos graus de concentração, dado o fato de os fluxos demandarem infraestruturas fixas no espaço. Isso é abordado por Santos (2001), ao criar o conceito de fixos e fluxos. Desse modo, tais pontos podem ser caracterizados como dotados de centralidade, um dos temas desse trabalho, e que terá a discussão ampliada mais a frente do texto. Numa analogia ao trabalho de Diniz e Crocco (1996), a desconcentração dos meios de produção e da própria população foram espacialmente concentradas. É dizer, a popularidade contemporânea do conceito de cidades médias decorra desse processo simultâneo. Fixos podem ser caracterizados, de acordo com Santos (1993), como objetos materiais que sofreram algum tipo de ação humana, seja de criação ou modificação, passando a adquirir uma funcionalidade. Já os fluxos estão relacionados ao movimento, à práticas que funcionam como forças que dão dinâmicas aos fixos.

Acerca da relação entre fixos e fluxos, Santos (2008), resume:

“Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modifica” (p. 62)

A consolidação do meio técnico-científico-informacional e suas reverberações, questões essas abordadas por Santos (2004), não ocorreu apenas em escala intraurbana, mas se materializa também interurbanamente, talvez até de forma mais intensa. Com isso, nota-se desde a segunda metade do século XX uma modificação na rede urbana, desde a escala regional até à global, aumentando sua fluidez e abrigando relações entre cidades de diferentes níveis hierárquicos. No bojo dessa modificação surgem então as cidades médias tais como são hoje conhecidas.

Sobre o papel das cidades médias no processo de desconcentração, ainda na década de 1970, Otero (2016) afirma que:

“[...] as cidades médias, ou de porte médio, passaram a ser objeto de estudo mais acurado, uma vez que se entendia, [...] que esses espaços seriam o lócus da desconcentração econômica necessária à manutenção dos níveis de crescimento, bem como à desconcentração das grandes metrópoles, saturadas à aquela altura.” (2016, p.05)

A temática das cidades médias vem crescendo em número de trabalhos e relevância nos últimos anos, dentro do ramo dos estudos urbanos. Isso se deve, em grande medida, pelo recente crescimento do número de núcleos urbanos que superam a faixa de 50.000 habitantes, além das transformações nas dinâmicas urbanas e regionais que vem envolvendo essas cidades (SPOSITO, 2001). Embora o componente demográfico não seja o único responsável por determinar que uma cidade seja considerada média, essa é uma primeira aproximação, e evidencia o movimento existente de multiplicação, dessa tipologia de cidade. O movimento de migração para esse tipo de cidade, ocorre com o fluxo originário tanto de pequenas quanto de grandes cidades. A atração está ligada, sobretudo, aos baixos custos de fixação aliados à oferta de serviços similares às cidades de grande porte, em suma, uma espécie de equalização entre economias e deseconomias de aglomeração.

Embora nos últimos anos tenha se observado um aumento no número de estudos sobre essa tipologia urbana, alguns autores (SPOSITO, 2004; AMORIM FILHO, 2005) defendem que cidades médias se caracterizam mais como uma noção do que como um conceito, por ainda não haver uma delimitação clara de suas características. Isso é destacado por Sposito (2009):

“[...] realidade das pequenas cidades pequenas e médias é extremamente plural para que se continue adotando, no plano teórico-conceitual, esses dois adjetivos, então todo esforço da rede de pesquisa é este: não se precisar mais usar, com a frequência o grau de generalização que se usa, esses dois termos, essas duas expressões: cidades pequenas e cidades médias.” (2009, p.13)

Batella (2013) propõe uma abordagem das cidades médias na forma de limiar por considerar que estas estão em uma área de transição entre as pequenas e grandes cidades e serem dotadas de elementos de ambas. Sendo assim, observa-se nas cidades médias características tanto de cidades pequenas, como valores acessíveis

à terra, facilidades no transporte e outras amenidades, ao mesmo tempo em que podem ser encontrados estruturas e serviços que em outros momentos eram próprios de grandes metrópoles, como aeroportos, universidades, e presença de empresas multinacionais.

A principal dificuldade em delimitar o conceito de cidade média perpassa pela questão do método uma vez que, atualmente, não existe entre os estudiosos uma padronização na análise desse tipo de agrupamento. Hoje, observa-se um esforço da Rede de Pesquisadores de Cidades Médias (ReCiMe) em definir uma metodologia padrão para esse tipo de estudo, contribuindo para que, talvez, no futuro seja possível que essa noção evolua para um conceito.

Outro ponto que advoga para a posição das cidades médias enquanto noção, e não conceito, está ligado à dificuldade em se observar características comuns às cidades assim categorizadas. Sposito (2001), sugere que a constituição desse tipo de cidade, está ligada principalmente à uma situação geográfica favorável, onde as cidades médias, não são aquelas próximas aos grandes centros. Uma vez que a alta povoação e os serviços encontrados nesses locais são reflexo da proximidade do próprio centro. Por outro lado, o que observa-se em muitos casos, é justamente o contrário, a distância dos grandes centros faz com que essas cidades tenham que aumentar o leque de serviços, até mesmo suprir as demandas locais. Isso faz com que cidades de tamanhos populacionais.

Como visto, o setor de serviços é uma esfera determinante para a classificação de uma cidade como média. Sobre isso, Sposito (2007) afirma que esse tipo de cidade tornou-se mais complexo na medida em que o processo de descentralização, vivido a partir da abertura econômica do final do século XX, implicou na localização de uma série de atividades antes restritas somente às aglomerações metropolitanas (SPOSITO, 2007), sendo essa dimensão importantíssima para a utilização do conceito de cidade média neste trabalho.

Sposito (2007), destaca ainda que a posição das cidades médias como pontos intermediários se deu ao longo do tempo muito mais em decorrência do estabelecimento delas como espaço de consumo do que pela atividade industrial. Isso é explicado por Soja (1993) quando aborda o fato de estarmos em contato hoje,

como uma Sociedade Pós-Industrial, na qual existe uma transição gradual para uma economia de serviços.

Tem-se então que as novas atividades econômicas vêm promovendo uma massiva reestruturação do espaço, produzindo novas formas urbanas, próprias do momento atual. Assim sendo, demandam-se estudos da escala intraurbana - como é o caso deste – uma vez que seu entendimento, permite que diferenciemos, as cidades médias dos demais agrupamentos, como afirma Amorim Filho (1984).

Dada a multiplicidade de interpretações sobre cidade média, se faz necessário apresentar qual a interpretação utilizada nesse trabalho, e porque de classificarmos Viçosa como sendo uma delas. Considera-se, aqui: cidades médias como uma tipologia de cidade que quebra a hierarquia da rede urbana independentemente da posição geográfica que estas cidades ocupam, ou ainda, do seu tamanho populacional, tendo uma forte capacidade de centralização de produtos e serviços, e que possuem formas urbanas próprias. Uma dessas formas são as centralidades e, por consequência, os subcentros produzidos através delas, decorrentes do processo de descentralização ocorrente nas cidades médias. Tais formas, centralidades intraurbanas, são foco desse estudo, e serão destacados na seção seguinte a essa.

2.2 Centralidades intraurbanas como um dos aspectos imanentes do processo de urbanização

Como dito no tópico anterior, observa-se nas últimas décadas um rearranjo da estrutura urbana das cidades, de um modo geral. O avanço dos transportes e da comunicação, desencadeando o que Santos (2004) caracteriza como o meio técnico-científico-informacional, possibilitaram uma crescente expansão urbana, fazendo com que as cidades, hoje, ocupem espaços maiores que em outros momentos. Concomitantemente à expansão da malha urbana, observamos pontos na cidade que apresentam concentração de infra-estruturas e serviços, atraindo assim, toda sorte de fluxos. Esses pontos, podem ser caracterizados como centralidades.

Souza (2009) define centralidade como um conjunto de relações horizontais entre estruturas capitalistas na escala da cidade. Já Lefebvre (1999) afirma, ainda, que a própria cidade é uma centralidade se pensarmos em uma escala interurbana,

concentrando fluxos e comportando-se como pontos de ligação da rede urbana atual. Decerto, a abordagem lefebvriana é instigante, entretanto, circunscreveremos espacialmente o conceito, já que nos interessa compreender a centralidade intraurbana como um dos produtos da concentração espacial de determinados estratos populacionais, como dito até o momento, em função do estágio do ciclo vital familiar em que se encontram.

A área central de todo agrupamento urbano é produto desse processo, surgindo como um ponto de atração de um grande fluxo de pessoas que buscam aparelhos e serviços exclusivos e, como consequência, em um certo momento, ocorre uma variação na tipologia das atividades e serviços ocorrentes no centro. Áreas centrais são estruturas indispensáveis para o processo de urbanização por serem responsáveis pela concentração de equipamentos necessários à fixação populacional e por servir como um ponto de partida para o desenvolvimento de todas as cidades.

Lefebvre (1999), tratando da inevitável constituição de áreas centrais, afirma que o urbano possui uma tendência:

“[...]à centralidade, através dos distintos modos de produção e as diferentes relações de produção; tendência que vai atualmente até o ‘centro decisional’, encarnação do Estado, com todos seus perigos.” (LEFEBVRE, 1999, p.112)

O centro consolidado, com alta fixação de pessoas e equipamentos, passa, em um certo momento, a funcionar tanto como integrador quanto dispensor por ser responsável pela convergência/divergência dos fluxos de pessoas e veículos (SPOSITO, 1991). A força responsável pela origem do centro exerce atração de fluxos para a área é chamada de centralização ou centralidade.

Para Sposito (1988), a cidade atua no momento atual do sistema capitalista ao mesmo tempo como unidade produtiva e produto do sistema vigente. Em um primeiro momento, após a Revolução Industrial, a dinâmica das cidades esteve relacionada principalmente à produção industrial e à presença de unidades fabris.

Sobre a transição da cidade industrial para o modelo atual, Soja (1993) destaca que:

“A cidade passou a ser vista não apenas em seu papel distintivo de centro de produção e acumulação industrial, mas também como o ponto de controle da reprodução da sociedade capitalista em termos da força de trabalho, da troca e dos padrões de consumo.” (SOJA, 1993, p.117-118).

Dada a nova característica do sistema produtivo, observa-se uma modificação no conceito de centralidade, relacionando-o muito mais ao setor terciário, uma vez que esse se tornou atualmente, de certa maneira, o principal indutor da reprodução do capital em ambientes urbanos.

Sendo assim, no presente, é impossível analisar centralidade sem fazer referência ao consumo:

Na verdade, a centralidade não pode ser interpretada fora do contexto do consumo, uma vez que esta inter-relação promove um (re)ordenamento e/ou a (re)localização de atividades que ficavam restritas apenas ao centro principal da cidade (MONTESSORO, 2006, p.57).

Cabe a ressalva de que não apenas o consumo ou outras atividades capitalistas são capazes de produzir centralidades. Dessa maneira, em cidades de menor porte como Viçosa, por exemplo, atividades ligadas à administração pública, caráter histórico e simbólico são igualmente importantes. Embora em cidades com menor dimensão essas atividades muitas vezes coexistam em uma mesma porção do espaço.

Como já mencionado, o desenvolvimento dos meios de transporte possibilitou não só a conexão de pontos do espaço geográfico, mas contribuiu também para o aceleração de fluxos pré-existentes, contribuindo para que uma nova gama de fenômenos surgisse. Um desses novos fenômenos é a descentralização.

Whitacker (2003) afirma que:

“Se o padrão de ocupação espacial da indústria incorria, a partir do século XIX, num espaço urbano extremamente concentrado, hoje os meios de transporte, do ponto de vista da territorialidade, colaboram para uma crescente descentralização.” (WHITAKER, 2003, p.64).

Com a expansão do tecido urbano das cidades, possibilitada pela já mencionada evolução tecnológica, Castells (1983) chama atenção para uma crescente perda de importância do centro:

“[...] a desconcentração da função comercial conduz à criação de centros-de-troca periféricos, servindo às áreas urbanas determinadas, ou aproveitando-se de uma situação na rede de fluxos cotidianos na metrópole.” (CASTELLS, 1983, p. 321).

Castells (1983) apresenta, assim, a noção de descentralização e por meio dela são originados novos espaços de consumo, extrapolando os limites do centro tradicional, que historicamente usufruem de certa acessibilidade e que atendem a um público específico.

Além de possibilitar o surgimento de novos espaços de consumo, a descentralização reforça a vocação da área central no oferecimento serviços ligados ao setor terciário. Isso se deve ao fato de atividades que necessitam de mais espaço físico e que não podem arcar com os custos de fixação-permanência no centro “migrem” para áreas além dos limites da área central, fazendo com que a essa seja dedicada apenas a serviços e produtos do cotidiano.

Há de se dizer que a descentralização não se restringe às atividades econômicas, muito pelo contrário, o mercado imobiliário e questões de fixação populacional são de suma importância no estudo desses movimentos, dado o fato de a instalação de empreendimentos de habitação poder preceder novas as atividades econômicas, como afirma Fresca (2013). O deslocamento da população para áreas periféricas tanto pode ocorrer por serem atraídas por novas atividades econômicas ou equipamentos urbanos, como por menores custos de moradia, ao passo que a saturação das áreas centrais acaba por aumentar os preços de fixação nas mesmas.

A despeito da importância do movimento populacional intraurbano, Rontos et al.. (2011), dão uma importância tão grande que a utilizam como critério principal para a definição da presença (ou não) de centralidade em uma porção do espaço. Na metodologia utilizada por eles, através da análise da evolução da mancha urbana de Atenas, delimitam áreas onde ocorreu uma maior centralidade. Segundo os autores, o movimento da população é capaz de satisfazer todas as necessidades de uma análise de centralidade, visto que quando um maior número de pessoas fixa-se em

uma determinada parte da cidade demanda por novos serviços. Ou o contrário, ao ocorrer uma fixação de infraestrutura, a população tende a se deslocar ao redor delas. Algumas dessas reflexões foram primordiais para a construção de metodologia aqui utilizada, como será visto em seção própria. Decerto, é inerente ao prisma de Rontos et al. (2011) certa causalidade entre população, espaço, infraestrutura e serviços. A realidade de desigualdade latinoamericana se mostra mais complexa do que esse modelo bivariado, basta atentar-se para a experiência de boa parte das favelas não consolidadas.

No caso brasileiro, houve um aumento da urbanização na segunda metade do século XX, quando da intensificação do êxodo rural, contribuindo para a modificação da estrutura intraurbana. Assim sendo, cidades brasileiras que sempre se caracterizaram por serem monocêntricas começam a observar um processo de descentralização e de produção de centralidades para além da área central. As causas estão ligadas principalmente à incapacidade financeira dos novos imigrantes em fixar-se nas áreas com adensamento intenso, centrais, tendo que direcionar-se para as franjas da cidade. Esse processo cria demandas de consumo e o surgimento de novos estabelecimentos.

Alves e Filho (2014) abordam as novas demandas surgidas com a intensificação da urbanização brasileira afirmando que:

“Essa ampliação da urbanização é fator desencadeador de uma série de transformações nas cidades, uma vez que, são exigidos novos equipamentos e modelos de oferta de serviços, comércio e de transportes a ser oferecidos, de acordo com os padrões socioeconômicos da população de cada setor da cidade.” (ALVES, FILHO; 2014, p. 79).

Sposito (2001) destaca ainda que o processo de globalização, intensificado no pós-Segunda Guerra e acentuado após o colapso da União Soviética, contribuiu para a inserção das cidades brasileiras num modelo global de cidade. O que ocorreu no Brasil foi a chegada de estruturas próprias do grande capital global, como shoppings centers e lojas de departamento, que criam um consumo especializado, ocupando as áreas com maior fluxo de pessoas.

A citada migração de alguns tipos de atividades e o alto custo de fixação no centro promovem o surgimento de novas formas na cidade, como é o caso dos subcentros, que competem com o centro tradicional sem, no entanto, se igualar a

ele. Para Sposito (1991), os subcentros funcionam como áreas distantes do centro tradicional que contam com grande concentração habitacional e diversidade na tipologia dos espaços de consumo. Villaça (2001) complementa, afirmando que os subcentros não são capazes de produzir autonomia suficiente para ganhar importância semelhante ao centro, especialmente por não apresentar uma grande variabilidade no portfólio de serviços e espaços de consumo.

Tratando, ainda, da variabilidade das tipologias de estabelecimentos, é importante frisar que a presença de serviços do cotidiano não confere a uma área o papel de subcentro. Mercarias, mercados e farmácias, por exemplo, pelo fato desse tipo de atividade estar presente em toda área urbana, demonstrando que existe uma centralidade restrita apenas ao entorno imediato. É necessário a presença de atividades comerciais frequentes e pouco frequentes, sendo essas capazes de atrair pessoas de outras partes da cidade para o consumo, como afirmado por Alves e Filho (2009, p. 176). Villaça (2001), ressalta que o que confere a uma porção do espaço o alcance da categoria de subcentro é a presença de “estabelecimentos de comércio e serviços, então só ocorrentes no centro principal, em quantidade, porte e variedade significativos”.

Côrrea (1995) afirma que os subcentros podem ser compreendidos como uma reprodução, em menor escala, das áreas centrais. Nesses pontos se observa uma grande diversidade de atividades do setor terciário, atraindo unidades de estabelecimentos, antes só encontrados na área central. Ademais, tal qual as cidades são nós na rede urbana, os subcentros atuam com função semelhantes ligando os outros pontos da cidade.

Como já dito por Villaça (2001), a área central tradicional não apresenta uma perda de importância com formação de centralidades alheias a ela, o que tende a acontecer é uma resignificação ao longo do tempo para atender as necessidades de consumo. O que acontece, na medida em que o processo de urbanização se desenvolve, é a formação de uma hierarquização territorial, resultando no desenvolvimento de áreas que sempre estarão subordinadas ao centro independente dos graus de desenvolvimento, oferta de serviços ou concentração populacional.

A concentração de atividades como se desdobra com a consolidação de subcentros em uma determinada área acaba por valorizá-la do ponto de vista econômico, forçando, em certo momento, o deslocamento de atividades que não conseguem arcar com os custos dessa localização privilegiada, produzindo uma nova onda de descentralização. Como afirma Alves e Filho (2009), a concentração de atividades com custo mais elevado acaba por reafirmar o papel central de tais áreas, isto é, os elevados preços contribuem para a seleção das atividades que ocorrem nesse ponto da cidade, além disso, os elevados preços contribuem para o ganho de importância dessas áreas.

Se a concentração de atividades que consigam arcar com os custos de localização central, acaba por reafirmar a importância das áreas centrais perante as periféricas, já em um segundo momento observa-se uma desconcentração. O processo de desconcentração urbana, segundo Alves e Filho (2009, p. 172), é resultado da própria centralidade que acaba por saturar tais áreas forçando a migração de atividades para áreas periféricas com custos mais baixos, o que maximiza os lucros e permitem o desenvolvimento de empresas com menor aporte de capital.

Tratando especificamente de Viçosa, trabalhos recentes apontam um processo de descentralização do centro tradicional com a diversificação da oferta de serviços em áreas distantes da área central, como destacam Andrade (2015) e Batella (2017). No entanto, esse processo ainda não foi capaz de produzir um subcentro consolidado. Os autores, por outro lado, identificam áreas em um processo embrionário de produção de centralidades.

Como já mencionado, o processo de descentralização pode se dar de forma espontânea, através de ações da iniciativa privada – que por interesses locais direcionam seus investimentos a uma área e acabam por a transformar –, ou podem receber influência do poder público, (ALVES; SENA FILHO, 2014). Isso torna-se evidente em Viçosa. A iniciativa privada, através de ações, principalmente no vetor norte (Figura 6) com a instalação de duas instituições de ensino superior, foi responsável por criar um aparente processo de concentração naquela área. Já a ação do poder público pode ser observada quando este realizou a mudança do local da prefeitura, em 2016, para uma área pericentral, num ponto que já abrigava alguns

equipamentos, como o Fórum Municipal e o batalhão da Polícia Militar. As reverberações desse novo momento da urbanização, em Viçosa, serão abordadas, com detalhes, em uma seção própria.

2.3 Dinâmica populacional e consumo: o ciclo de vida como método de análise

Por ser um fenômeno altamente complexo e dinâmico, o processo de descentralização/centralização é influenciado por diversas modificações ocorridas no espaço urbano. Pretende-se, aqui, lançar o olhar sobre modificações na dinâmica demográfica que contribuíram ou contribuem para o surgimento ou intensificação do processo de formação de novas centralidades. Assim, serão tratadas as modificações demográficas utilizando como método de análise o conceito de Ciclo de Vida. Como afirmado em outras passagens, presume-se que não só a concentração espacial da população através de processos de mobilidade residencial intraurbana influencia o surgimento de uma nova centralidade intraurbana, senão o próprio perfil da população. Em outras palavras, o “momento” em que os arranjos domiciliares se encontram podem produzir os efeitos de concentração ou desconcentração – a depender do recorte territorial em análise, centro ou periferia – funcional e física, manifestações imanentes da centralidade intraurbana.

Cabe a ressalva que o conceito de Ciclo de Vida familiar, o Índice de Ciclo de Vida e, sobretudo, sua utilização como método de análise são ainda bastante recentes e carece ainda de bibliografia em alguns pontos. Dessa forma, muitas abordagens desse conceito aqui apresentadas são ainda de meados do século XX, uma vez que optou-se por utilizar autores clássicos, dos quais os trabalhos mais recentes se utilizam para construção das análises.

Diante do exposto faz-se necessário apresentar o conceito de família e os papéis de cada membro proposto por Oliveira (1982):

“O conceito de família envolve, invariavelmente, a co-residência de seus membros, definindo-se as etapas do ciclo vital em termos da composição demográfica da unidade familiar e/ou doméstica. As diferenças na constelação de idade de seus membros são avaliadas em termos da relação entre provedores e consumidores.” (OLIVEIRA, 1982, p. 620).

Ao passo que, Fortes (1958) contribui com a definição de família afirmando que esse é um grupo que co-habita um mesmo espaço e há a necessidade manter-se em operação durante um grande espaço de tempo do ponto de vista social. O objetivo dessa fixação é oferecer condições de sobrevivência dos filhos até o estágio da reprodução física e social. Ou seja, os grupos domésticos mantêm-se coesos até que seja possível que membros dele, no caso os filhos, possam formar outros núcleos, reproduzindo valores físicos (heranças) e imateriais (culturais), e assim sucessivamente.

As reflexões de Fortes (1958) são bastante influenciadas pelo período em que foram construídas. Obviamente, o contexto dos anos 1960 difere fortemente do momento atual. Hoje, o número de grupos domésticos considerados não-tradicionais, como os unipessoais, monoparentais e os de co-habitação (famílias estendidas aí incluídas), é muito maior que aqueles com os quais Fortes tinha contato, os quais eram grupos familiares norte-americanos da segunda metade do século XX.

Cesar (s/d), profissional da saúde, em definição mais recente trata a família como um ponto de representação do momento da sociedade sobre a qual se formam, uma vez que são influenciadas por modificações sociais, políticas e culturais. Daí a dificuldade em estudar grupos familiares atuais sob o olhar de autores que não tiveram contato com os arranjos domiciliares atuais. No entanto, a ideia central de que a família permanece coesa até que os membros mais novos sejam capazes de constituir novos núcleos continua bastante similar, senão a mesma. Dessa forma, esse será adotado como mais um dos critérios para avaliar o grupo social.

Fortes (1958) destaca ainda que o desenvolvimento dos grupos domésticos se aproxima bastante da evolução do ciclo de evolução dos organismos vivos. Sendo assim, um grupo familiar, seguindo a sequência típica dos seres vivos, tende após a reprodução (dar origem ao outro grupo) a desaparecer. Essa ideia é recorrente em todos os autores que debruçaram sobre o ciclo de vida, apenas variando de um para outro a denominação das fases e o recorte temporal de transição entre elas.

Delimitado o conceito de família, será abordado o Ciclo de Vida, que, como já salientado, será utilizado como método de análise por possibilitar apreender o momento dos grupos familiares estudados. Além disso, o conceito também serve

de ferramenta de grande valor para a conexão entre os tempos biológicos individuais e o tempo social.

Segundo definição de Santini (1977):

“O conceito de ciclo de vida corresponde a uma visão dinâmica da evolução familiar, através de uma sequência de fases ou estágios, que correspondem a significativas mudanças em sua composição e dinâmicas internas [...]” (SANTINI, 1977, P. 373, tradução nossa)

O primeiro problema na implementação do ciclo de vida em estudos populacionais surge da indissociável ligação entre ele e o conceito de família. De maneira quase que hegemônica, as análises que utilizam o ciclo de vida possuem uma limitação do tamanho do grupo doméstico que co-habitam um mesmo espaço. Vários autores salientam, ainda, que o modelo de ciclo vital comumente aplica-se apenas à família conjugal nuclear, excluindo unidades familiares e/ou domésticas mais complexas ou singulares. Outra crítica versa sobre a possibilidade de indivíduos possuírem relação e/ou pertencerem a mais de uma família (OLIVEIRA, 1982). Mesmo com as limitações que as metodologias apresentam, o modelo de ciclo de vida tem sido aplicado à análise de famílias mais complexas sem que ocorram prejuízos no resultado final.

Para tentar reduzir os problemas acima citados, dada a modificação ao longo do tempo do conceito de família, e as limitações metodológicas para uma análise sociológica da mesma, optou-se por operacionalizar a análise criando arranjos domiciliares, não tendo necessariamente a relação de parentesco ou consanguinidade. O termo “família”, portanto, passará a ser entendida como sinônimo de unidade de consanguinidade, de parentesco, de aliança ou quaisquer outros tipos de vínculos que a configurem como uma unidade econômica que compartilha uma unidade física (a habitação em si) socialmente construída visando a reprodução física-material e imaterial-sociológica da própria família.

Glick (1947), em um primeiro esforço para sistematizar o conceito de ciclo de vida, abordando especificamente a população estadunidense, propõe 5 fases, que de um modo geral são capazes de satisfazer o estudo da maioria dos grupos domésticos, quais são: casamento, estabelecimento de um domicílio, ter e criar filhos, o casamento dos filhos, e dispersão, culminando na dissolução daquele grupo

familiar (GLICK, 1947, apud OLIVEIRA, 1982, p. 53). As fases descritas por Glick (1947) *apud* Oliveira (1982), por si só, permitem que entendamos muito da sociedade sobre a qual ela trata. Observa-se, ainda, que o autor privilegia os grupos domésticos do tipo casais com filhos (biparentais).

Os primeiros autores que estudaram o ciclo de vida o estudavam apenas como material de referência, sem articular suas modificações a outros fenômenos que possam sofrer influência. O ciclo de vida da população era utilizado como referência para caracterização de outros fenômenos ou então era findado na análise do próprio ciclo de vida. Nos últimos anos, nota-se um movimento de utilização das contribuições do conceito de ciclo de vida para outros ramos da ciência que tem na dinâmica populacional algum tipo de interesse.

Segundo Oliveira (1982), a noção de ciclo vital, tem crescido em importância a partir dos anos 1980, por ser uma forma de aglutinar em um mesmo estudo as dinâmicas populacionais e as características da sociedade, no momento da construção da análise. Ainda segundo a autora, esse interesse está ligado à prática de se adotar o contexto familiar para os estudos demográficos, além de possibilitar uma abordagem dinâmica para processos de caráter temporal. Esse tipo de abordagem é de grande valia para estudos nos quais a dimensão temporal é importante, por conferir um diagnóstico da população estudada e permitir, caso haja a utilização do mesmo método, a criação de um quadro evolutivo desse objeto.

Já a importância da adoção da família como menor unidade dos estudos demográficos é destacada por Troyano (1990) afirmando que estudos sobre condições de vida, pobreza e consumo devem ter como unidade de análise a família, dado o fato da situação socioeconômica de qualquer indivíduo depender não só de sua própria ação dentro da sociedade mas também dos outros membros de sua família.

Oliveira (1982) detalha essa necessidade:

“Opondo-se a perspectivas individualizantes, a ênfase na família ou nos grupos domésticos é apontada como condição necessária à compreensão dos determinantes sociais dos eventos vitais, bem como de seus efeitos. A família e/ou grupo doméstico forneceriam o nível adequado de análise, já que os comportamentos em jogo escapam aos limites do indivíduo [...]” (OLIVEIRA, 1982, p. 618).

Definido Ciclo de Vida e sua adoção como método de análise, fez-se necessário um método para operacionalizar o trabalho, atribuindo aos estágios de desenvolvimento dos grupos familiares, índices matemáticos. O índice matemático permite que relações com outras partes do trabalho, como o consumo, possam ser construídas, contribuindo ainda para que a espacialização de tais dados seja possível.

Segundo Bussab e Wagner (1994), de um modo geral, os índices de Ciclo de Vida são calculados levando em conta apenas a idade dos chefes de família, não sendo esses adequados aos novos rearranjos familiares presentes na sociedade atual. Isso é corroborado por Carvalho e Alves (2010), que chamam a atenção para as modificações ocorridas nas últimas décadas no que se refere à estrutura familiar brasileira. Para elas, a maior participação da mulher no mercado de trabalho aliadas às relações mais igualitárias de gênero, produziram alterações no modelo de família vigente até a primeira metade do século XX.

Nota-se, atualmente, um aumento do número de domicílios ocupados por famílias uniparentais ou unipessoais que possuem uma forma diferente de consumir a oferta de domicílios, além de apresentarem padrões de consumo diferentes das formas de organização familiar anteriores, com cônjuges co-residindo junto a seus filhos, como destacado por Sarti (1996).

Tratando especificamente do caso brasileiro, Cioffi (2014) afirma que:

“No cenário das transformações da sociedade brasileira nos últimos anos, a família desponta como campo privilegiado de mudanças, onde novos processos se colocaram em curso. A vida familiar vem se transformando para, praticamente, todos os estratos da população. O lento declínio no tradicional arranjo familiar, casal com filhos e o incremento da maior diversidade de arranjos familiares, apontam para transformações importantes na família.” (CIOFFI, 2014, p. 1043)

Entre as muitas transformações sociais que contribuíram para que os arranjos domiciliares fossem modificados, pode-se considerar, principalmente, a queda da taxa de fecundidade e aumento da esperança de vida, além do maior empoderamento feminino que acabou por diminuir as desigualdades de gênero. (CARVALHO E ALVES, 2010, p. 02).

Arraiagada (2007), tratando especificamente do caso latino americano, mostra que as famílias nucleares mesmo com a queda de importância ainda são o tipo de arranjo domiciliar mais comum, embora venha reduzindo substancialmente. Em contrapartida, o arranjo que vem apresentando o maior aumento são as famílias monoparentais femininas com filhos, em virtude do já mencionado, aumento da independência feminina.

Os arranjos estão se tornando mais heterogêneos quanto a composição de seus núcleos, mais homogêneos quanto ao tamanho e à composição de suas periferias, e a principal causa da redução do seu tamanho médio está ligada à mudança na estrutura etária da população. Devido às modificações ocorridas nos arranjos domiciliares brasileiros, e, por consequência, na área de estudo – cidade de Viçosa – uma discussão dos métodos para a implementação do conceito de ciclo de vida se faz necessária.

Diante de diferentes formas de enxergar e implementar o ciclo de vida em estudos espaciais, foi necessária a escolha daquela mais adequado aos objetivos da pesquisa. Por trabalhar com dados, de maneira geral, quantitativos, optou-se por uma abordagem que utilizasse um índice matemático na definição dos estágios. Dessa forma, a abordagem que orienta a pesquisa foi desenvolvida pelos Wilton Bussab e Eugênia Wagner (1994). A principal vantagem desse método em relação aos outros está na criação de um índice matemático para cada família, sendo a definição do estágio do Ciclo de Vida baseado na própria população, na qual essa família está envolvida.

O ciclo de vida, como já mencionado, servirá como ferramenta para análise das mudanças populacionais ocorridas em Viçosa no período compreendido pela pesquisa, entre os anos de 2000 e 2018. O intuito é entender como modificações no ciclo vital das famílias influencia no consumo, e, por consequência, no surgimento de eventuais centralidades.

Bussab e Wagner (1994,) chamam atenção para a importância e viabilidade em se utilizar o ciclo de vida para se, entre outras coisas, compreender o consumo e participação da sociedade de cada indivíduo:

“Na medida em que cada membro da família solidariza, com os demais, as suas possibilidades de inserção na sociedade e tendo em vista que essas possibilidades estão associadas, entre outras variáveis, à idade e à posição que o indivíduo ocupa na família, o ciclo de vida, ao sintetizar estas informações, auxilia na identificação do potencial diferenciado de participação das famílias na sociedade – inserção no mercado de trabalho e virtual consumo de serviços tais como educação saúde e lazer.” (BUSSAB E WAGNER, 1994, p. 92)

Cabe a ressalva de que o ciclo de vida não deve ser analisado de forma isolada de outros componentes relacionados ao consumo, sendo a principal variável a renda das famílias. Famílias em mesmos estágios do ciclo de vida mas que apresentam rendas diferentes, terão demandas de consumo igualmente diferentes, visto que os gastos básicos, alimentação e moradia, por exemplo, consomem uma maior porcentagem da renda de famílias pobres em relação às ricas.

Carvalho e Alves (2010) tratam das variáveis que influenciam no padrão do consumo afirmando que:

“Além da renda, a distribuição do consumo está relacionada ao estilo de vida, à composição demográfica e às estruturas familiares. A estrutura das famílias (perfil do chefe, presença de provedores e membros dependentes, etc.) determina os tipos de gastos de cada unidade familiar, uma vez que a composição dos arranjos pode influenciar no uso do tempo e dos recursos monetários entre os moradores (cuidados com crianças e idosos, tarefas domésticas, recursos para consumo e poupança, entre outros).” (CARVALHO, ALVES; 2010, p. 2).

Silveira et. al (2004) categorizam as tipologias socioeconômicas das famílias e, de acordo com isso, traçam perfis de gastos. Segundo os autores, os gastos com saúde são os mais relacionados a faixa etária, por consequência ao ciclo de vida familiar. Já gastos relacionados à educação estão mais relacionados à renda per capita dos indivíduos.

A variação dos gastos com saúde, de acordo com a idade dos membros, é bastante coerente ao analisar que durante a evolução do ciclo vital, aqui a nível de indivíduo, a saúde tende a se deteriorar dependendo de uma maior porcentagem dos proventos familiares. Já a educação tem a variação relacionada à renda per capita, pois, a educação privada só é utilizada por famílias com maior poder aquisitivo, variando o gasto de acordo com o valor disponível. Famílias pobres, geralmente recorrem ao ensino público, não possuindo gastos com esse campo. Acerca dos

gastos com alimentação, esses variam de acordo com a renda, pelo fato de maiores rendas possibilitarem consumo de produtos de outros tipos, sendo a porcentagem da renda consumida, até certo ponto (CARVALHO E ALVES, 2010, p.07).

Outro ponto abordado por Silveira et. al (2004) trata da limitação de consumo existente quanto a alguns produtos e/ou serviços, por exemplo, da parcela do orçamento dedicada ao fumo. O consumo de cigarro, assim como o de alimentos, possui um limite o qual os indivíduos podem consumir. Dessa forma, famílias com menor renda dedicam uma maior parte de seus ganhos para esse tipo de consumo, já os grupos mais ricos, sofrem um menor impacto por esses produtos.

Dessa forma, famílias mais pobres, que dedicam maiores fatias dos salários a gastos essenciais, tendem a possuir menor acesso a consumos considerados supérfluos, como acesso à cultura e recreação. Além do empobrecimento do poder de compra, e do acesso a serviços básicos como moradia e saúde, famílias pobres sofrem também privação de atividades culturais e de educação de alta qualidade, contribuindo com, além da pobreza quanto a renda, a alienação social.

Quanto aos recebimentos de cada tipo, os grupos pobres tendem a possuir a renda oriunda do próprio trabalho, como empregado ou por conta própria, já grupos de maior renda geralmente apresentam os rendimentos ligados a empresas que empregam outros trabalhadores ou são ligados a rendimentos de aplicações financeiras (CARVALHO E ALVES, 2010).

Tratando agora, especificamente, dos números, Almeida e Freitas (2007), apresentam os dados a seguir: despesas pessoais correspondem a maior participação no orçamento doméstico, com 42% total das mesmas; em seguida, os gastos com alimentação, somando 19%; e, por fim, habitação responsável por 17%. Nos grupos com renda de até 1,5 salários mínimos, gastos com alimentação consomem 37% do orçamento, diminuindo de acordo com o aumento da renda, até o limite de 10%. Quanto maior os ganhos mensais maiores são os gastos com despesas pessoais. Isso se explica pelo fato de despesas coletivas (habitação, energia, alimentação) consumirem uma fatia menor, sobrando assim, para os membros mais dinheiro a ser destinado a esse tipo de gasto.

Quanto ao ciclo de vida, Carvalho e Alves (2010), mostram que famílias presentes nos primeiros estágios do ciclo de vida e que tenham filhos e/ou menores de 15 anos apresentam menores rendas. O contrário é verificado nas famílias em estágios mais avançados. Isso pode ser explicado pela dependência existente dos indivíduos mais novos, o que consome grande parte dos proventos daqueles que sustentam o grupo. Além do mais, grupos de estágio mais avançados tendem a concentrar pessoas de idade mais velha, o que possibilita que tenham acumulado mais dinheiro ao longo da vida.

Os autores desse estudo ainda destacam que, além da renda, o tamanho da família, composição etária e a idade do “chefe” são extremamente importantes na definição do padrão de consumo das famílias (SILVEIRA, BERTASSO, 2004). No método aqui utilizado para o cálculo do índice de ciclo de vida (ICV), a ser detalhado em uma seção dedicada exclusivamente para esse fim, a idade do chefe do domicílio tem papel fundamental, pelo fato das imputações serem construídas com essa variável. Pelo fato da idade do chefe do domicílio ser apontada como altamente influenciadora na tipologia do consumo da família, segundo Silveira (2004), e por entender que o consumo influi na centralidade, tem-se então um indicativo de que a idade do responsável influi na produção de centralidades.

A constatação de que a idade do chefe é altamente importante para a definição do padrão de consumo do grupo familiar, também é uma justificativa para a adoção desse método de análise. Como será destacado na seção metodológica, a idade do chefe foi a principal variável utilizada no cálculo do ICV para as famílias viçosenses.

As influências do ICV não estão ligadas somente a alterações no padrão de consumo e de produção de centralidades. As modificações se ligam também ao campo físico-espacial, dada a diferença tipológica de ocupação que cada estágio do ICV apresenta, onde grupos situados nos últimos estágios do ICV tendem a ocupar áreas centrais, dado os altos custos de fixação, já famílias nos primeiros estágios se fixam nas periferias, pelo motivo contrário.

De acordo com a bibliografia levantada, é consenso entre os pesquisadores da área de dinâmicas populacionais e consumo de que uma a primeira produz modificações na outra, cabendo a discussão sobre a influência no estágio mais além,

ou seja, na produção de centralidades. Esse tipo de estudo possui caráter incipiente, sendo pouco explorado nas ciências socioespaciais. No entanto, trabalhos como o de Silveira et. al (2004), permitem que ocorram as primeiras discussões acerca da tipologia familiar, sua influência no consumo e, por consequência, nas centralidades.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção serão detalhados os procedimentos metodológicos utilizados neste trabalho. Para melhor compreensão, optou-se por dividi-la em quatro subseções, correspondendo cada uma delas às fases da pesquisa.

A ideia em delimitar r uma seção exclusiva para a seção metodológica está atrelada a uma preocupação em descrever minuciosamente os procedimentos executados a fim de possibilitar que novos trabalhos dessa natureza sejam construídos futuramente.

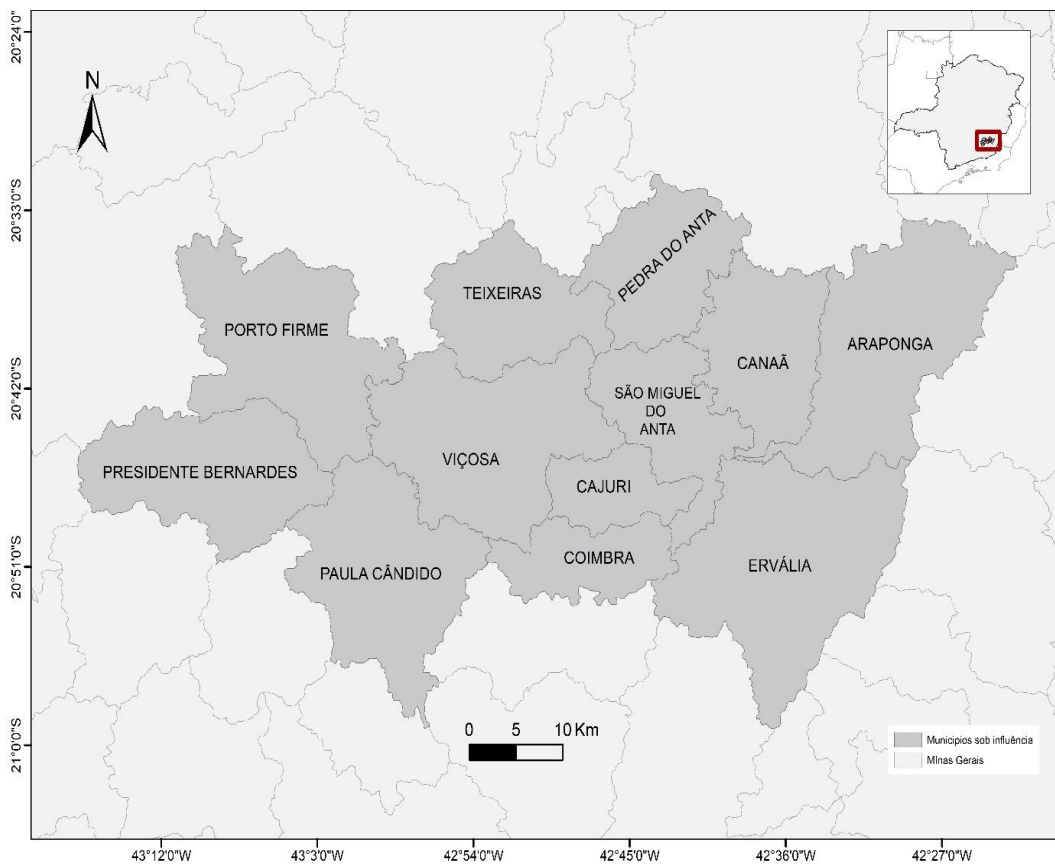
O primeiro tópico tratará do recorte espaço-temporal da pesquisa, posteriormente será descrito o modo como os dados foram especializados, seguido da descrição do processo dos trabalhos de campo e o tratamento dos dados populacionais levantados.

3.1 Posição da pesquisa no espaço-tempo

O objetivo desta seção é delimitar os recortes espacial e temporal, e dessa forma justificar a escolha de ambos. À priori, é importante que seja feita uma contextualização do atual momento de Viçosa e, portanto, recorte espacial. As informações aqui contidas não têm objetivo de promover um relato completo sobre a cidade e seu desenvolvimento. Assim, serão apresentadas apenas informações que estejam relacionadas ao momento atual de seu processo de urbanização e, por consequência, à pesquisa em si.

Viçosa é um município localizado na Zona da Mata Mineira (Figura 1) e possui, segundo o Censo Demográfico de 2010, 77.8623 habitantes (IBGE, 2010). A cidade abriga uma universidade federal e outras três faculdades particulares, o que faz com que seu contingente populacional real seja aumentado, alcançando a faixa dos 100 mil habitantes.

Figura 1: Localização de Viçosa e Municípios sob influência de Viçosa segundo a REGIC (2008)



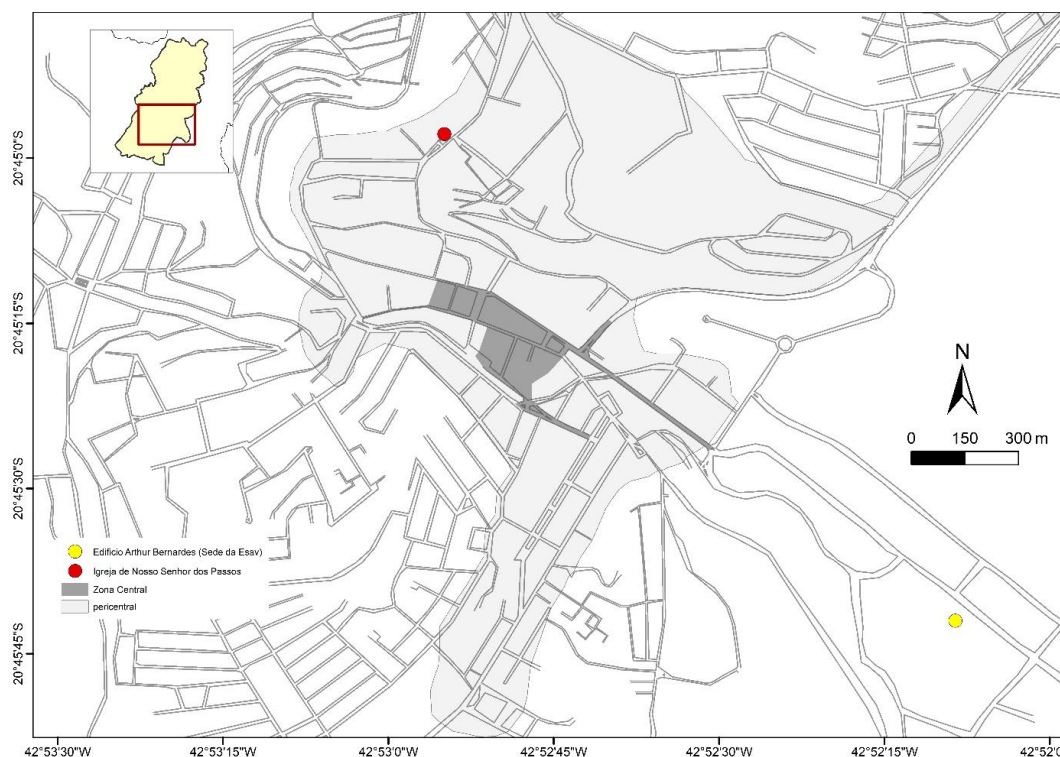
Fonte: IBGE. Bases digitais dos setores censitários. Trabalho de campo do autor. Elaboração do autor. Sistemas de Coordenadas: Sirgas 2000. Sistema de Projeção: UTM.

O estágio atual de Viçosa começa a delinear-se ainda no início do século XX, quando em 1922 por meio do decreto 6.053, do então Presidente do Estado de Minas Gerais, fica instituída a criação da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), que viria a ser denominada Universidade Federal de Viçosa (UFV) em 1969, data de sua federalização. Segundo Honório (2012), a criação da instituição foi apoiada por uma elite local que já prevendo a decadência da produção cafeeira objetivava diversificar a produção agrícola, demandando assim, novas técnicas.

À época, a ESAV foi instalada na periferia de Viçosa, considerando sua dedicação às atividades agrícolas, que demandava grandes extensões de terra, fazendo com que a instituição fosse instalada sob a forma de *campus*, exprimindo forte influência do modelo norte-americano em sua forma. Cabe a ressalva de que a área central, naquele período, estava próxima à igreja de Nosso Senhor dos Passos,

área que hoje localiza-se na Zona Pericentral (Figura 2), sendo a própria UFV um dos principais agentes modificadores dessa centralidade.

Figura 2: Localização do primeiro centro de Viçosa e da sede da ESAV



Fonte: Elaboração do autor. Adaptado de Andrade (2015)

Como destaca Fernandes (2018), por muito tempo esse modelo conferiu à escola certa autossuficiência pelo fato de abrigar em suas dependências todas as estruturas necessárias para seu funcionamento, como alojamentos para estudantes e funcionários, o que fazia com que a demanda pela estrutura do restante da cidade fosse mínima. Isso se manteve mesmo no período da década de 1940 em que a ESAV é incorporada à Universidade Rural de Minas (UREMG). Em suma:

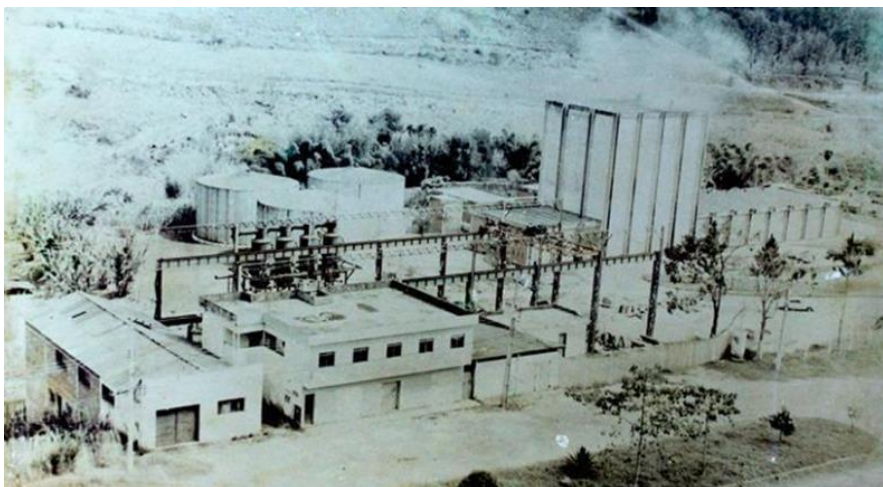
O projeto da Escola envolvia alojamentos, refeitórios, áreas de esporte e lazer, de modo que o contato dos “esavianos” com os Viçosenses era ínfimo. Esta segregação física entre Escola e a cidade de Viçosa perdurou por muitos anos e, em 1960, quando já transformada em UREMG, foi reforçada pela construção da Vila Gianetti, um conjunto residencial característico dos subúrbios norte-americanos da época que abrigava gratuitamente os professores norte-americanos e da própria UREMG, resultado de um convênio firmado entre a UREMG e a Universidade de Purdue (HONÓRIO, 2012).

A independência do restante da cidade só se altera quando ocorre a federalização da instituição em 1969, passando ao nome e estrutura que é conhecida hoje. A federalização promoveu um aumento no número de cursos oferecidos o que, por consequência, aumentou o número de alunos e funcionários e fez com que a estrutura própria capaz de atender as necessidades desse contingente populacional não fosse mais suficiente. Tem início, nesse momento, a atuação da UFV enquanto principal agente da produção urbana em Viçosa.

A ampliação dos cursos, ocorrida após a federalização, não promoveu uma ampliação das estruturas físicas da instituição, o que explica a necessidade de utilização das estruturas do restante da cidade. Com a nova demanda criada, segundo Andrade (2015), a UFV começa a exercer uma forte centralidade e então o *campus*, que em outros momentos era um entrave para a expansão urbana, se torna um fator de atração.

A influência da UFV também pode ser explicada considerando que, ainda que em alguns momentos tenham ocorrido tentativas de desenvolver o setor industrial viçosense, como no caso da instalação da Indústria do Melaço Indumel (Figura 3) em 1973, fechada em 1990, e a instituição de um Distrito Industrial (Figura 4) em 1983 que de fato nunca se desenvolveu, Viçosa em toda sua história nunca apresentou um setor industrial desenvolvido. Dessa forma, sem que o setor secundário apresentasse pujança suficiente para produzir reverberações no espaço, ficou a cargo do setor de serviços, atrelados principalmente à universidade federal, conduzir o processo de urbanização. O caso de Viçosa segue o que foi apresentado por Soja (1993), ao dizer que vivemos, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, em uma sociedade pós-industrial, sendo a economia de serviços a orientadora do processo de urbanização.

Figura 3: Instalações Da Indústria De Melão S.A. (INDUMEL)



Fonte: <https://www.univicosa.com.br/>

Figura 4: Distrito Industrial da Barrinha



Fonte: Google Imagens

A influência da UFV no setor terciário é enorme, estando grande parte das atividades ligadas a ela de forma direta ou indireta, tendo seu comércio baseado em produtos que atendem a demanda gerada por alunos e funcionários da instituição. A atual área central de Viçosa é altamente influenciada por isso, fazendo com que, principalmente próximo ao campus da UFV, sejam encontrados grande quantidade de serviços de copiadoras, papelarias, restaurantes e supermercados, objetivando atender o fluxo em direção a ela.

Outra dimensão importante que teve influência direta da expansão da UFV, foi o setor imobiliário, que teve um grande aquecimento no período imediato à federalização da instituição, e que ao longo do tempo promoveu um intenso processo de verticalização. A paisagem do centro de Viçosa (Figura 5), principalmente próxima ao *campus*, não é comum em cidades de tamanho similar.

Figura 5: Vista do centro da cidade a partir do campus da UFV



Fonte: Trabalho de campo do autor.

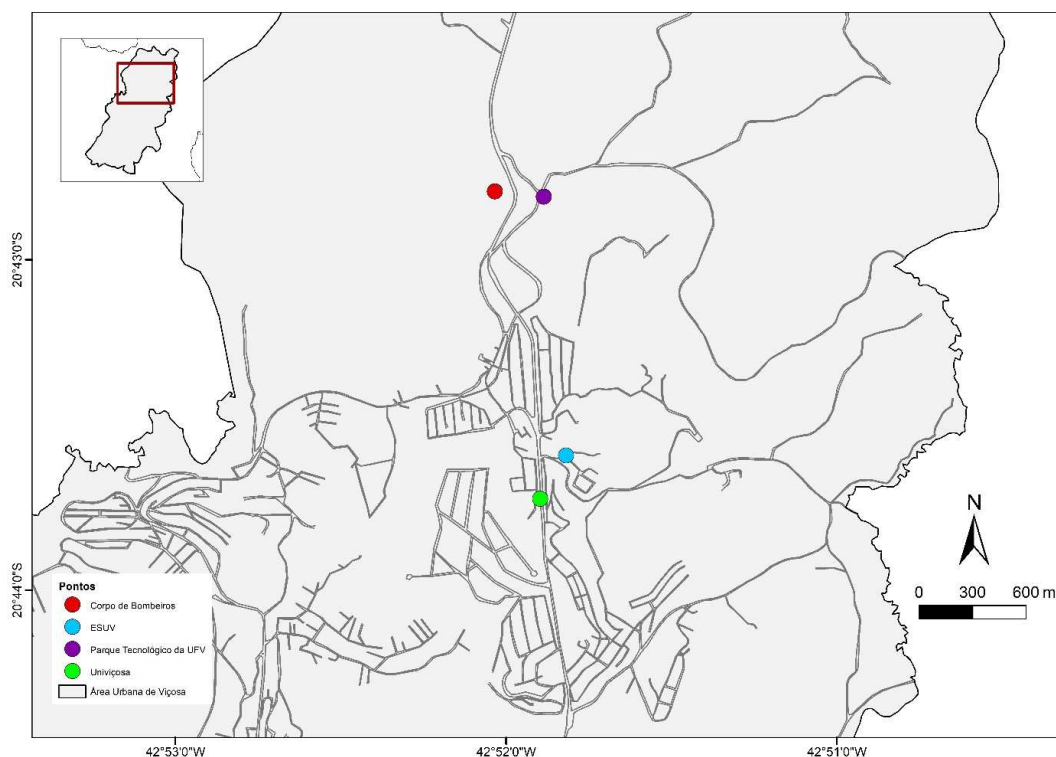
O processo de saturação, e por consequência a verticalização da atual área central e arredores foi intensificado durante a década de 2000, quando a escassez

fundiária já se mostrava presente e foi então implementado o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) em todas as instituições federais de ensino. O objetivo do programa era aumentar o acesso da população ao ensino superior, gerando o aumento do número de cursos e de vagas para estudantes e funcionários. Após o REUNI, observa-se em Viçosa um aumento da demanda por moradia, provocando um aquecimento do mercado imobiliário.

Se em alguns momentos a UFV foi hegemônica na condução da urbanização viçosense, isso começa a se alterar também na década de 2000, quando inicia um movimento de chegada de instituições de ensino superior privadas. Esse processo é iniciado em 2001 com o início das atividades da Faculdade de Viçosa (FDV) e da Escola de Estudos Superiores de Viçosa (ESUV), sendo instalada posteriormente, em 2005, a União de Ensino Superior de Viçosa (UNIVIÇOSA). Em um segundo momento a ESUV e a UNIVIÇOSA se fundiram, passando a operar sob o nome da segunda.

A instalação das três novas instituições, de um modo geral, contribuiu para a intensificação das atividades do setor imobiliário e de serviços. No entanto, a ESUV e a UNIVIÇOSA produziram uma ação particular dentro da malha urbana, isso devido a localização das duas instituições no vetor norte da cidade. O desenvolvimento dessas instituições fez com que houvesse uma demanda por moradia e outros serviços naquele ponto em específico, fato que mais tarde foi intensificado pela instalação de novas estruturas como o Batalhão do Corpo de Bombeiros e o Parque Tecnológico da UFV (Figura 6).

Figura 6: Localização dos novos equipamentos do vetor norte de Viçosa



Fonte: Trabalho de campo do autor.

A presença das instituições de ensino superior faz com que Viçosa desempenhe um papel muito particular dentro da rede urbana brasileira. Segundo o último estudo da Região de Influência das Cidades (REGIC) de 2008 Viçosa é classificada como Centro sub-regional B, estando subordinada à metrópole Belo Horizonte e exercendo influência sobre outros 11 municípios (Figura 1).

No entanto, ao analisarmos algumas variáveis utilizadas na elaboração da REGIC, principalmente, relacionadas ao ensino, Viçosa apresenta papel superior à metrópoles como Vitória ou Goiânia, exemplo disso são as matrículas de pós-graduação. Com este argumento, entre outros, pode-se então considerar Viçosa dentro do limiar das cidades médias descritos por Batella (2013), ao passo que Viçosa apresenta características tanto de cidades pequenas como de algumas metrópoles. Além disso, a infraestrutura de Viçosa apresenta grande importância regional, o que também configura-se como uma variável para a classificação de uma cidade como média.

O momento atual é único na história de Viçosa por compreender dinâmicas nunca antes vistas, o que justifica por si só a escolha deste recorte espacial para essa pesquisa. No entanto, por considerar a cidade como uma cidade média, justifica-se tal recorte por sua relevância científica, endossando, junto a outros trabalhos com a mesma temática, o arcabouço teórico sobre essa tipologia de cidade. Em resumo, esse recorte é justificado tanto na esfera fenomenológica ao analisar as modificações recentes, quanto na científica ao trabalhar com uma temática bastante relevante nos estudos urbanos.

Feita a contextualização histórica é possível adentrar a questão do recorte temporal: entre os anos de 2000 e 2017. Quanto à ocorrência dos fenômenos, parece lógico ter adotado esse período como objeto de estudo em decorrência das recentes modificações que culminaram no estado atual da cidade e que permitem inferências acerca de seu futuro. Ademais, a escolha desse período relaciona-se à metodologia adotada, visto que assim torna-se possível utilizar os dados provenientes dos dois últimos censos, 2000 e 2010, e ainda gerar uma espécie de atualização através de trabalhos de campo e afins.

3.2 Espacialização dos dados coletados

A primeira questão relacionada à espacialização dos dados está ligada ao fato de o IBGE não definir áreas de ponderação para Viçosa. Isso faz com que o primeiro modo de agregação de dados seja o setor censitário. Em um primeiro momento, o trabalho com o espaço nessa escala dos setores censitários poderia mostrar-se suficiente, no entanto, durante algumas fases ocorreram dificuldades para operacionalizar a pesquisa, como no caso dos trabalhos de campo, que serão à frente abordados. Com isso, optou-se por promover um agrupamento dos setores censitários, denominando como Agrupamento Setorial tomando por base algumas premissas para a elaboração das Áreas de Ponderação do IBGE. Cabe frisar, no entanto, que não se tratam de áreas de ponderação, senão pela abrangência-cobertura média de números de domicílios. Com efeito, as, aqui, denominadas áreas de agrupamento setorial não têm valor estatístico e não representam

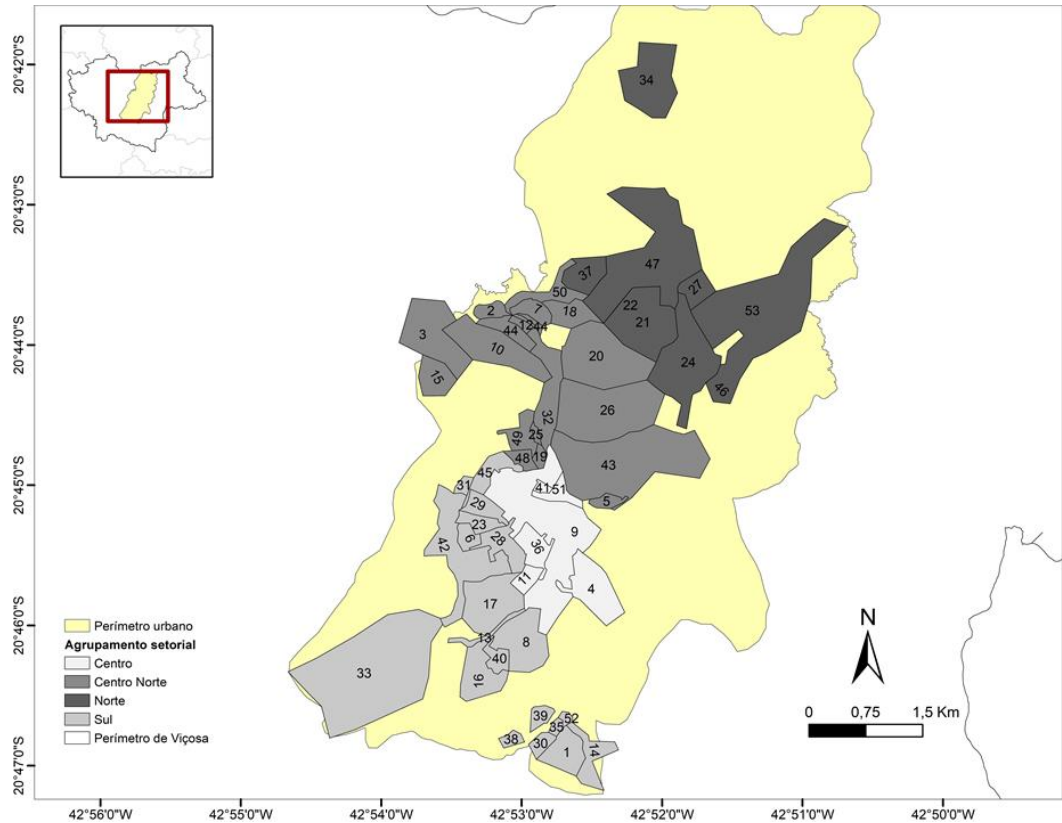
necessariamente amostras dos domicílios e da população nos moldes definidos pelo IBGE.

Como mencionado, ainda que não construído sob as definições do IBGE para Áreas de Ponderação, essa foi uma primeira aproximação para a criação dos agrupamentos. Segundo o IBGE, as áreas de ponderação são:

“[...]uma unidade geográfica, formada por um agrupamento mutuamente exclusivo de setores censitários contíguos, para a aplicação dos procedimentos de calibração dos pesos [...] O tamanho dessas áreas, em termos de número de domicílios e de população, não pode ser muito reduzido, sob pena de perda de precisão de suas estimativas.” (IBGE, 2010).

No total, foram definidas quatro áreas, a saber: centro, centro norte, norte e sul. Os critérios utilizados para a definição dos limites de cada agrupamento setorial foram de base empírica. Inicialmente, foi realizada a categorização dos bairros de acordo com sua posição geográfica (Figura 7). Aqui, cabe salientar que a utilização do critério empírico denota que existia antes do início da pesquisa um conhecimento prévio sobre a área de estudo, sendo assim, essa divisão foi realizada com base nas relações observadas entre os bairros classificados como de uma mesma área. Pelo fato da empiria ser uma dimensão importante para a pesquisa como um todo, e por ter sido construído um estudo de caso, essa definição não apresenta maiores problemas no resultado final. Ademais, a compartimentação da malha urbana, nesse caso, visa principalmente facilitar a apresentação das análises e resultados, não tendo uma relevância fenomenológica propriamente dita. Após a categorização dos bairros, foram selecionados os setores que tivessem os limites semelhantes aos bairros correspondentes a cada área de ponderação (Figura 8).

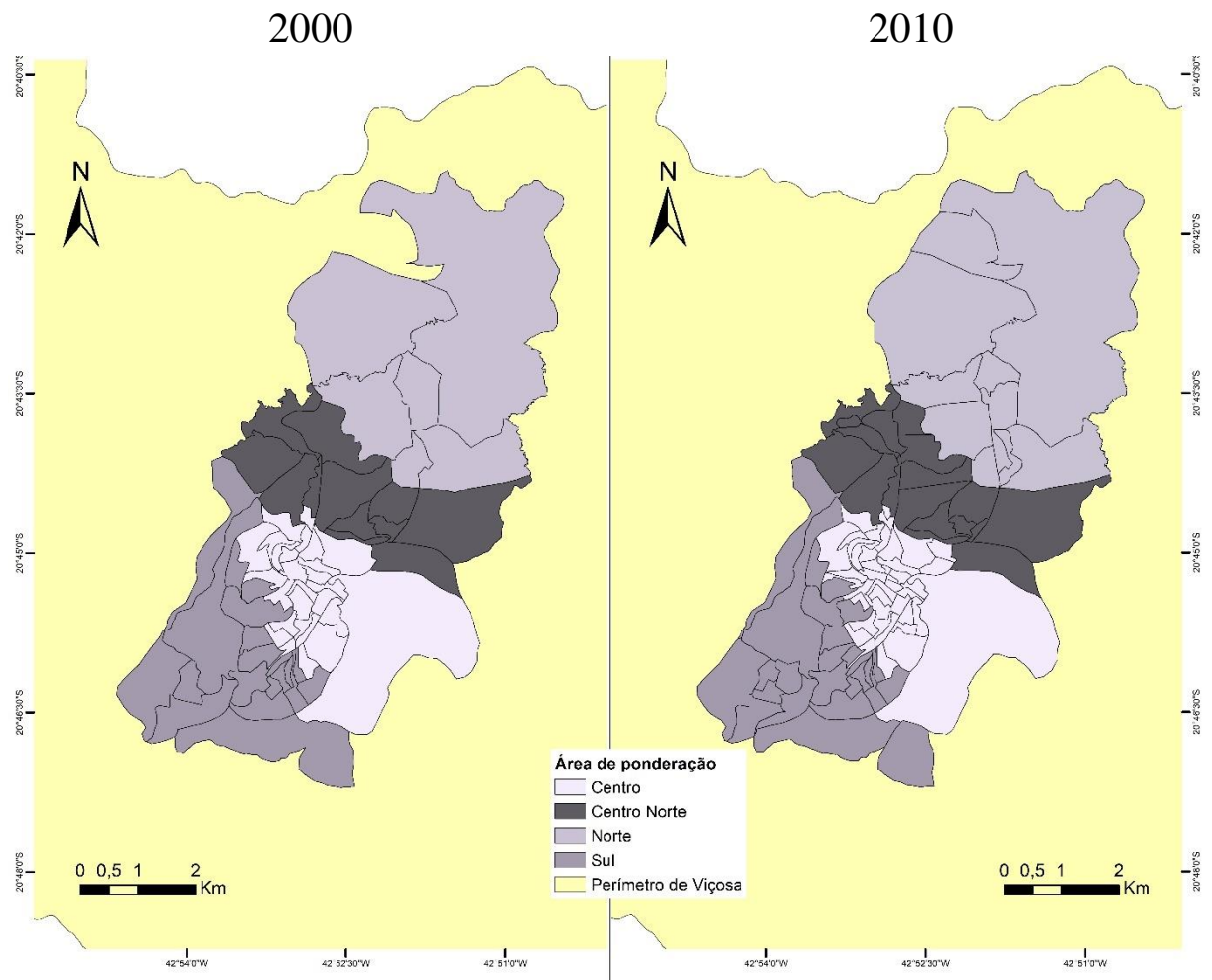
Figura 7: Bairros por área de ponderação Viçosa - MG (2018)



- | | | |
|--------------------------|--------------------------|---------------------------|
| 02-Arduino Bolivar | 20-Inácio Martins | 38-Romao Dos Reis |
| 03-Barrinha | 21-Inconfidência | 39-Rua Nova |
| 04-Bela Vista | 22-Inconfidentes | 40-Sagrada Família |
| 05-Belvedere | 23-J.K. | 41-Sagrado Corações Jesus |
| 06-Betânia | 24-João Braz | 42-Santa Clara |
| 07-Boa Vista | 25-João Mariano | 43-Santo Antônio |
| 08-Bom Jesus | 26-Julia Mollar | 44-Sao Jose |
| 09-Centro | 27-Liberdade | 45-São Sebastião |
| 10-Cidade Nova | 28-Lourdes | 46-Serra Verde |
| 11-Clélia Bernardes | 29-Maria Eugênia | 47-Silvestre |
| 12-Colônia Vaz De Melo | 30-Monte Verde | 48-União |
| 13-Conceição | 31-Morada Do Sol I | 49-Vale Do Sol |
| 14-Cond. Octavio Pacheco | 32-Nova Era | 50-Vau-Acu |
| 15-Distrito Industrial | 33-Nova Viçosa | 51-Vereda Do Bosque |
| 16-Estrelas | 34-Novo Silvestre | 52-Vilas Alves |
| 17-Fátima | 35-Quincas Guimarães | 53-Violeira |
| 18-Floresta | 36-Ramos | |
| 19-Fuad Chequer | 37-Residencial Silvestre | |

Fonte: SAAE Viçosa. Elaboração do autor.
Sistemas de Coordenadas: Sirgas 2000. Sistema de Projeção: UTM.

Figura 8: Setores censitários por área de ponderação Viçosa - MG (2000 - 2010)



Fonte: IBGE. Bases digitais dos setores censitários. Trabalho de campo do autor. Elaboração do autor. Sistemas de Coordenadas: Sirgas 2000. Sistema de Projeção: UTM.

Algo que chamou a atenção durante o processo de espacialização dos dados, foi a possibilidade do agrupamento, mascarar realidades diferentes dentro de uma mesma parte do espaço urbano. Em outras palavras, em homogeneizar o território como um todo, quando, em realidade, há concentrações (populacionais, de serviços e/ou físicas) em pequenas frações das áreas. Essa questão não passou despercebida durante a execução dos trabalhos e quando ocorreram diferenças significativas dentro de um mesmo agrupamento, a abordagem da variável que apresentou as discrepâncias foi trabalhada utilizando o setor censitário como menor unidade de desagregação. Isso será visto, por exemplo, como tratamos da distribuição populacional e de renda dentro da cidade.

O município de Viçosa não apresenta uma lei de abairramentos e, por isso, foi utilizada a malha digital disponibilizada pelo Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE), para construção da representação espacial. Entretanto, isso não interferiu no resultado final, uma vez que a delimitação dos bairros não é uma variável essencial para o estudo. Entretanto, urge que seja promovida pelo poder público local ação dessa natureza, tanto para facilitar a gestão e o planejamento quanto para orientar novos estudos como o presente.

Outra ressalva importante diz respeito a diferença que existe nos limites dos setores entre os anos de 2000 e 2010. Isso deve-se à modificação da metodologia do censo por parte do IBGE. Segundo o instituto, os setores censitários utilizam limites físicos identificados para a delimitação dos setores, no entanto, existe um tamanho máximo de domicílios que podem estar contidos dentro de um único setor. Devido a isso, o IBGE pode promover o desmembramento e adição de alguns setores entre um censo e outro. Aqui, optou-se pela utilização da malha digital de 2010, sendo feita a conversão de alguns setores de 2010 e apenas um de 2000¹.

A abordagem do espaço aqui descrita, com sua divisão, servirá como base para a apresentação dos dados da pesquisa, de todas as naturezas, sejam dados de fonte primária ou secundária, dados demográficos, populacionais e de consumo.

3.3 Análise da dinâmica populacional sob o viés do conceito de Ciclo de Vida

Para o estudo das dinâmicas populacionais utilizou-se dois métodos de análise principais, sendo eles os arranjos domiciliares e o cálculo do Índice de Ciclo de Vida (ICV). Através dessas características, buscou-se entender como as modificações populacionais influenciaram no espaço urbano de Viçosa e, mais especificamente, se essas foram capazes de produzir novas centralidades.

¹ Por exemplo, o setor 317130310000001 de 2000, foi convertido pelo IBGE, nos setores 317130310000001 e 317130310000009 de 2010, o que se decidiu foi então agrupar os dois setores de 2010 para representar o de 2000 (figura 9).

A análise dos arranjos domiciliares por si só poderia ser uma valiosa ferramenta para traçar modificações em uma população. Mas aliou-se a ele o ICV que, em resumo, pode ser conceituado como um valor numérico que é capaz de sintetizar o momento do arranjo domiciliar. As características estão ligadas, principalmente, pela metodologia escolhida para o cálculo do ICV, construída por Bussab e Wagner (1994) que será detalhada a seguir.

Para a análise dos arranjos domiciliares e cálculo do ICV utilizou-se os microdados de pessoas dos Censos de 2000 e 2010. Foram, então, criadas cinco categorias de arranjo domiciliar: unipessoal, casal sem filhos, casal com filhos, monoparental e família estendida.

Na equação, proposta por Bussab e Wagner (1994), são utilizadas as seguintes variáveis: a) idade média dos cônjuges; b) idade média dos filhos; c) diferença de idade entre o cônjuge mais novo e o filho mais velho. São incorporadas à equação, ainda, as médias da população de cada variável citada, fazendo com que o ICV familiar esteja influenciado pelo padrão populacional na qual está inserido.

$$ICV = LOG \left[\frac{IDMC}{MÉDIA (IDMC)} \times \frac{IDMF}{MÉDIA (IDMF)} \times \frac{DCNFV}{MÉDIA (DCNFV)} \right]$$

Onde:

ICV = indicador do ciclo de vida;

IDMC = idade média dos cônjuges;

IDMF = idade média dos filhos;

DCNFV = diferença entre a idade do cônjuge mais novo e a idade do filho mais velho;

MÉDIA (IDMC) = média das idades médias dos cônjuges de todas as famílias;

MÉDIA (IDMF) = média das idades médias dos filhos de todas as famílias;

MÉDIA (DCNFV) = média da diferença entre as idades do cônjuge mais novo e do filho mais velho, de todas as famílias.

Fonte: Bussab e Wagner (1994).

Como fica evidente, a equação só permite o cálculo do ICV para as famílias casal com filhos, dada a inexistência de alguma das variáveis nos outros arranjos. Por isso, em um primeiro momento, o cálculo só foi realizado para tais arranjos. No entanto, uma das vantagens desse método é a possibilidade de imputação do ICV

para outras famílias que possuam uma das variáveis ausente, o que é possível devido à relação direta existente entre o ICV e a idade dos chefes dos domicílios, essa sim, presente em todos os arranjos. Através de uma regressão linear simples, entre idade do chefe e o ICV das famílias biparentais foi definida a equação da curva de regressão, a qual foi utilizada para imputar os dados de todas os outros arranjos.

Outra vantagem significativa do método construído por Bussab e Wagner (1994) consiste na utilização da diferença de idade cônjuge mais novo e a idade do filho mais velho. Isso evita que famílias com pais jovens e filhos jovens fossem colocados no mesmo grupo de famílias com pais e filhos mais velhos, pois esses dois arranjos possuem diferenças de idade entre pais e filhos bem semelhante. Essa é uma vantagem importante porque as características dessas duas famílias são significativamente distintas, principalmente nos padrões de consumo, foco principal de nosso trabalho.

Tal qual os pesquisadores criadores da equação, agrupou-se os arranjos de acordo com o ciclo de vida em três grupos, a saber: formação, consolidação e desconstrução/reagrupamento. Os autores dividem as famílias em jovens, adultos e velhos. Por entender que essa terminologia está mais associada à idade dos membros do que o estágio da formação do grupo, optou-se por criar uma nova terminologia mais adequada aos objetivos da pesquisa, ou seja, não estamos necessariamente discorrendo sobre uma família composta por jovens, senão uma família em estágio de formação, ainda que seus membros estejam próximos a se tornarem idosos.

A demarcação dos pontos de corte do Índice de Ciclo de Vida também foi diferente da metodologia usada como base. Foram criados três clusters com base nos valores do ICV, aqueles imputados para todas as famílias, sendo cada um deles representativo de um estágio da formação do grupo. Esse procedimento também é descrito por Bussab e Wagner (2004) (Tabela 1). Para que fossem feitas comparações entre o ICV de 2000 e 2010, foram usados apenas os pontos de cortes de 2000 para a categorização dos dados de 2010.

Tabela 1: Pontos de corte do Índice de Ciclo de Vida Viçosa – MG (2000 e 2010)

CLASSIFICAÇÃO	MÍNIMO	MÁXIMO	MÉDIA	DESVIO PADRÃO
FORMAÇÃO	-4,32	-2,10	-3,21	-0,43
CONSOLIDAÇÃO	-2,00	-0,30	-1,15	-0,46
DECONSTRUÇÃO/REAGRUPAMENTO	-0,29	2,48	1,10	-0,57

Fonte: IBGE. Censo Demográfico 2000 e 2010. Elaboração do autor.

Continuando a explicar o teor dos estágios do ciclo vital, nos parece importante algumas analogias. O primeiro estágio, formação, pode tratar da formação do grupo familiar, ocorrida através da união de duas pessoas, dando origem aos arranjos casal sem filhos, ou quando ocorre de uma pessoa decidir morar sozinha, originando os lares unipessoais.

Outra situação, outro momento. Posteriormente temos a consolidação desse grupo, quando ocorre muitas vezes a chegada da primeira geração de filhos. Sendo assim, os arranjos casal sem filhos passam a ser os casal com filhos, e os unipessoais podem se tornar os monoparentais, ou mesmo uma família estendida a depender das fusões com outros domicílios e famílias.

Já no último estágio, temos a desconstrução/reagrupamento, onde grupos que já passaram pelas duas últimas fases desmembram-se. Um arranjo típico desse estágio são as famílias casal com filhos já adultos, isto é, nos limiares de transição para a divisão do núcleo familiar original, onde os filhos em um momento decidem deixar a casa dos pais para formarem suas próprias famílias.

Embora os desdobramentos descritos nos parágrafos anteriores sejam bastante comuns, o desenvolvimento das famílias não é linear e pode ocorrer de formas distintas. Mas, a evolução descrita é capaz de explicar uma grande quantidade de casos e permite entender como funciona o Ciclo de Vida familiar e sua validade como método de análise para as mudanças da dinâmica populacional. Após essas fases os dados obtidos com a análise dos arranjos e do ciclo de vida, foram especializados seguindo os agrupamentos setoriais, contribuindo para o entendimento da influência do ICV sobre o espaço urbano.

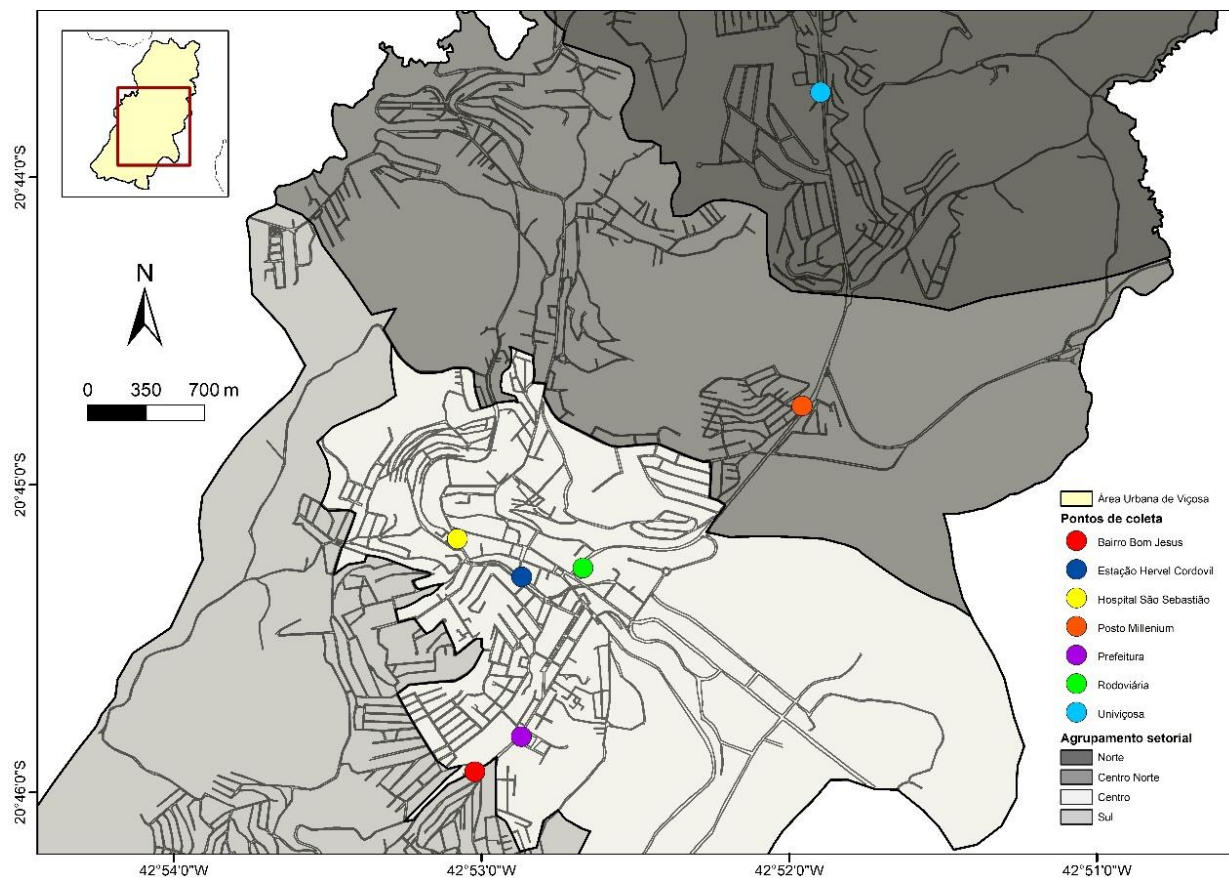
Por fim, utilizou-se os Agregados por Setores Censitários para analisar a distribuição espacial da população e da renda média dos responsáveis pelo domicílio. Seguindo o recorte temporal estabelecido para a pesquisa, foram utilizados os dados provenientes dos Censos de 2000 e 2010. O intuito destas análises foi avaliar como ocorreu o movimento em escala intraurbana e como eles se relacionam com a mudança no padrão de consumo da própria cidade e dos produtos e serviços oferecidos nela. Aqui, optou-se por trabalhar com a escala dos setores censitários e não dos agrupamentos setoriais pelo fato dos agrupamentos poderem mascarar mudanças mais sutis dentro de áreas menores.

3.4 Trabalhos de campo: empiria como forma de atualizar dados antigos

A última fonte de dados utilizada na pesquisa foi o trabalho de campo. A realização de trabalhos de campo, aqui, teve como objetivo coletar informações sobre o estágio atual da cidade de Viçosa, pelo fato do último censo do IBGE datar de 2010. Além disso, algumas variáveis só poderiam ser coletadas por meio do trabalho de campo por se tratarem de processos muito particulares e dinâmicos, não sendo passíveis de abordagem pelo Censo. Um exemplo é o caso dos fluxos migratórios na escala intraurbana, ou talvez, o mais adequado aqui seria tratá-la como mobilidade residencial e não migração na sua acepção clássica de troca de residência e limites administrativos, e as características do setor terciário viçosense.

O primeiro trabalho de campo tratou da dinâmica populacional de Viçosa. Foram coletadas informações sobre mudanças de domicílio e as características do consumo das pessoas consultadas. Para tal, foi utilizado um questionário (anexo I), aplicado em sete pontos da cidade (Figura 9) com o auxílio de estudantes do curso de Geografia, da Universidade Federal de Viçosa.

Figura 9: Pontos de coleta do primeiro trabalho de campo



Fonte: IBGE. Bases digitais dos setores censitários. Trabalho de campo do autor.
Elaboração do autor. Sistemas de Coordenadas: Sirgas 2000. Sistema de Projeção: UTM.

A disposição dos pontos de coleta visou cobrir a maior área possível através da aplicação dos questionários e, dessa forma, ser mais representativo da realidade. Como pode ser visto na Figura X, existe pelo menos um ponto de coleta em todos os agrupamentos setoriais, e esses pontos foram definidos em locais onde existem grandes fluxos de pessoas de forma a diversificar a amostra ao abordar pessoas que residiam em áreas diferentes de um mesmo agrupamento setorial. O agrupamento centro apresentou a maior quantidade de pontos por ser transitado por mais pessoas. Além disso, os locais escolhidos são origem ou fim de fluxos que têm como destino/origem os bairros periféricos, diversificando ainda mais a amostra de pessoas entrevistadas.

Optou-se por utilizar como amostra apenas a população adulta (indivíduos com idade superior a 18 anos) a fim de facilitar os trâmites da pesquisa junto ao Comitê de Ética da instituição, que delimita uma série de ações para o trabalho com crianças e adolescentes. Também se compreende que a utilização apenas de adultos conferiria maior confiabilidade aos dados coletados. Além disso, acreditamos que a população adulta é realmente capaz de responder determinados quesitos, como aqueles que retratam os locais de residência, as razões para morar aqui e não acolá, os serviços e ocupações, os meios de transporte para se deslocar entre o eixo casa-trabalho-casa, etc.. Não foi utilizada uma amostra ideal, estatisticamente, uma vez que seu tamanho foi definido empiricamente dentro dos limites e possibilidades da pesquisa, chegando ao número de 207 pessoas consultadas.

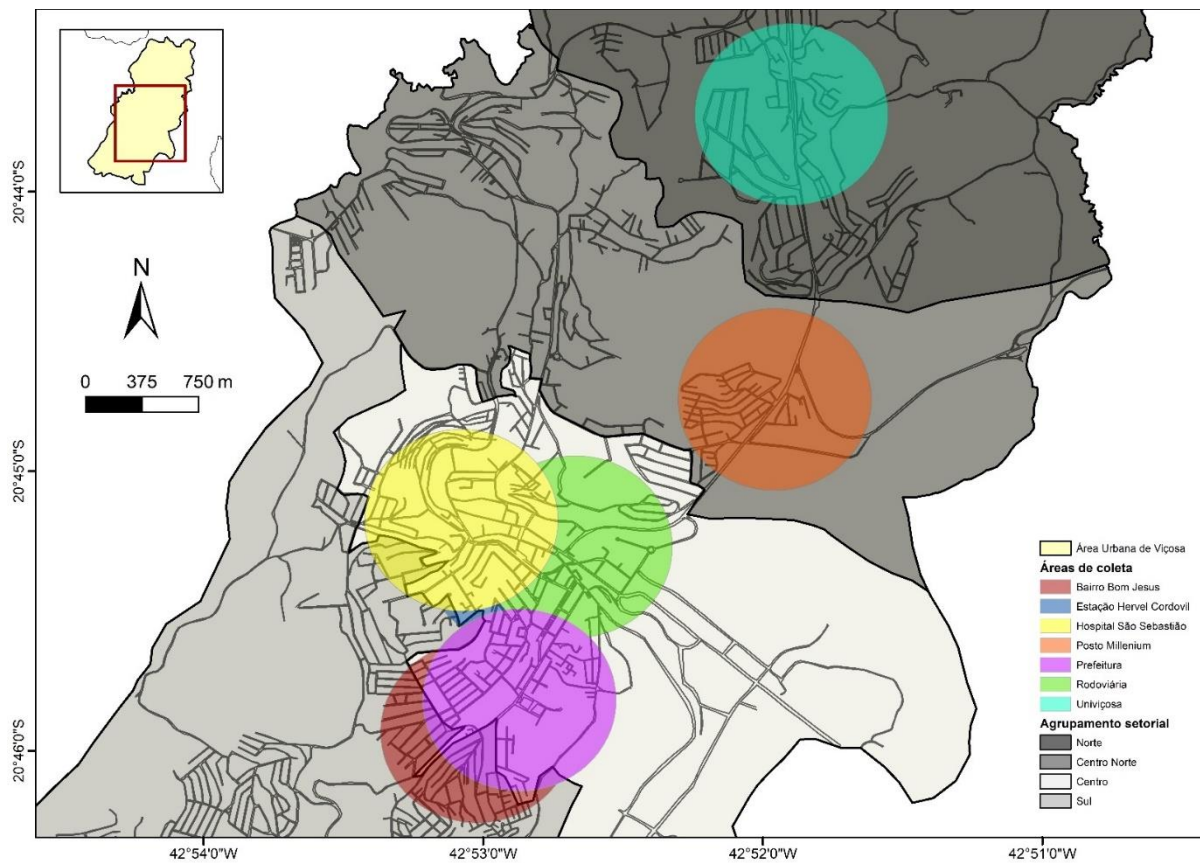
Por esse trabalho ser antes de tudo um estudo de caso, acredita-se que a não representatividade estatística do grupo de pessoas entrevistadas não se torna um problema para a confiabilidade do resultado final sobre o objeto de estudo. O ideal seria que a amostra tivesse o tamanho suficiente para representar a população, e que, principalmente, fosse capaz de a representar espacialmente.

Em um primeiro momento, pensou-se em utilizar um fator de multiplicação da amostra, em uma tentativa de que a amostra pudesse ter uma representatividade estatística. No entanto, só isso não seria suficiente, dado o fato da coleta não ser capaz de ser também, espacialmente precisa. Assim sendo, os dados provenientes do trabalho de campo serão apresentados em valores absolutos, e por vezes porcentagem.

Já o segundo trabalho de campo foi desenvolvido com o intuito de traçar um panorama sobre o setor terciário de Viçosa. Assim sendo, o questionário (Anexo II) foi aplicado junto aos proprietários de estabelecimentos comerciais na cidade. Foram consultados ao todo 54 proprietários, localizados num raio de 600 metros dos pontos de coleta do primeiro trabalho de campo (Figura 10).

Outra fonte de dados que utilizamos para tratar do consumo em Viçosa, foi o Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos (CNEFE), mas o único levantamento disponível para a Viçosa é parte do censo de 2010. Os dados de 2010, embora bastante precisos, estão defasados, justificando assim a necessidade em se fazer o trabalho de campo.

Figura 10: Pontos de coleta do segundo trabalho de campo



Fonte: IBGE. Bases digitais dos setores censitários. Trabalho de campo do autor.
Elaboração do autor. Sistemas de Coordenadas: Sirgas 2000. Sistema de Projeção: UTM.

4. RESULTADOS OBTIDOS

1 Nessa parte serão apresentados as análises e os resultados obtidos pela
2 pesquisa, optou-se pela compartimentação em duas partes principais, uma delas
3 abordando s modificações populacionais observadas no período, e sua manifestação
4 no espaço, a segunda tratando exclusivamente das dinâmicas próprias ao setor
5 terciário. Inicialmente, será feita uma caracterização da forma de cada agrupamento
6 setorial, abordando principalmente sua morfologia.

4.1 Caracterização dos agrupamentos setoriais: compartimentação para se entender a totalidade

7 Antes de iniciarmos a descrição dos agrupamentos, é necessário informar que
8 as fotos utilizadas para ilustrar cada agrupamento foram feitas em áreas que
9 apresentam os fluxos mais importantes, situados nas vias principais. Além disso,
10 buscou-se retratar a paisagem típica da área em questão, ilustrando, assim, as
11 dinâmicas presentes nos locais sobre as quais as fotos se referem.

12 A área central (Figura 11), compreendida pelos bairros Bela Vista, Centro,
13 Clélia Bernardes, Ramos, Sagrado Coração e Vereda do Bosque, configura-se como
14 o primeiro espaço de fixação de Viçosa, seguindo a lógica de todas as cidades. A
15 área apresenta saturação do seu espaço físico, tendo poucos vazios urbanos e
16 elevadas taxas de verticalização, o que demonstra uma alta quantidade de
17 domicílios mesmo em um espaço relativamente pequeno. Nesse espaço, estão
18 contidas as principais ofertas de comércios e serviços, apresentando um grande
19 fluxo de pessoas e veículos, durante todo o dia.

20 Apesar da grande variabilidade na tipologia do setor terciário do centro, existe
21 uma predominância daqueles de tipo rápido, como copiadoras e chaveiros, no caso
22 de serviços, e padarias, lanchonetes e mercados no caso do comércio.

Figura 11: Agrupamento setorial CENTRO - Viçosa - MG (2018)



11.1 - “Shopping” Chequer (Centro)



11.2 - Campus da UFV (Centro)



11.3 – Praça Silvano Brandão (Centro)



11.4 - Avenida Olívia de Castro (Ramos)

Fonte: Trabalho de campo do autor

1 O agrupamento Sul (Figura 12) é predominantemente residencial, possuindo
2 vazios urbanos consideráveis e uma grande variabilidade da população residente
3 quanto à renda. Na mesma área, por exemplo, encontra-se diversos condomínios
4 fechados de alto padrão, e o conjunto habitacional das Coelhas, parte do programa
5 minha casa minha vida.

Figura 12: Agrupamento setorial SUL - Viçosa - MG (2018)



12.1 – Condomínio Acamari



12.2 – Conjunto Habitacional da Coelhas



12.3 – Praça Santana (Fátima)



12.4 – Rua da Conceição (Estrelas)

Fonte: Google Imagens (12.1 e 12.2); Trabalho de campo do autor (12.3, 12.4).

1 Quanto aos estabelecimentos, predominam mercados locais, que visam
2 atender a demanda da população residente em itens básicos, sobretudo no ramo
3 alimentício. A presença dos condomínios com pessoas de alto poder aquisitivo,
4 também faz com que demandas não sejam criadas, dada a facilidade no
5 deslocamento até a área central, que está bastante próxima.

6 O Centro Norte (Figura 13) é uma das mais populosas áreas de Viçosa,
7 contendo o bairro mais populoso, Santo Antônio. Tem em sua composição,
8 principalmente, pessoas de classe média baixa, predominando a função domiciliar
9 em toda sua extensão. Essa área possui a particularidade de fazer a intermediação
10 entre as áreas Norte e Centro, possuindo relação com ambas.

Figura 13: Agrupamento setorial CENTRO NORTE - Viçosa - MG (2018)



13.1 – Avenida Castelo Branco
(Santo Antônio)



13.2 – Rua dos Passos (Vale do Sol)



13.3 – Rua Joaquim Lopes de Faria
(Santo Antônio)



13.4 – Av. Jacob Lopes de Castro
(Arduino Bolívar)

Fonte: Trabalho de campo do autor

1 A tipologia dos comércios, possui relativa variabilidade, mesmo
2 predominando produtos e serviços do cotidiano, como ocorre com a região sul. No
3 entanto, a área possui em seus limites a presença de uma parte da Avenida Castelo
4 Branco, definida por Batella (2017) como um importante vetor de expansão da
5 cidade de Viçosa, em direção à porção norte da cidade. Por essa razão, algumas
6 partes da área Centro Norte apresentam uma grande gama de serviços, ligados ao
7 setor automotivo, como venda de veículos e autopeças, além de serviços de
8 manutenção.
9

1 O agrupamento Norte (Figura 14), é um dos mais importantes por configurar-
2 se como um dos principais vetores de desenvolvimento de Viçosa. Nos últimos
3 anos, a área vem recebendo diversos equipamentos que promoveram mudanças
4 significativas no setor imobiliário e comercial. A área apresenta uma grande
5 diversidade financeira da população residente, dada a histórica ocupação iniciada
6 nos anos 1980, de pessoas de mais baixa renda, ao mesmo tempo que existe na área
7 condomínios fechados em bairros como Silvestre e Violeira.

Figura 14: Agrupamento setorial NORTE - Viçosa - MG (2018)



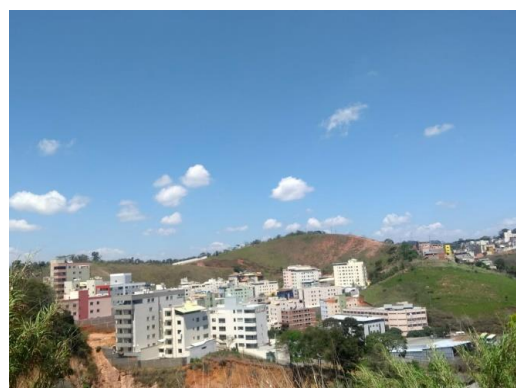
14.1 – Univiçosa (Silvestre)



14.2 – Av. Marechal Castelo Branco
(João Brás)



14.3 – Cond. Recanto da Serra (Violeira)



14.4 – Bairro Liberdade

Fonte: Trabalho de campo do autor

8 Influenciadas pelas novas estruturas recebidas, como as faculdades,
9 sobretudo no início da década de 2000, a área apresenta um setor terciário que supre
10 a maior parte das demandas da população local, sendo necessário o deslocamento
11 ao centro, apenas para serviços bastante específicos, como os bancários. Próximo
12 às faculdades, encontra-se grande variedade de bares e restaurantes, além de
13 papelarias e copiadoras, todos eles estabelecidos após à instalação das faculdades.

4.2 Modificações na população viçosense em acompanhamento à tendência brasileira

1 A cidade de Viçosa, do ponto de vista populacional, possui características
2 próprias que a diferencia dos municípios em seu retorno, características essas
3 induzidas principalmente pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). A presença
4 da universidade provoca alterações na tipologia da população, elevando o nível
5 médio de formação e atraindo uma população jovem bastante expressiva, embora
6 esses indivíduos nem sempre sejam computados como população residente. Além
7 do mais, nos últimos anos, Viçosa recebeu, também, instalação de instituições
8 privadas de ensino, o que acabou por reafirmar essa particularidade.

9 Embora nem todos os estudantes sejam contabilizados dentro do Censo pelo
10 fato do IBGE contabilizar apenas a população residente e não a população presente,
11 é possível notar o impacto desse público dentro da demografia local. A presença de
12 um grupo populacional tão específico acaba por produzir impactos, sobretudo, no
13 consumo de serviços e habitação.

14 A não contabilização do público estudantil no Censo faz com que possam ser
15 observadas distorções entre os dados e a realidade. Isso porque, como já
16 mencionado, o público envolvido com as instituições de ensino superior produz
17 grande impacto na dinâmica da cidade, principalmente no que se refere ao consumo,
18 que é, também, foco desse trabalho. Assim sendo, a análise da dinâmica
19 populacional e sua influência no consumo na/da cidade podem não construir
20 análises e conclusões confiáveis.

21 Embora ocorra uma atração populacional por parte das instituições de ensino,
22 Viçosa registrou, entre os Censos de 2000 e 2010, uma taxa de crescimento
23 populacional inferior à taxa brasileira para o mesmo período (Tabela 2). Isso pode
24 estar associado à queda da taxa de fecundidade e a emigração ocorrida no período.

Tabela 2: Taxa de crescimento das populações brasileira e viçosense (2000 e 2010)

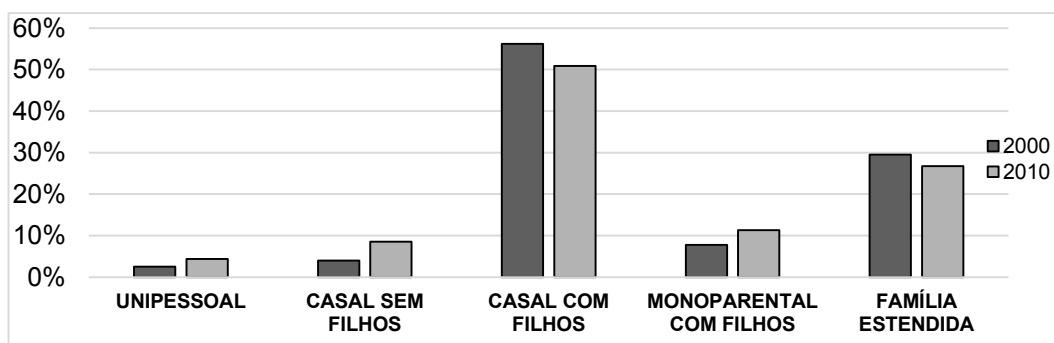
	CENSO		CRESCIMENTO (%)
	2000	2010	
BRASIL	169.799.170	190.755.799	12,34%
VIÇOSA	64.854	72.220	11,36%

Fonte: IBGE. Censo Demográfico 2000 e 2010. Elaboração do autor.

1 Seguindo o modelo de distribuição espacial da maior parte das cidades das
2 cidades interioranas de porte similar, Viçosa possui sua população concentrada,
3 sobretudo, na área central, decorrente do histórico de ocupação. No entanto, nota-
4 se um movimento de desconcentração do centro, sendo essa nova lógica observada
5 por autores como Batella (2017), que mostra a existência de uma migração da
6 população da área central para áreas como o vetor norte da cidade. Esses pontos
7 serão tratados a fundo na sessão destinada a discussão de novas centralidades de
8 Viçosa.

9 Dada a complexidade da dinâmica populacional de qualquer recorte espacial,
10 e no caso específico da cidade de Viçosa, faz-se necessário uma metodologia que
11 possa sintetizar as modificações ao longo do tempo, permitindo que relações sejam
12 construídas. Por isso, foi usado o ciclo de vida como método de análise, por
13 permitir, através do índice matemático criado, a construção de sínteses com outros
14 fenômenos. A análise do ciclo de vida, será iniciada tratando dos arranjos
15 populacionais, por serem eles uma dimensão fundamental para o cálculo do ICV e
16 para o estudo populacional de um modo geral (Gráfico 1).

Gráfico 1: Arranjos domiciliares – Viçosa – MG (2000 e 2010)



Fonte: IBGE. Censo Demográfico 2000 e 2010. Elaboração do autor.

1 Viçosa ainda é um município no qual o padrão “casal com filhos” é
2 preponderante, sendo esse responsável por mais de 50%, tanto em 2000 quanto em
3 2010. Além disso, pode-se notar que existe uma significativa presença de famílias
4 estendidas, que tem apresentado, assim como os casais com filhos, uma redução
5 nos últimos anos.

6 Observa-se que em Viçosa manifesta-se a lógica apresentada por Arraiagada
7 (2007) em que os arranjos considerados tradicionais, casais com filhos com filhos,
8 vêm reduzindo em quantidade. Já os arranjos monoparentais, sobretudo aqueles
9 chefiados por mulheres, vem apresentando tendências de crescimento, embora elas
10 ainda divirjam consideravelmente do padrão europeu, por exemplo.

11 As causas para o aumento do número de famílias monoparentais chefiadas
12 por mulheres, estão relacionadas, principalmente, à relativa independência
13 conquistada por elas nas últimas décadas, a qual possibilita que formem seus
14 próprios núcleos familiares independentes. Seguindo essa mesma lógica, e
15 considerando ainda o impacto da modificação do modo de vida, privilegiando o
16 campo profissional, verifica-se um expressivo aumento do número de domicílios
17 casais sem filhos, reflexo do adiamento do planejamento familiar por grande parte
18 das pessoas hodiernamente. Talvez essa tendência pudesse ainda ser reforçada pelo
19 aumento da taxa de divórcios, como destaca Silveira (2004), assunto a ser
20 investigado futuramente.

21 Um segundo arranjo que tem seu aumento bastante ligado à perda de
22 participação relativa do modelo tradicional é o unipessoal. Durante o período
23 retratado pela pesquisa, entre 2000 e 2010, houve um aumento em faixas de crédito
24 ligados à habitação, o que possibilitou que pessoas decidissem ocupar novos
25 domicílios. Além disso, no período houve um aquecimento do mercado local da
26 construção civil, o que proporcionou um barateamento dos preços de aluguéis,
27 processo estudado por Bezerra et al. (2013), contribuindo para que indivíduos que
28 co-habitavam, por qualquer razão, pudessem arcar com os custos de uma moradia
29 própria.

30 O aquecimento do mercado imobiliário viçosense está ligado, em grande
31 parte, ao aumento do número de vagas de ensino superior observado no período. A
32 chegada de novas instituições e o estabelecimento do Reuni na UFV criou uma

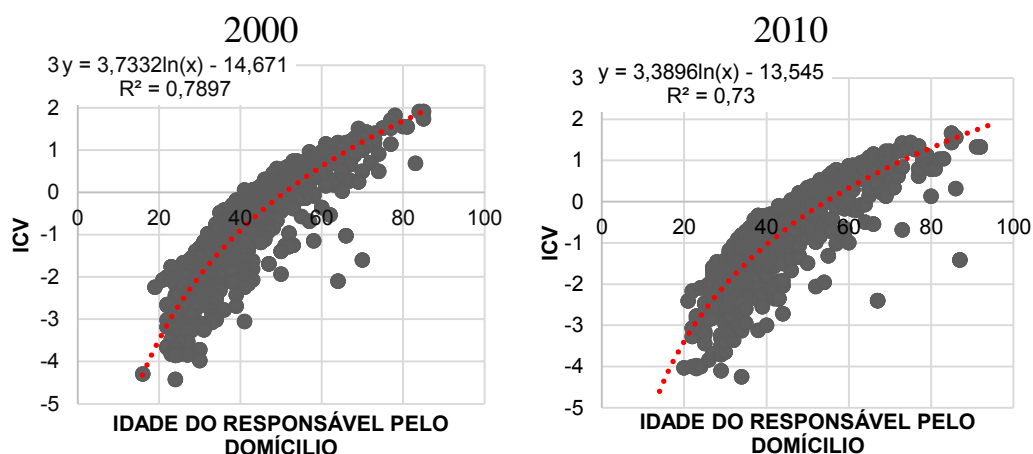
1 expectativa no capital imobiliário local, que culminou no aumento do número de
2 unidades, ocorrendo principalmente sob a forma de verticalização.

3 Outro arranjo que tem sua alteração também associada ao aumento do
4 crédito imobiliário e barateamento dos aluguéis são as famílias estendidas, pelo fato
5 desse tipo de agrupamento ter seu crescimento relacionado a momentos de crise em
6 que pessoas com grau de parentesco, ou não, se unem em um mesmo domicílio,
7 coabitando para reduzir os custos de moradia (Silveira, 2004). Nesse sentido, não é
8 casual uma pequena queda relativa da participação percentual das famílias
9 estendidas no contexto geral. Afinal, foi mais fácil adquirir moradia no período.

10 Em suma, Viçosa, seguindo o padrão brasileiro atual, vem passando por uma
11 queda no número de arranjos que favorecem a co-habitação e cooperação entre os
12 membros – casal com filhos e família estendida – em favor de aqueles que
13 possibilitam maior liberdade individuais – unipessoal, casal sem filhos e
14 monoparentais com filhos.

15 Tratando agora especificamente do ciclo vital, como destacado na sessão
16 metodológica, o ICV foi calculado, em um primeiro momento, apenas para as
17 famílias composta por casais e filhos, sendo o índice obtido para as demais famílias
18 através de uma regressão linear simples utilizando como base a idade do chefe do
19 domicílio (Gráficos 2 e 3).

Gráficos 2 e 3: Indicador de Ciclo de Vida (ICV) – Viçosa - MG (2000 - 2010)



Fonte: Microdados da amostra. Arquivo pessoas. Censos Demográficos 2000 e 2010.
Elaboração do autor.

1 Analisando os gráficos, pode-se observar uma pequena variação no estágio
 2 do ciclo de vida das famílias viçosenses entre os anos de 2000 e 2010. Essa baixa
 3 alteração segue a, também pequena, alteração nos arranjos domiciliares para o
 4 mesmo período. No entanto, mesmo que suave, a linha de tendência de 2010 é mais
 5 abatida que a de 2000. Isso pode significar que alterações no ICV permitem que
 6 ocorram grandes variações na idade dos responsáveis pelos domicílios, o que fica
 7 evidente quando observa-se a alteração da idade média dos responsáveis por área
 8 de ponderação em relação ao ICV médio para o mesmo recorte (Tabela 3).

Tabela 3: Índice de ciclo de vida e idade do responsável pelo domicílio por área de ponderação Viçosa – MG (2000 e 2010)

ÁREA DE PONDERAÇÃO	ÍNDICE DE CICLO DE VIDA		IDADE MÉDIA DO RESPONSÁVEL	
	2000	2010	2000	2010
CENTRO	-0,35	-0,37	46,47	48,93
CENTRO NORTE	-0,54	-0,54	44,08	46,35
NORTE	-0,48	-0,53	44,74	46,47
SUL	-0,51	-0,56	44,46	46,19
MÉDIA	-0,47	-0,50	44,94	46,99

Fonte: IBGE. Censo Demográfico 2000 e 2010. Elaboração do autor.

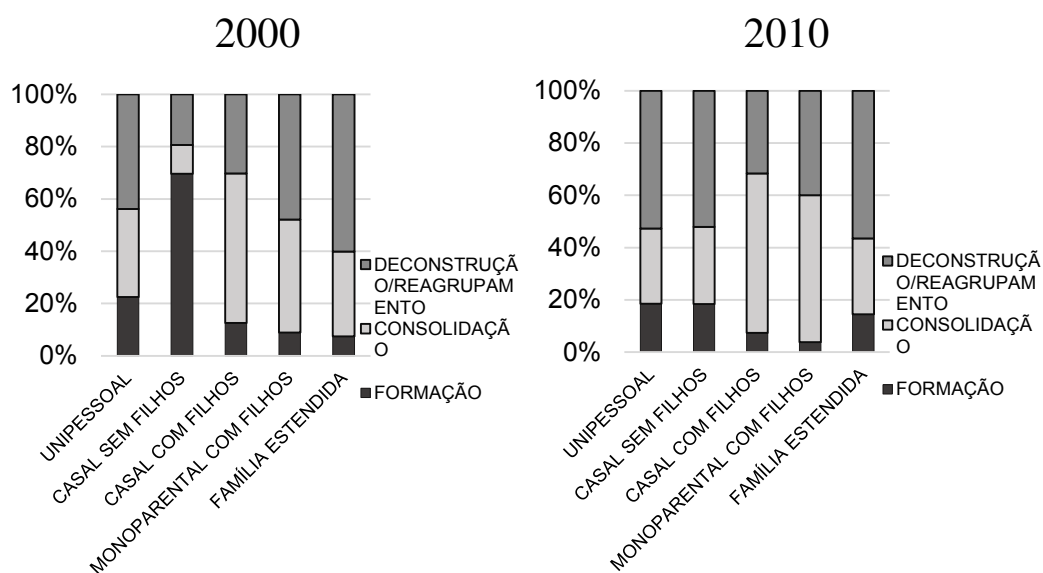
9 Como mencionado, o ICV, em valores absolutos, pouco se alterou no período,
 10 já a idade dos chefes variou significativamente, mesmo em valores médios.
 11 Enquanto a média do primeiro variou 6,38%, o segundo apresentou uma variação
 12 de 4,56%. Em realidade, as alterações do ICV são fruto de iguais modificações na
 13 própria estrutura etária da população. Pode se dizer que, a maior concentração de
 14 grupos etários adultos nas pirâmides etárias, devido, sobretudo, a queda da
 15 fecundidade.

16 A alteração observada nos valores médios de idade dos chefes de família, tal
 17 qual a mudança nos arranjos domiciliares, acompanha a mudança do padrão de vida
 18 brasileiro. O que ocorre hoje é um foco maior nas atividades educacionais, com a
 19 formação se estendendo por mais anos comparado a outros momentos, além do foco
 20 na atividade profissional, fatores esses que geram o adiamento da decisão de
 21 constituição de novas famílias (Almeida e Freitas, 2007).

22 Como esperado, percebe-se que os arranjos domiciliares influem no ICV da
 23 população (Gráfico 4). Em 2000 é possível observar que a maior parte dos lares

1 constituídos por pais e seus filhos estavam situados no primeiro estágio do ciclo
 2 vital e uma pequena parte nos últimos estágios, evidenciando que o padrão de
 3 formação familiar tradicional, onde ocorre o casamento e posteriormente a chegada
 4 de filhos ainda era hegemônico. Entretanto, essa lógica começa a se alterar quando
 5 observamos os dados de 2010. Para os dados de 2010, observamos que a maior
 6 parte dos domicílios casais com filhos já se localizavam dentro da fase de
 7 consolidação do desenvolvimento familiar. Chama atenção ainda o aumento da
 8 presença de famílias constituídas apenas de cônjuges (casal sem filhos) no último
 9 estágio, demonstrando a ocorrência de casais que nunca tiveram filhos ou aqueles
 10 onde os filhos deixaram o domicílio de origem.

Gráfico 4: Arranjos domiciliares segundo ciclo vital
 Viçosa – MG (2000 e 2010)



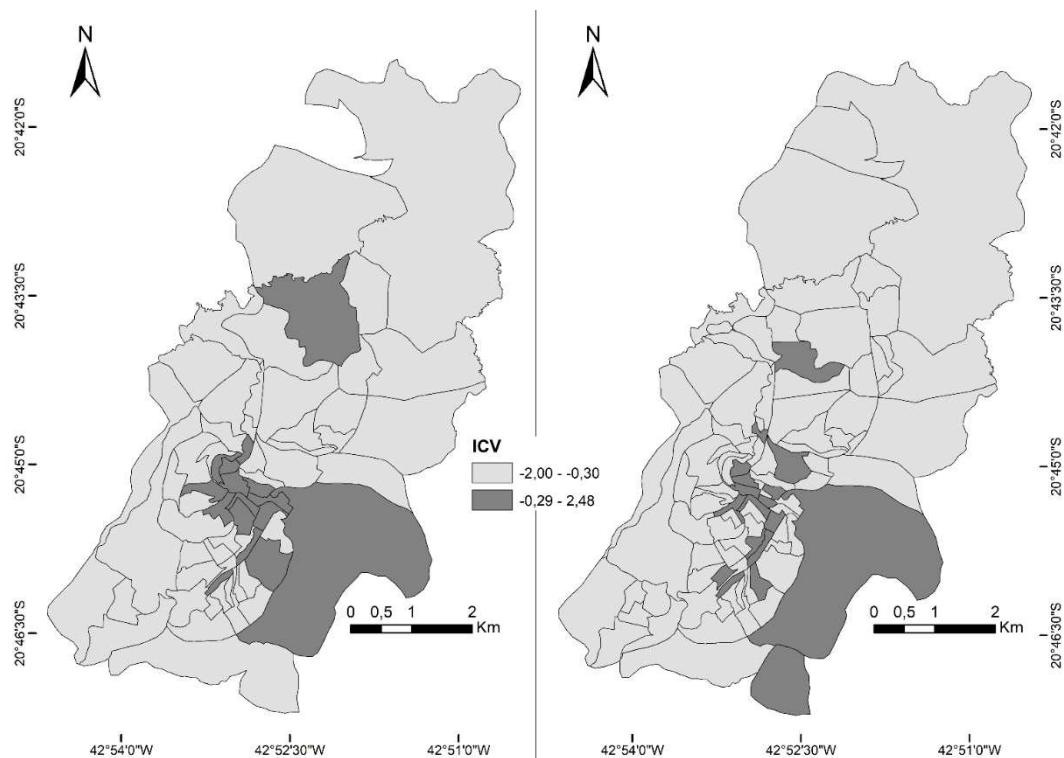
Fonte: Microdados da amostra. Arquivo pessoas. Censos Demográficos 2000 e 2010.
 Elaboração do autor.

11 Outro arranjo que sofreu alterações significativas no período são os
 12 monoparentais. O que pode-se observar é o aumento de lares localizados no
 13 segundo estágio do ciclo vital. Para explicar esse aumento, tem-se duas hipóteses.
 14 A primeira é de que esses arranjos já se formaram assim desde o início, ou seja,
 15 pessoas que tiveram filhos optaram desde o nascimento das crianças por viverem
 16 assim. A segunda diz respeito ao aumento do número de divórcios, o que permite
 17 inferir que em certo ponto alguns desses grupos eram biparentais, mas em

1 decorrência da separação, mudaram de tipologia. E, por último, inclusive processos
2 naturais-biológicos, como a morte, podem ter conduzido ao aumento da fração de
3 domicílios dessa natureza.

4 Quanto à espacialização, os setores censitários de Viçosa apresentam uma
5 grande predominância no estágio de consolidação do ICV para os arranjos
6 familiares, o que deve-se à, também predominante, presença de pessoas em idade
7 adulta. Os setores que apresentam um ICV médio ligado à desconstrução e
8 agrupamento dos arranjos estão presentes em áreas ocupadas nos primeiros
9 momentos da urbanização de Viçosa ou em áreas onde hoje existe uma
10 predominância de condomínios fechados (Figura 15).

Figura 15: Indicador de Ciclo de Vida (ICV) por Setor Censitário – Viçosa –
MG (2000 - 2010)



Fonte: IBGE. Bases digitais dos setores censitários. Trabalho de campo do autor.
Elaboração do autor. Sistemas de Coordenadas: Sirgas 2000. Sistema de Projeção: UTM.

Antes de iniciar as reflexões sobre a espacialização dos dados do ICV, cabe uma ressalva metodológica. Durante todo o processo de constituição desse trabalho, sobretudo nas análises utilizando valores médios, e espacialização de dados utilizando o setor censitário como menor unidade de desagregação, era de conhecimento que isso poderia produzir generalizações e, talvez, não representar casos específicos. Em um cenário ideal, o ICV seria calculado para todos os grupos familiares sem a necessidade de utilização de regressões, mas tem-se aí uma limitação metodológica. Limitação que também ocorre na espacialização, pelo fato de serem observadas diferenças dentro de um mesmo setor. No entanto, essa foi a alternativa viável que se mostrou mais adequada a representar a realidade das dinâmicas. Nesse sentido, temos ciência que as análises podem estar enviesadas por efeitos de MAUP (Modifiable Areal Unit Problem) e, logo, de falácia ecológica.

Fica evidente que, assim como na distribuição populacional, de um modo geral, a área central exerce forte influência no ICV devido a essa ser a área que recebeu a fixação das primeiras pessoas de Viçosa, apresentando um ICV próprio de famílias que passam por processo de desconstrução e/ou reagrupamento. Já alguns setores da porção Sul, que apresentam a mesma tipologia de ICV, tem essa particularidade relacionada à presença de condomínios fechados, que pelos altos custos tornam-se acessíveis apenas para famílias já bem estabelecidas economicamente, o que, quase sempre, está ligado a responsáveis com idade já avançada.

A área central, mesmo apresentando uma predominância do estágio de desconstrução/reagrupamento, contém alguns setores que passaram por um processo de transição para os primeiros estágios do ICV, o que se explica pela modificação na metodologia do próprio IBGE, explicada no tópico destinado a apresentação da metodologia utilizada. O IBGE, ao criar os setores censitários, promove o agrupamento de cerca de 300 domicílios, e quando tais setores ultrapassam esse número, é feito o desmembramento do setor original. Com isso, setores na área central, na qual, historicamente existe uma predominância de estudantes, como a Rua dos Estudantes (Figura 16), passaram a sofrer os efeitos, ou melhor, representar mais fidedignamente as características de sua população, qual seja, uma população jovem, apresentando assim uma diminuição no valor do ciclo

de vida e por consequência a mudança na classificação do estágio. Como já observado, a maioria dos estudantes não são contabilizados no Censo para Viçosa, mas alguns perpetuam sua estadia na cidade após a formação, ocupando as mesmas moradias que ocupavam ao estarem vinculados às instituições educacionais.

Figura 16: Prédios antigos majoritariamente ocupados por estudantes – Rua dos Estudantes



Fonte: Trabalho de campo do autor

O caso da Rua dos Estudantes é recorrente em outros pontos da cidade. Áreas que, historicamente, são ocupadas por esse grupo ganham atenção dos especuladores imobiliários que fixam nesses pontos seus novos empreendimentos (Figura 17). O surgimento de novas unidades domiciliares acaba por atrair também famílias recém formadas sem ligação à atividade universitária, que fixam-se nesses pontos e assim contribuem para a redução do ICV dos setores para que se mudam.

Figura 17: Novos empreendimentos – Rua dos Estudantes



Fonte: Trabalho de campo do autor

Em 2000, o único setor, fora da área central a apresentar um ICV de consolidação do arranjo estava contido no vetor norte da cidade, hoje é um importante destino de mudanças de domicílio. Nesse setor está localizado o condomínio Parque do Ipê, surgido ainda na década de 1970, e por isso, seguindo a mesma lógica de pontos na porção sul da cidade, apresenta uma maior idade média dos chefes, resultado da classificação do setor dentro da porção em desconstrução. Já em 2010, a área com essa classificação fica reduzida, obedecendo o mesmo processo, de desmembramento de setores, que ocorre na área central. Embora a mudança de metodologia seja uma razão pertinente para essa modificação, a porção Norte da cidade também recebeu novos empreendimentos imobiliários que são ocupados muitas vezes por famílias recém-formadas. Enfim, todos esses são alguns

exemplos que os setores censitários são internamente mais heterogêneos do que se supunha. Em resumo, são ilustrações da já mencionada falácia ecológica. Nos esforçamos por minimizar essa deficiência a partir do uso da grade estatística do IBGE; todavia, por diversas razões e limitantes não foi possível até o presente momento da pesquisa, permanecendo essa opção como uma possível agenda de pesquisa futura.

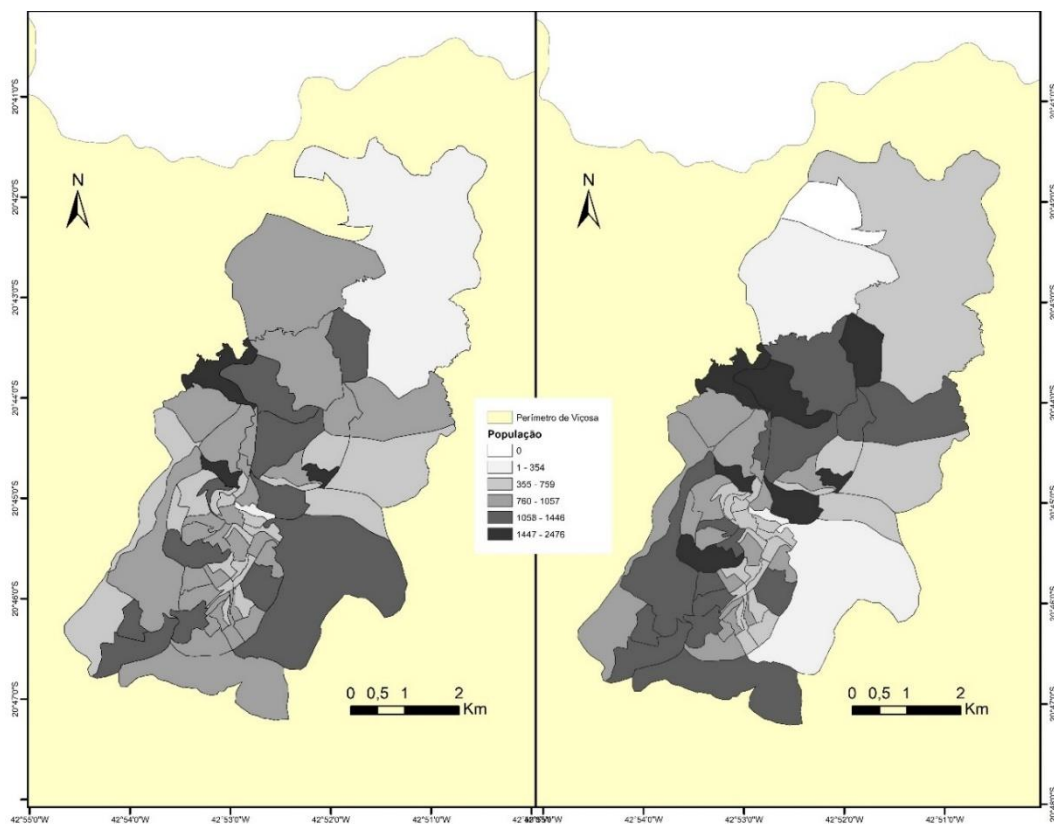
4.2.1 Modificações da distribuição espacial da população como produto e processo

Abordada as modificações da dinâmica populacional de Viçosa ocorridas no período entre 2000 e 2010, será discutida agora de que forma essa dinâmica se manifestou no espaço. Para isso, serão apresentados dados de duas fontes, a primeira, trata-se dos dois últimos censos, 2000 e 2010, a segunda, são dados obtidos através dos trabalhos de campo, e que nortearam esse estudo de caso.

Primeiramente, serão analisados os dados obtidos utilizando os censos de 2000 e 2010, sendo o foco a população residente por setor censitário. Nesse estágio, ocorreu uma pequena modificação na metodologia, aqui usaremos limites dos setores de 2010, sem o desmembramento feito pelo IBGE de um para o outro. Optou-se por essa estratégia para facilitar a comparação de um ano ao outro, sendo necessário a apresentação dos mesmos limites.

Assim como a maioria das cidades, Viçosa também apresenta um padrão de ocupação bastante irregular, considerando múltiplos fatores que influenciam na atração de cada área ao longo do tempo. A atração obedece a fatores históricos como a presença de infraestruturas, valor fundiário, valor simbólico, entre outros pontos. Em Viçosa, os dos primeiros pontos são os principais regentes do padrão de ocupação encontrado atualmente (Figura 18).

Figura 18: População residente por Setor Censitário – Viçosa – MG (2000 - 2010)

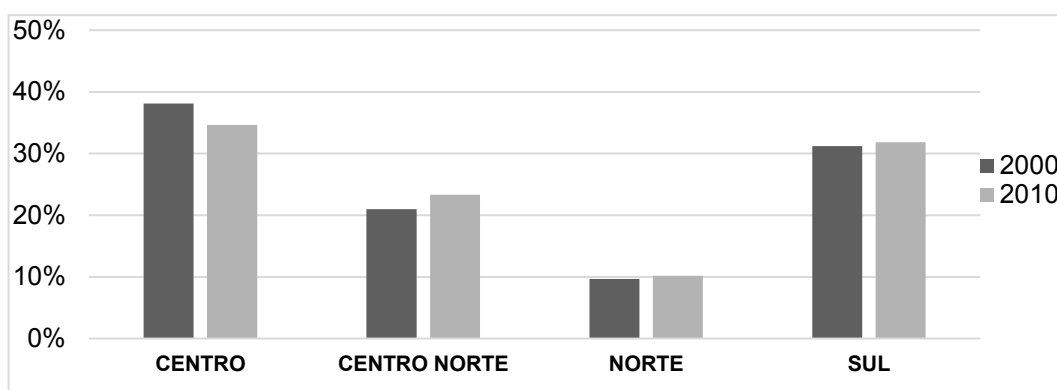


Fonte: IBGE. Bases digitais dos setores censitários. Elaboração do autor. Sistemas de Coordenadas: Sirgas 2000. Sistema de Projeção: UTM.

Ainda que a área central apresente um grande contingente populacional, devido a fatores históricos, fica evidente ao observar os mapas um, ainda inicial, processo de esvaziamento da área central. As causas para essa saída do centro podem estar relacionadas ao alto custo de fixação na área, que culmina na busca por áreas mais baratas, a praticamente inexistência de terrenos para a expansão urbana aliada à baixa possibilidade de crescimento vertical (dado a alta densidade construída da região) e, por último, também à atração promovida pela chegada de novas estruturas em outros pontos da cidade.

Salta aos olhos também um significativo aumento populacional nos setores do sul de Viçosa (Gráfico 5), movimento aqui conduzido pelo surgimento de novos condomínios fechados e um conjunto habitacional proporcionado pelo programa Minha Casa Minha Vida dentro do recorte temporal da pesquisa.

Gráfico 5: Distribuição populacional por agrupamento setorial



Fonte: IBGE. Censo Demográfico 2000 e 2010. Elaboração do autor.

O que mais chama atenção na mudança do padrão de ocupação de Viçosa é o aumento da fixação na porção norte da cidade (Tabela 4). No período analisado, os agrupamentos Centro Norte e Norte apresentaram um aumento demográfico muito superior às outras áreas, e muito superior à própria taxa de crescimento da população viçosense.

Tabela 4: Taxa de crescimento das populações brasileira e viçosense (2000 e 2010)

AGRUPAMENTO SETORIAL	POPULAÇÃO RESIDENTE		
	2000	2010	VARIÇÃO
CENTRO	21.486	21.525	0,18%
CENTRO NORTE	11.832	14.486	22,43%
NORTE	5.449	6.340	16,35%
SUL	17.579	19.762	12,42%
TOTAL	56.346	62.113	10,23%

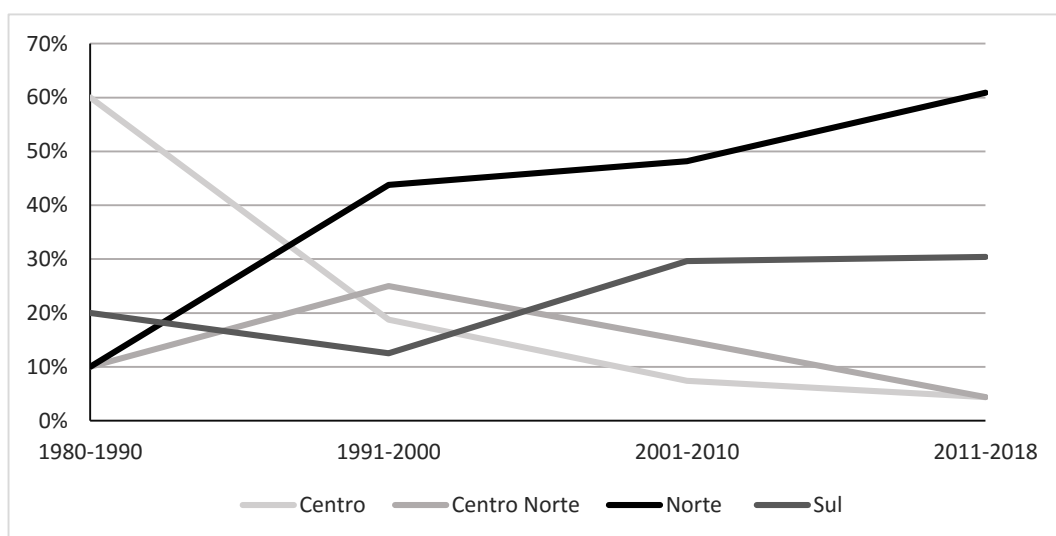
Fonte: IBGE. Censo Demográfico 2000 e 2010. Elaboração do autor.

O aumento populacional nas porções ao norte da malha urbana está ligados à chegada das de novas estruturas na área, como a instituições de ensino superior, e a oferta de novas moradias, tornando-se então destino para novos famílias principalmente. Fato é que essas duas novas dinâmicas, chegada de estruturas e aquecimento do mercado imobiliário, estão interligadas, já que a segunda serviu como impulso para a primeira.

A utilização dos agregados por setores censitários e a espacialização de seus dados, embora valorosa, não é capaz de abstrair todos os processos envolvidos na distribuição populacional. Embora inferências pudessem ser feitas, demandava-se entender como ocorrem os fluxos dentro da cidade. Para compreender tais fluxos foram utilizados os trabalhos de campo.

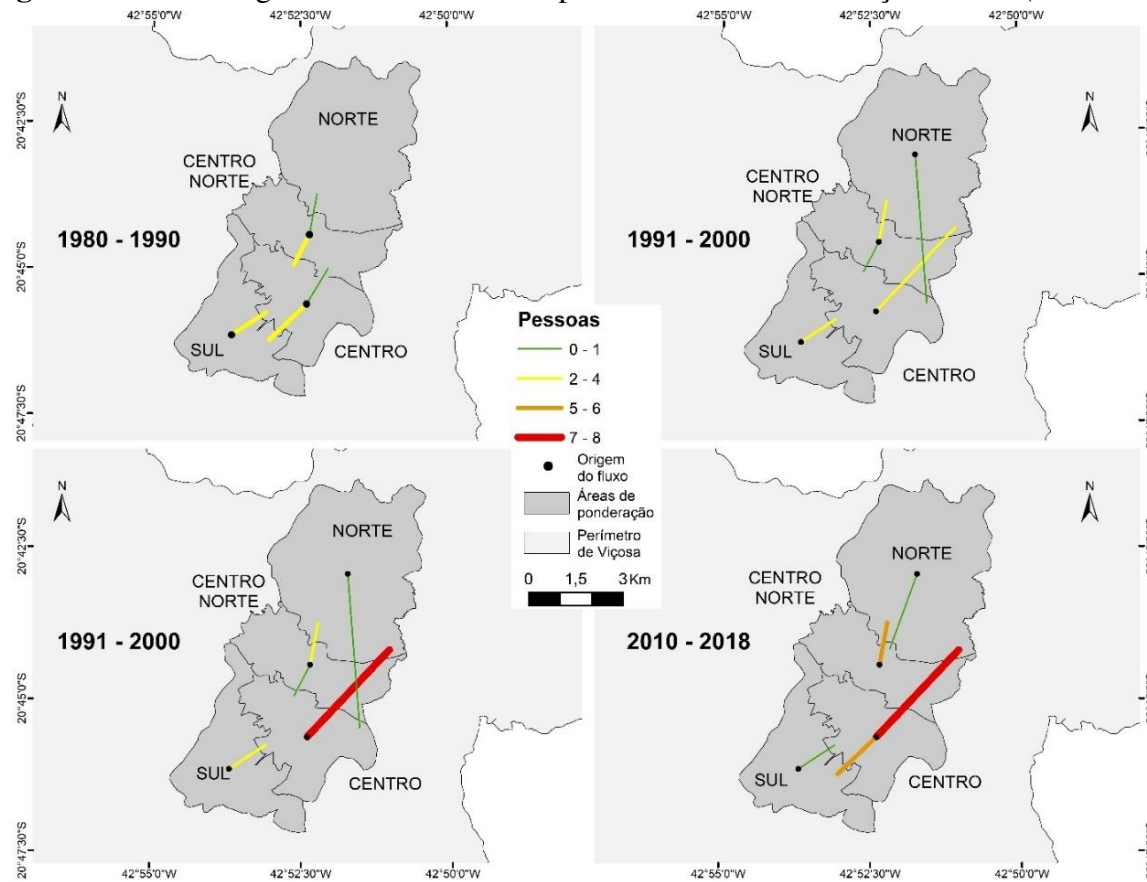
No trabalho de campo foram levantados dados sobre os fluxos intraurbanos nas últimas quatro décadas. O objetivo desse levantamento é perceber como a fixação de domicílios se alteraram nesse período e compreender como esse movimento tem relação com outros fenômenos ocorridos em escala intraurbana, e no caso dessa pesquisa, com enfoque para as alterações no ciclo vital familiar e produção de centralidades. Observando o gráfico 6 e a figura, nota-se que Viçosa tem tido uma intensificação nos seus fluxos migratórios nas últimas duas décadas.

Gráfico 6: Destino do fluxo de pessoas consultadas na pesquisa por agrupamento setorial - Viçosa - MG (1980-2018)



Fonte: Trabalho de campo do autor. Elaboração do autor.

Figura 19: Fluxo migratório intraurbano de pessoas consultadas – Viçosa - MG (1980-2018)



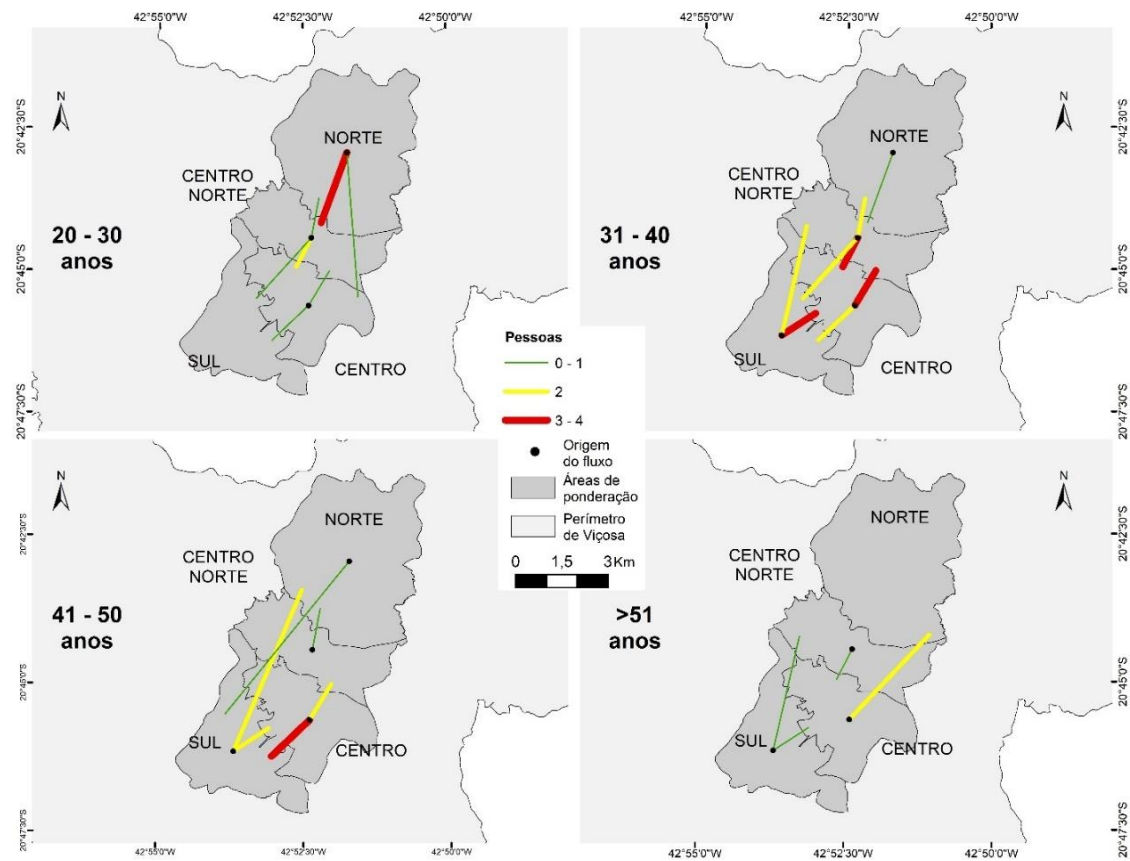
Fonte: IBGE. Bases digitais dos setores censitários. Elaboração do autor.
Sistemas de Coordenadas: Sirgas 2000. Sistema de Projeção: UTM.

1 Antes de tratar dos movimentos representados nos mapas, deve-se reforçar
2 que os dados se referem, exclusivamente, à população adulta dada as limitações na
3 consulta de menores de idade durante os trabalhos de campo, como afirmado na
4 seção metodológica. Outra ressalva diz respeito à localização das retas
5 representadoras dos fluxos. Para facilitar a visualização e evitar poluição visual,
6 optamos por deslocar o fim das retas para outros pontos das áreas de ponderação
7 que não o centroide. O sentido da seta se inicia nos centroides (pontos pretos) e
8 findam nas áreas de destino, sem necessariamente representar a localização precisa
9 da fixação de pessoas.

10 A característica principal dos fluxos migratórios é a saída do centro nas
11 últimas décadas em virtude dos já mencionados fatores que aumentam os custos de
12 fixação nessa área. Os altos custos de fixação no centro podem ser verificados
13 também ao analisar o ICV médio da área, sendo ele mais elevado entre todas. Esse
14 fato demonstra uma tendência em apresentar números elevados de famílias já
15 consolidadas e estáveis economicamente que podem, assim, arcar com os altos
16 custos da área e, sobretudo, o custo de adquirir moradia.

17 A alta presença de famílias nos últimos estágios do ciclo de vida é
18 corroborada também, ao analisar o deslocamento por motivos familiares, no qual o
19 centro é o principal destino de pessoas entre 30 e 40 anos, evidenciando uma
20 tendência dessas pessoas em visitar pais e mães (Figura 21). Além disso, observam-
21 se fluxos consideráveis em sentido contrário, originário do centro e que vão em
22 direção às áreas que apresentam o ICV menor.

Figura 20: Fluxo semanal de pessoas adultas consultadas, por idade, por motivos familiares - Viçosa - MG (2018)



Fonte: IBGE. Bases digitais dos setores censitários. Elaboração do autor.
Sistemas de Coordenadas: Sirgas 2000. Sistema de Projeção: UTM.

O número alto de pessoas que se deslocam ao norte está associado, em grande medida, a fixação na área de equipamentos que propiciam um alto poder de atração, como as faculdades, atraindo pessoas de várias partes da cidade. Além do fator de atração que as instituições de ensino privadas provocaram, também promoveram um aquecimento na oferta de imóveis. Ademais, os custos da terra e dos imóveis da região são inferiores aos da região central. Essa diferença parece ser especialmente atrativa para aqueles que estão iniciando suas famílias independentemente da composição delas. Isso se comprova ao verificar a diminuição do ICV entre os anos de 2000 e 2010, mostrando que as famílias residentes na área tendem a estar em momentos mais iniciais de sua constituição. Outro ponto que confirma a ideia de que existe uma maior fixação de famílias em estágios iniciais no norte de Viçosa está contido na Figura 20, onde observa-se que o maior fluxo de pessoas entre 20 e 30 anos que se deslocam para visitar familiares é advindo do setor norte.

A região Sul, como destacado, também apresenta um importante fluxo em sua direção na década atual, isso se explica, principalmente, em decorrência do surgimento de condomínios na área, além de empreendimentos ligados à moradia popular, como o bairro Coelhas, fruto do programa Minha Casa, Minha Vida². A presença dos condomínios, inclusive, fez com que surgisse a hipótese de que nessa área estariam fixadas famílias em um estágio avançado do ciclo de vida. Mas, essa não se confirmou, pelo contrário, notou-se, através da observação do ICV médio, que assim como na área norte uma grande presença de famílias recém-formadas. Esse fato pode estar relacionado aos novos empreendimentos de moradia popular presentes na área. Porém, há que se conjecturar também, dado que a queda do ICV parece ter sido espacialmente indiscriminada, que a diminuição do ICV é, em realidade, um fenômeno generalizado. A universalidade territorial da queda do ICV pode atestar que boa parte dos arranjos domiciliares, independentemente de onde se encontram, estão em momentos iniciais de sua formação. Dessa maneira, fenômenos como: a) adiamento do casamento, b) maior diversidade e efemeridade

² Programa criado em 2009, pelo Governo Federal, que subsidia a aquisição da casa ou apartamento próprio para famílias com baixa renda.

do estado civil-conjugal, c) crescimento do número de divórcios, d) postergação da saída da casa materna-paterna, etc., podem estar influenciando o ICV para baixo. Se faz necessário recordar, baixos valores de ICV não exclusivamente são decorrentes da idade dos integrantes da família, senão podem representar arranjos compostos por indivíduos mais maduros, porém que estão apenas começando a compor uma nova família independente.

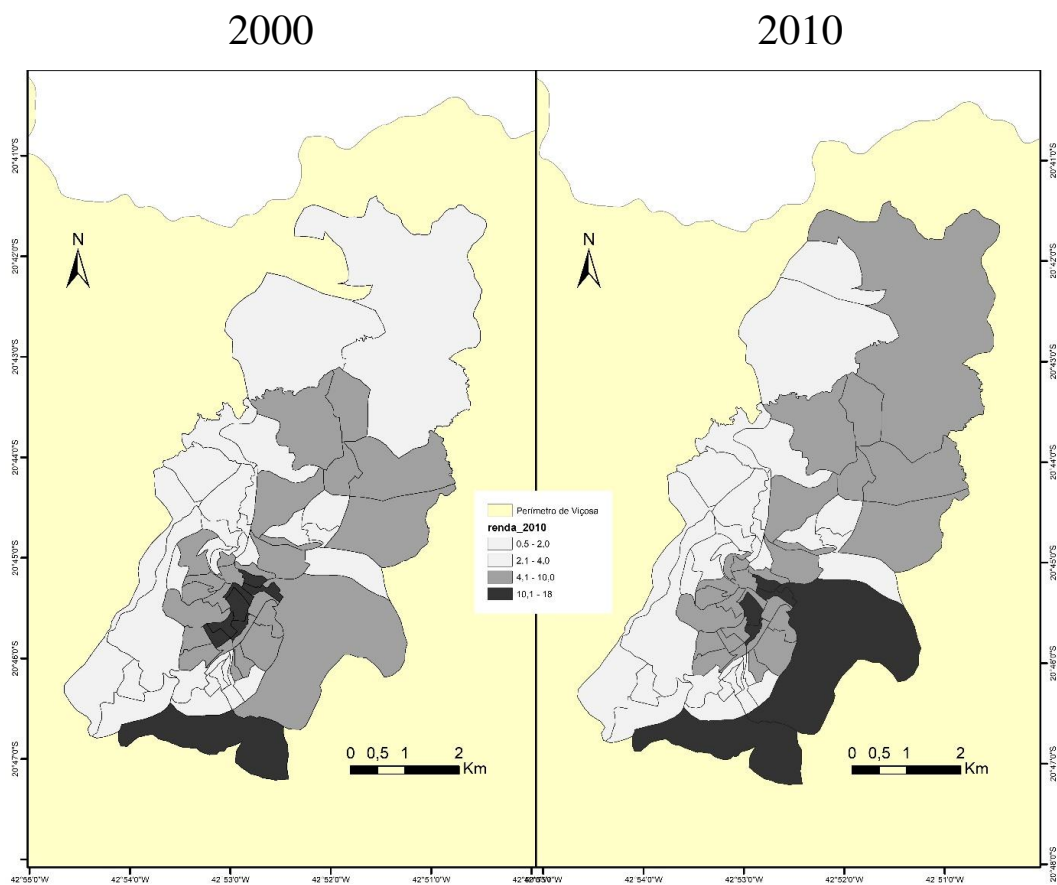
4.2.2 Mudanças na distribuição espacial de renda

Outro tópico a ser abordado e que está intimamente ligado ao consumo, trata-se do perfil socioeconômico da população viçosense e sua distribuição espacial. A análise dessa variável relaciona-se ao entendimento de que o valor dos produtos e serviços ofertados em uma área e o perfil socioeconômico dos indivíduos possuem uma relação de influência mútua. Por exemplo, locais de alto valor de fixação com valores elevados de produtos e serviços atraem indivíduos com maior poder aquisitivo, ao mesmo tempo que ocorre o contrário, locais de fixação de pessoas ricas, atraem produtos com maior custo.

É difícil delimitar qual evento precede o outro, no entanto, a análise da dispersão de renda pela malha urbana é um bom indicativo da mudança do setor terciário, e que por consequência pode produzir reverberações na existência de centralidades.

Nessa análise será utilizada a variável renda média do responsável pelo domicílio, presente nos Agregados por Setores Censitários, para os anos de 2000 e 2010. Essa escolha foi feita pela possibilidade de espacializar os dados (Figura 21) e assim entender as implicações na cidade como um todo.

Figura 21: Renda média do responsável pelo domicílio por setor censitário (2000 e 2010)



Fonte: IBGE. Bases digitais dos setores censitários. Trabalho de campo do autor.
Elaboração do autor. Sistemas de Coordenadas: Sirgas 2000. Sistema de Projeção: UTM.

Tal qual na espacialização dos dados populacionais, optou-se por utilizar aqui os setores com os limites do censo de 2000, não levando em conta o desmembramento feito pelo IBGE no ano de 2010, o objetivo dessa escolha é facilitar a comparação entre os dois momentos. Outra ressalva importante, é a conversão dos valores médios para o número de salários mínimos correspondentes no ano da pesquisa, sendo assim, para o ano de 2000 foi considerado valor de R\$151,00, e para 2010, R\$510,00.

Mais uma vez pode ser percebida a influência da área central em uma variável aqui manifestada pela concentração de setores cuja renda média está 4 e 10 salários mínimos, que segundo o IBGE são os indivíduos situados na classe C, sendo isso recorrente nos dois períodos. Além disso, são também encontrados, alguns setores cuja renda média dos responsáveis está situada na faixa da classe B.

Como já mencionado em outros momentos, o agrupamento setorial Sul, apresentou nos últimos anos um aumento do número de condomínios, atraindo então pessoas com renda mais elevada, isso fica evidente ao analisarmos os setores censitários que formam esse agrupamento. Em 2000, já existia a presença desses setores, que ainda receberam o acréscimo de outros em igual situação.

Por fim, o agrupamento Norte e Centro Norte, que em 2000 apresentavam uma notável presença de setores com a renda média do responsável situados na faixa C, da classificação do IBGE, mantiveram tal presença, acrescidas de mais um setor com configuração parecida. A condição desses dois agrupamentos, mostra a importância dessas áreas quando analisamos o consumo, por indicar uma mudança no perfil socioeconômico em alguns pontos.

As reflexões aqui abordadas, serão retomadas em alguns momentos da análise do setor terciário, que ocorrerá em seção própria, por essas duas variáveis estarem intimamente ligadas.

4.3 Modificações nos espaços de consumo como indutor e produto das alterações populacionais

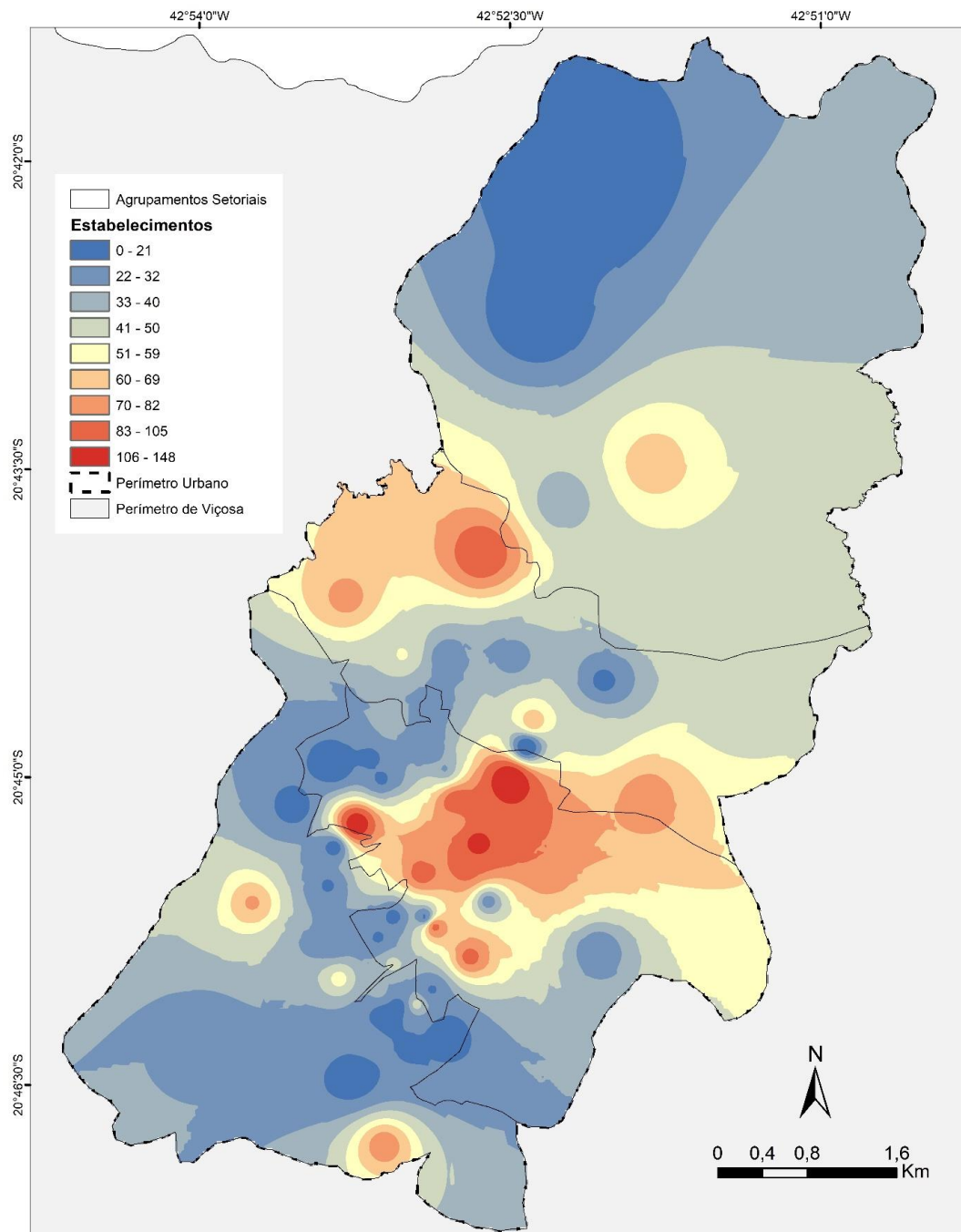
Introduzimos agora a discussão das reverberações no espaço das modificações populacionais, com ênfase para os espaços de consumo, objetivo do trabalho. Estarão dispostos aqui, resultados de análises de dados provenientes de duas fontes, do Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos (CNEFE), e do segundo trabalho de campo realizado.

Como salientado na seção metodológica, o trabalho de campo veio para suprir uma carência que existe sobre informações da mobilidade residencial de Viçosa e sobre a dinâmica dos espaços de consumo. Sendo assim, aqui tratar-se-á dos dados obtidos junto aos proprietários de estabelecimentos comerciais, situados nos 4 agrupamentos setoriais.

O primeiro ponto que se destaca em Viçosa diz respeito à concentração de atividades econômicas dentro da área central. Como destacado por Andrade (2015) e Batella (2017), em Viçosa, mesmo passando por um processo de descentralização,

o centro ainda exerce uma centralidade muito forte e concentra a maior quantidade das atividades econômicas ligadas ao setor terciário (Figura 22).

Figura 22: Número estimado de estabelecimentos comerciais segundo o Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos (CNEFE) - Viçosa - MG (2018)



Fonte: IBGE. Bases digitais dos setores censitários. Trabalho de campo do autor.

Elaboração do autor.

O mapa presente na Figura 22 trata-se de uma interpolação que utilizou o método do Inverso do Quadrado da Distância (IQD), ou como é conhecido em inglês IDW³. Nesse método, presume-se que o valor de uma determinada variável, em que qualquer ponto da área de estudo pode ser definido com base nos dados do ponto de coleta. Além disso, o método também pressupõe que objetos próximos são mais parecidos que os distantes, mostrando assim uma forte dependência espacial.

Para a elaboração do mapa foram utilizados os pontos localizados nos centroides dos setores censitários, ainda que ocorram generalizações, por presumir que os setores são homogêneos. Esse método foi escolhido por permitir que áreas fossem classificadas sem se prender aos limites dos setores, evidenciando de maneira mais nítida os padrões de distribuição dos estabelecimentos comerciais.

A princípio, tinha-me por objetivo analisar como se distribui cada tipo de estabelecimento em Viçosa. No entanto, o IBGE não faz a categorização de todos eles, classificando a maior parte dos comércios na categoria “outros”. Sendo assim, aqui, a análise tratará apenas do número total de estabelecimentos.

Ademais, o CNEFE possui dados de Viçosa apenas para o ano de 2010, impossibilitando assim a comparação com outros momentos, que é um dos objetivos da pesquisa. Mesmo não atendendo em sua plenitude as necessidades de pesquisa, o CNEFE foi adotado como fonte de dados por conferir um panorama fidedigno das atividades econômicas da área de estudo. Além disso, não foram encontradas alternativas ao seu uso, sendo essa, apesar das limitações, a melhor fonte de dados dessa natureza.

Quanto ao mapa, nota-se que, como já destacado por outros autores, a área central ainda concentra para si a maior quantidade dos estabelecimentos. Isso é um indício de que embora se inicie um processo de desconcentração, o centro continua hegemônico na oferta de produtos e serviços.

³ Inverse Distance Weighting

Como descrito na seção que trata da descrição dos agrupamentos setoriais, o agrupamento Sul apresenta um comércio pouco desenvolvido, ficando restrito a alguns pontos, e ligados principalmente a atividades do cotidiano.

Já a porção norte, os agrupamentos Centro Norte e Norte, mais uma vez mostra-se como uma importante via do crescimento de Viçosa, apresentando um número de estabelecimentos que apenas é superado pela área central. No entanto, embora o desenvolvimento da área seja latente, não foi capaz de abarcar toda a área, onde o extremo norte da cidade apresenta os menores índices de atividades econômicas.

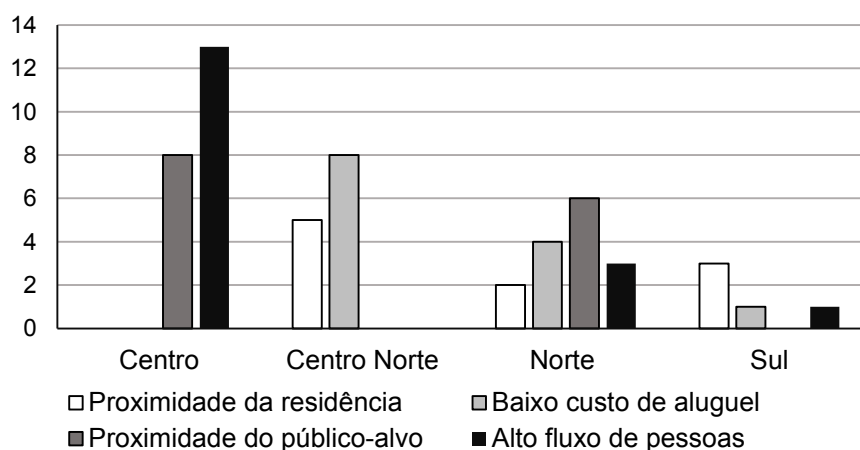
Outro problema referente ao uso do CNEFE para o ano de 2010 é sua desatualização, visto que já se passaram 9 anos desde a sua publicação. Uma solução para mitigar esse empecilho, foram os trabalhos de campo, que consultaram gerentes e proprietários de estabelecimentos comerciais, como dito na seção metodológica. Além disso, os trabalhos de campo permitiram a compreensão de alguns fluxos ligados ao consumo que dados de fontes como o CNEFE não permitem o conhecimento. Por fim, o trabalho de campo permitiu que fosse entendida um pouco da tipologia dos comércios presentes em cada área, o que não foi possível com os dados do IBGE.

Assim como observado pelos dados do CNEFE, o trabalho de campo indica que os agrupamentos Norte e Centro Norte despontam como destino da fixação de novos empreendimentos econômicos (Gráfico 7), sendo responsável por mais de um quarto de todos os estabelecimentos consultados. Já a porção sul, tem seu papel residencial reforçado com os dados coletados em campo.

O primeiro motivo para a estrutura monocêntrica de Viçosa pode ser associado a fatores históricos, ao passo que o centro e seu entorno foram as primeiras áreas ocupadas de Viçosa. Apenas recentemente, essas áreas apresentaram saturação e teve início o processo de descentralização. Um segundo motivo refere-se às vantagens locais que os estabelecimentos possuem ao fixar-se no centro, vantagens essas ligadas, sobretudo, ao alto fluxo de pessoas presentes nesse espaço.

Além da localização na pesquisa de campo, foram consultados donos e gerentes de estabelecimentos comerciais afim de entender as funções do empreendimento e as intencionalidades ligadas à sua posição geográfica (Gráfico 7).

Gráfico 7: Principal motivo para a localização dos estabelecimentos comerciais consultados - Viçosa - MG (2018)



Fonte: Trabalho de campo do autor. Elaboração do autor.

A área central, apresenta, ao mesmo tempo, fatores que atraem e repelem os estabelecimentos. Segundo os proprietários, a principal vantagem em se estabelecer no centro está ligada ao alto fluxo de pessoas na área, o que possibilita maiores ganhos. Seguindo a mesma lógica, a proximidade com o público alvo dos estabelecimentos é elencada pelos entrevistados como o segundo principal motivo para a localização na área central. Já o alto custo de aluguéis não foi apresentado por nenhum dos lojistas como sendo uma variável primordial para a sua fixação. A valorização do centro relaciona-se à saturação da área, onde há uma alta demanda para uma reduzida oferta. Os altos custos também são o motivo para a inexistência de empreendedores que atrelem a localização do estabelecimento à proximidade com sua residência. O que foi verificado é uma tendência em fixar a atividade produtiva na área central, aproveitando-se das vantagens locacionais citadas, e fixar residência em áreas que apresentem menores custos de aluguel e aquisição de imóveis (Tabela 5).

Tabela 5: Relação entre ponto do estabelecimento comercial e a residência do proprietário Viçosa – MG (2018)

LOCALIZAÇÃO DO COMÉRCIO	LOCALIZAÇÃO DA RESIDÊNCIA			
	CENTRO	CENTRO NORTE	NORTE	SUL
CENTRO	6	5	8	2
CENTRO NORTE	4	9	--	--
NORTE	2	1	12	--
SUL	--	--	--	5
TOTAL	21	13	15	5

Fonte: Trabalho de campo do autor. Elaboração do autor.

As características da área central produzem repercussões em outros pontos da cidade, como ocorre com os empresários que optam por fixar-se em áreas com menores custos, como o Centro Norte. Nessa porção do espaço observa-se um processo oposto a área central, em que o baixo custo de aluguel e a proximidade com a residência são os motivos para a localização do comércio. São encontradas, ainda, atividades que demandam grandes espaços, como venda de automóveis e autopeças, reparo de veículos e lojas de materiais de construção. Por esse motivo, surge a necessidade de fixação em pontos com menores custos operacionais. Outra tipologia bastante observada na área são os comércios de produtos do cotidiano, como mercados, açougues e padarias, quase sempre operados por residentes da zona, o que torna a proximidade com a residência o segundo mais importante motivo para a localização do comércio.

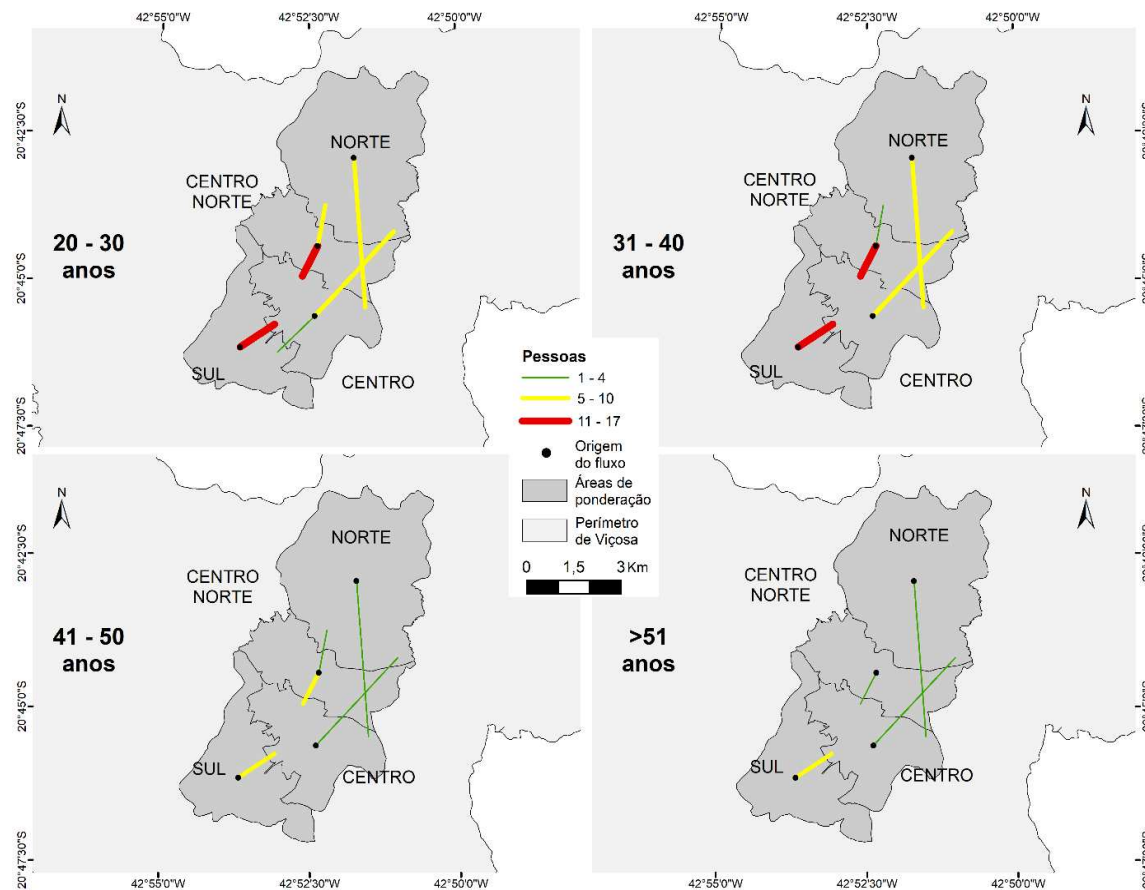
Quanto à porção Norte, pode-se verificar uma alta complexidade em sua estrutura, própria de áreas recentemente desenvolvidas. Os motivos para a fixação dos estabelecimentos nesse ponto são diversos. Ainda assim, verifica-se uma tendência em localizar-se próximo ao público alvo, o que ajuda a compreender a tipologia de boa parte dos comércios da área, sobretudo, aqueles próximos às universidades privadas ali localizados, onde há predominância de bares, restaurantes e copiadoras. O baixo custo de aluguel também é um fator importante para a fixação nessa área, principalmente, por estabelecimentos ligados ao setor automotivo, seguindo o mesmo observado no setor Centro Norte. Soma-se, ainda, a presença na área da BR-120, passagem de um grande número de veículos. Além disso, também são encontrados, como já citados, comércios de bairro que suprem

necessidades básicas do cotidiano, sendo esses atrelados muitas vezes à proximidade existente entre domicílio do proprietário e da atividade.

Com um comércio bastante reduzido, caracterizado, em maioria, por comércios de bairro, a região Sul tem os motivos para a fixação atrelados, sobretudo, à proximidade entre a residência do proprietário e o estabelecimento. Foram mencionados também o fluxo de pessoas e o baixo custo de aluguel, mas cada um em apenas um caso, não apresentando significativa relevância.

Isto posto, o fluxo de pessoas é um fator importante, segundo os comerciantes, na escolha da localização do estabelecimento. Por isso, foram coletadas, junto a amostra total do trabalho de campo, os pontos para os quais se locomovem com o objetivo de consumir. Nesse caso, considerou-se o consumo relacionado tanto a aquisição de produtos quanto de serviços. Dada a importância que a idade da população apresenta nesta pesquisa, fez-se, ainda, a incorporação desse fator na análise dos fluxos para consumo (Figura 23).

Figura 23: Fluxo semanal de pessoas adultas consultadas, por idade, por motivo de consumo - Viçosa - MG (2018)



Fonte: IBGE. Bases digitais dos setores censitários. Trabalho de campo do autor. Elaboração do autor.

Assim, torna-se evidente, mais uma vez, o caráter ainda monocêntrico de Viçosa, sendo a área central a mais atrativa de fluxos atrelados ao consumo e receptora de fluxos de todas as áreas em todas as faixas etárias. A hegemônica atração que existe do centro em todas as faixas etárias associa-se à diversidade de produtos e serviços que podem ser encontrados nessa área. Nas faixas mais jovens – 20 a 30 e 31 a 40 anos –, o movimento é mais intenso o que apresenta relação, principalmente, com falta de estruturas de lazer como cinemas, espaços esportivos e de contemplação, além de bares e restaurantes específicos em outros pontos da cidade, fazendo-se necessário o deslocamento ao centro.

É importante atentar-se, ainda, à área Norte, por destacar-se também como um destino significativo dos fluxos de pessoas para consumir. Essa atração relaciona-se, majoritariamente, a espaços de lazer. A porção Norte da cidade possui espaços de eventos como shows, bastante relevante no âmbito de Viçosa, o que acaba por atrair muitos jovens – em grande maioria, universitários – durante os fins de semana, uma vez que tais festividades são destinadas, principalmente, a esse público. Ademais, o setor também tem em seus limites o Clube Campestre de Viçosa, localizado no bairro João Brás, e o Clube Recanto das Águas, em Silvestre. Esses dois equipamentos atraem, sobretudo, nos fins de semana, grande contingente de pessoas da área central, o que mostra uma grande diversidade de espaços de consumo, se relativizar com o tamanho da área.

Já a área Sul, por apresentar um setor terciário ainda muito incipiente não é capaz de atrair nenhum fluxo ligado ao consumo e, por consequência, gera a necessidade de deslocamento de seus moradores para o centro com o intuito de consumir, dada a inexistência de estabelecimentos que consigam suprir a demanda local.

5. CONCLUSÕES DO TRABALHO E APONTAMENTOS PARA O FUTURO DE VIÇOSA

Desde o início do trabalho uma questão que se mostrou desafiadora: como avaliar a presença e/ou surgimento de novas centralidades. Isso pois esse é um processo bastante complexo, sofrendo influência de diversos atores e ações. Sendo assim, aqui, baseou-se as análises considerando três dimensões principais: a morfologia urbana, a dispersão populacional e as alterações do setor terciário observadas no recorte temporal dessa pesquisa.

Segundo Whitacker e Miyazaki (2012), a forma urbana permite que sejam entendidos diversos processos que ocorrem na escala da cidade, isso porque as formas urbanas são produtos de vários fenômenos. Sendo assim, a análise do produto final – forma – permite compreender o que a fabricou. Portanto, o uso da morfologia urbana é capaz de contribuir para a avaliação de novas centralidades. E, tão importante quanto à investigação da forma como condição sine qua non, as mutações físicas do espaço e do território ao longo do tempo podem ser portas de entrada para a pesquisa dos fenômenos, processos e causas que as provocaram.

Já Rontos e Mavroudis (2011), enxergam no componente populacional e sua dispersão no espaço, uma variável capaz de compreender como se dá o processo de produção de novas centralidades. Essa ideia vem do princípio, adotado por eles de que a distribuição das pessoas pelo espaço está atrelada a outros processos. Dessa forma, os estudos das dinâmicas populacionais são capazes de fornecer bases para a avaliação de novas centralidades.

As duas propostas de análise de novas centralidades são permeadas pelo campo econômico, mais especificamente pela influência do setor terciário na conformação dos territórios. Portanto, levar em conta essa parte do desenvolvimento das cidades é primordial para se vislumbrar centralidades em potencial ou já constituídas.

Diante dos resultados obtidos, evidencia-se que Viçosa vem passando por um visível processo de reestruturação urbana em todas as suas esferas, tanto física, com modificações de fixos, quando na imaterial, ligada às modificações de ordem populacional.

A reestruturação observada em Viçosa perpassa, principalmente, pela influência da área central e todos os movimentos que ocorrem em ligação a ela. No que tange às modificações na população viçosense, observa-se um fluxo de saída desse ponto da cidade. Os motivos são variados, mas os altos custos de fixação despontam como uma explicação bastante plausível. Esse processo é evidenciado pela elevação da renda *per capita* daqueles que habitam junto à área central.

Aliada à repulsão provocada pelo centro, duas áreas despontam como destino de novos indivíduos, sendo a atração gerada por formas distintas. Na porção sul, observa-se uma atração ligada principalmente à multiplicação de condomínios fechados, motivando a fixação de famílias com maior poder aquisitivo e recursos para realizar grandes intervenções no espaço. Já a porção Norte apresenta o conjunto de fenômenos mais intensos no momento atual. Esse aquecimento é provocado pela chegada de grandes estruturas entre o início do século e o momento atual.

No que se refere às modificações observadas no setor terciário, observou-se que nos últimos anos Viçosa recebeu fixos com alto poder de atração de fluxos, como é o caso das novas instituições privadas de ensino superior, e a ampliação da universidade federal, produzindo influência no comércio local. Os novos objetos situados na malha urbana conduziram a um efervescente processo de especulação imobiliária, que por sua vez, culminou no surgimento de novas demandas de consumo. O setor terciário viçosense, apresenta hoje grande variedade de produtos e serviços para consumo, estando esse segmentado em alguns locais para atender a demandas pontuais, como no caso de papelarias, copiadoras e restaurantes juntos às instituições de ensino superior.

Embora a diminuição do ICV tenha se mostrado uma tendência generalizada entre grupos e, em maior ou menor medida, também entre territórios, os dados parecem demonstrar uma tênue associação entre famílias jovens (baixo ICV) e compostas por indivíduos jovens, processos periféricos de expansão urbana e alterações no padrão de uso e ocupação do solo urbano através do incipiente surgimento de pequenos serviços e comércios locais para atender esta demanda crescente.

Tal tendência fica evidente quando retomamos os dados dos setores Norte e Centro Norte, principal direção do processo de expansão urbana e que vem recebendo diversos empreendimentos imobiliários nos últimos anos. Dado o fato de tais áreas apresentarem uma queda no ICV, corrobora-se a ideia de que áreas de expansão urbana atraem grupos familiares com essa tipologia. O impacto desse processo no padrão de uso do solo fica evidente ao ser observado um incremento do número e da variabilidade dos serviços e comércios fixados em tais áreas.

Morfológicamente, nota-se grande modificação da paisagem viçosense, sendo notável o processo de verticalização, que gerou numa paisagem que, em alguns pontos, não se assemelha a de cidades de porte parecido. Outra mudança diz respeito ao aumento do fluxo de carros e pessoas em alguns pontos, sobretudo, em alguns momentos do dia, evidenciando a influência de grandes estruturas na dinâmica da cidade.

Diante das constatações, é possível dizer que Viçosa ainda não deixou de ser uma cidade monocêntrica. Embora ocorra no centro tradicional um processo de desconcentração, e descentralização, tal processo ainda não foi capaz de romper com esse tipo de organização.

Mesmo a estrutura monocêntrica mantida, alguns movimentos merecem atenção, como o ocorrido no vetor norte da cidade, nas proximidades da Avenida Castelo Branco. Nessa área, observaram-se nos últimos anos a chegada de novos equipamentos que atraem fluxos bastante intensos, sendo capaz de modificar a paisagem dessa região. Foi possível observar, ainda, um processo de atração populacional intenso no recorte temporal da pesquisa, sendo esse mais um fator para avaliar uma centralidade.

Por fim, é possível concluir que estamos tendo contato com formação de uma nova centralidade no vetor norte, principalmente junto à Avenida Castelo Branco. Chega-se a essa conclusão considerando as alterações nas esferas populacionais, econômicas e morfológicas aqui apresentadas. Ainda é cedo para afirmar que em algum momento a estrutura monocêntrica viçosense será superada. No entanto, com base no presente, delineiam-se elementos que permitem antever que o desdobramento pode perpassar pela formação de um subcentros nesse ponto da cidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. N. de; FREITAS, R. E. Famílias com idosos nas áreas urbanas e rural: Análise do dispêndio a partir da Pesquisa de Orçamentos Familiares de 2002-2003. In: SILVEIRA, F. G.; SERVO, L. M. S.; ALMEIDA, T.; PIOLA, S. F. (orgs.). **Gastos e consumos das famílias brasileiras contemporâneas**. Brasília: Ipea, v. 2, 2007.
- ALVES, L. A.; FILHO, V. R.. A (re)estruturação do espaço urbano de Uberlândia - MG: uma análise a partir dos processos de centralização e descentralização. **OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia**, v.1, n.1, jan. 2009. pp. 170-184.
- ALVES, L. A.; FILHO, V. R. Breves considerações sobre a descentralização e as transformações na estrutura comercial das cidades. **Ateliê Geográfico**. Goiânia-GO, v. 8, n. 3, dez/2014. pp. 70-87.
- AMORIM FILHO, O. B. Um esquema metodológico para o estudo das Cidades Médias. In: Anais... II. Encontro Nacional de Geógrafos, 1976, Belo Horizonte. Resumo de Comunicações e Guias de Excursões. Belo Horizonte: AGB - Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1976. v. Único. p. 6-15.
- AMORIM FILHO, O. B.; FILHO, N. de S. (org.). **A morfologia das cidades médias**. Goiânia: Vieira, 2005.
- ANDRADE, I. L. **Aplicação do modelo de zoneamento morfológico-funcional para o estudo do espaço intraurbano de cidades médias: análise da cidade de Viçosa-MG**. 75f. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Curso de Geografia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Viçosa (MG), 2015.
- ARRIAGADA, I. Transformaciones familiares y políticas de bienestar en América Latina. In: ARRIAGADA, I. (org.). **Familias y políticas públicas en América Latina: Umahistoria de desencuentros**, CEPAL, Santiago de Chile, 2007.
- BATELLA, W. B. **Os limiars das cidades médias reflexões a partir da cidade de Teófilo Otoni MG**. Presidente Prudente – SP, 2013. Tese de doutorado, área: produção do espaço geográfico. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, campus de Presidente Prudente. pp. 29-56.
- BEZERRA, M. M de O.; CORREA, A. L.; MENDONÇA, A. R. R. de; CLEMENTINO, M. do L. M. Formação, sustentação ou implosão de uma bolha imobiliária? A dinâmica de preços no mercado de imóveis de Natal no período 2005-2010. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 22, n. 1 (47), 2013. pp. 167-196
- BRASIL, IBGE. **Censo Demográfico 2000**. Disponível em <www.ibge.gov.br>. Acesso em 02/05/2017.

_____. **Censo Demográfico 2000**. Disponível em <www.ibge.gov.br>. Acesso em 02/05/2017.

BUSSAB, W. de O.; WAGNER, E. S. Indicador de ciclo de vida familiar: uma construção alternativa. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 8, n. 2, 1994. pp. 92-97.

CARVALHO, A. A. de.; ALVEZ, J. E. D. **As relações entre o consumo das famílias brasileiras, ciclo de vida e gênero**. Caxambú, 2010. pp. 1-23.

CASTELLS, M. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CESAR, C. C. F. **A vida das famílias e suas fases: desafios, mudanças e ajustes**. Disponível em: <<http://www.familia.med.br/imagens/file/A%20vida%20das%20familias%20e%20suas%20fases.pdf>>. Acesso em 09/10/2018.

CIOFFI, Sa. **Famílias metropolitanas: arranjos familiares e condições de vida**. São Paulo, 2014. pp. 1041-1070.

CÔRREA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo. Editora Ática, 1995.

FORTES, M. Introduction. In: GOODY, J. **The developmental cycle in domestic groups**. Cambridge: Cambridge University Press, 1958. pp. 1-14.

FRESCA, T. M. O Espaço Metropolitano de Londrina-PR: novas centralidades e mercado imobiliário. **Revista de Geografia (UFPE)**, Recife, v. 30, n. 2, 2013. pp. 51-78.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. 178p.

HONÓRIO, L. de M. **A produção do espaço em uma cidade universitária: o caso de Viçosa, MG**. 119f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

MONTESSORO, C. C. L. **Centralidade Urbana e Comércio Informal: os novos espaços de consumo no centro de Anápolis-GO**. 399f. Presidente Prudente – SP, 2006. Tese de doutorado, área: produção do espaço geográfico. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, campus de Presidente Prudente.

MOTTER, C.; BATELLA, W. B. **Descentralização e novas centralidades em cidades médias: o caso do subcentro da avenida São Pedro em Chapecó-SC**. Boletim Gaúcho de Geografia, v. 42, 2015.

OLIVEIRA, M. C. F. A. **Algumas notas sobre o “ciclo vital” como perspectivas de análise**. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2. Águas de São Pedro, Abep, 1982.

OTERO, E. V. **Reestruturação Urbana em Cidades Médias Paulistas: a cidade como negócio**. 342f. São Paulo – SP, 2016. Tese de doutorado, área: planejamento urbano e regional. Universidade de São Paulo.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. **Manual de investigação em Ciências Sociais**. 4. ed. Lisboa: Gradiva, 2005. 286 p.

RONTOS, K.; MAVROUDIS, C.; SALVATI, L. **Suburbanisation and Urban Growth: Revisiting the Life Cycle Hypothesis**. 2011. pp. 1-23. Disponível em: <http://www.grupposervizioambiente.it/aisre/pendrive2012/pendrive/Paper/Salvati_suburbanization_athens_ERSA.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2017

SILVEIRA, F. G.; BERTASSO, B. F. **Tipologia socioeconômica das famílias das grandes Regiões urbanas brasileiras e seu perfil de gastos**. In: I CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINO AMERICANA DE POPULAÇÃO. ALAP: Caxambu, **Anais...**, 2004.

SOJA, E. W. **Geografias Pós-Modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

SANTINI, A. The family life cycle as a context for the measurement of nuptiality and fertility. In: International Union for the Scientific Study of Population (IUSSP), 1977. pp. 371-387.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1993.

_____. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. 2. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004. 440 p.

_____. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: Hucitec, 2001.

_____. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. 2. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004. 440 p.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SILVA, A. R. de P.; SOARES, B. R. A centralidade nas pequenas e médias cidades: uma análise da microrregião de frutal no Triângulo Mineiro. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia-MG, v. 11, n. 36 dez/2010. pp. 01 – 08.

SOUZA, M. V. M. **Cidades Médias e Novas Centralidades: Análise dos Subcentros e Eixos Comerciais em Uberlândia (MG)**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Uberlândia-MG: Universidade Federal de Uberlândia, 2009, 248 p.

SPOSITO, M. E. B. **Capitalismo e urbanização**. 14^a. ed. São Paulo: Contexto, 1988. 80p.

_____. O centro e as formas de expressão da centralidade urbana. **Revista de Geografia**, São Paulo, v. 10, 1991. pp. 1-18.

_____. **As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos**. In: SPOSITO, M. E. B.(org.). **Urbanização e cidades: perspectivas geográficas**. Presidente Prudente: GAsPERR, 2001, v. 1, pp. 609-643.

_____. **Novas formas comerciais e redefinição da centralidade intraurbana**. In: SPOSITO, M. E. B. (org.). Textos e contextos para a leitura de uma cidade média. Presidente Prudente: [s/n], 2001.

_____. **O chão em pedaços: urbanização economia e cidades do estado de São Paulo**. Tese (livre docência em geografia) - FCT/UNESP. Presidente Prudente: 2005, 504 p.

_____. Cidades médias: reestruturação das cidades e reestruturação urbana. In: SPOSITO, M. E. B.(org.). **Cidades médias: espaços em transição**. 1ed.São Paulo: Expressão Popular, 2007, v. 1, p. 233-253.

SPOSITO, M. E. B. **Para pensar as pequenas e as médias cidades brasileiras**. 1. ed. Belém: FASE e UFPA, 2009. v. 1. 57p.

TROYANO, A. A. **Trajetória de uma pesquisa: avanços e obstáculos**. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, Fundação Seade, v.4, n.3/4, jul./dez. 1990.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

WHITACKER, A. M. **Reestruturação Urbana e Centralidade em São José do Rio Preto – SP**. 237f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciência e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, 2003.

WHITACKER, A. M. MIYAZAKI, V. K. O estudo das formas da cidade no âmbito da Geografia Urbana. Apontamentos metodológicos. **Revista de Geografia e Ordenamento do Território**, n.º 2 (dezembro), 2012. Centro de Estudos de Geografia e ordenamento do Território. pp. 307-327.

ANEXO I

ROTEIRO DE ENTREVISTA DO TRABALHO DE CAMPO 1

- 1 - Em que bairro o senhor(a) reside? _____
- 2 - Antes do local atual o senhor(a) residia em outra área de Viçosa? Qual?

- 3 - Se sim, em que ano se mudou? _____
- 4 - Em que ano o senhor(a) nasceu? _____
- 5 - Qual o seu local de trabalho? _____
- 6 - Qual o horário do seu deslocamento para o trabalho? _____
- 7 - Qual o horário de retorno para casa? _____
- 8 - Além do seu local de trabalho, para quais outros bairros você costuma se deslocar?
 - () Oferta de serviços administrativos
 - () Oferta de serviços ligados ao setor terciário
 - () Estruturas de lazer
 - () Outro (especifique) _____
- 9 - Quantas vezes na semana é feito esse deslocamento? _____

ANEXO II

ROTEIRO DE ENTREVISTA DO TRABALHO DE CAMPO 2

- 1– Local do estabelecimento: _____
- 2– Entrevistou o proprietário? () Sim () Não
- 3– Tipo do estabelecimento: _____
- 4 – Local de residência do proprietário: _____
- 5– Ano de inauguração _____
- 6 – Motivos para a fixação no local:
 - () Alto fluxo de pessoas
 - () Baixo custo de aluguel
 - () Proximidade da residência
 - () Proximidade do público-alvo